UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIA REGINA BRECHT ALBERTINI

O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: uma proposta
para o psicodiagnóstico de crianças

São Paulo
2012

MARIA REGINA BRECHT ALBERTINI

O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: uma proposta
para o psicodiagnóstico de crianças

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de
Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Programa de
Pós-Graduação em Psicologia
Escolar e do Desenvolvimento
Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Audrey Setton
Lopes de Souza

São Paulo

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Albertini, Maria Regina Brecht.

O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: uma proposta para o psicodiagnóstico de crianças / Maria Regina Brecht Albertini; orientadora Audrey Setton Lopes de Souza. -- São Paulo, 2012.

218 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicodiagnóstico 2. Crianças 3. Winnicott, Donald Woods, 1896-1971 4. Espaço potencial 5. Psicodiagnóstico interventivo I. Título.

RC469

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALBERTINI, M. R. B. **O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: uma proposta para o psicodiagnóstico de crianças.**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho

às minhas queridas

Beatriz e Luisa

que trazem alegria e luz

para o meu cotidiano

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Dr^a Audrey Setton Lopes de Souza, minha orientadora, por ter estabelecido comigo uma relação de extrema confiança o que gerou uma facilitação de minha expressão mais pessoal.

Ao Dr. Gilberto Safra e ao Dr. Sidney Kiyoshi Shine pelas valiosas contribuições na discussão do Exame de Qualificação e que favoreceram a continuidade do trabalho.

À Dr^a Sonia Maria B. A. Parente, pela disponibilidade para ouvir e traduzir alguns acontecimentos de meu fazer clínico.

À Dr^a Tereza Iochico Hatae Mito, a quem posso também chamar de vizinha, pela rica troca de ideias e pelo incentivo ao longo de tantos anos de trabalho.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo suporte e eficiência na condução do processo de aprovação do projeto.

À Direção do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, à Coordenação do Curso de Psicologia e à Coordenação da Clínica Psicológica, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pelo apoio à realização desta pesquisa.

À toda a equipe da secretaria da Clínica Psicológica Mackenzie pelo apoio técnico que tornou a operacionalização mais produtiva e tranquila.

Aos docentes da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pela rica convivência nos últimos anos, pelas proveitosas conversas no café e apoio nos momentos de desânimo.

Às integrantes do Núcleo de Clínica Infantil e Adolescência, com as quais discuto e amplio a prática da clínica infantil.

Às queridas Carmen Nogueira e Cristine Lacet, pela companhia constante e apoio ao trabalho.

Aos pacientes que participaram deste trabalho, pela confiança e apoio à pesquisa.

Aos alunos e ex-alunos que compartilham e vibram comigo na experiência dos atendimentos às crianças.

Ao amigo Luiz Costa Pereira Jr pela disponibilidade, cuidado e competência na revisão do texto.

À querida amiga Lucia Cunha Lee, companheira de jornada e com quem compartilho experiências profissionais e pessoais que ampliam meus olhares do mundo.

À todos os amigos que fui deixando “para ligar depois” por estar atolada no trabalho, muito obrigada pela compreensão!

Às cunhadas Leila e Lilian, e aos agregados, como eu, Agenor e Felipe, pela intensa torcida e pelo acolhimento nessa “grande família” que formamos nesses anos de convivência.

Aos meus sobrinhos, Rafael, Victor, Natalia, Bruna e Maysa, que compartilham suas alegrias e conquistas em nosso convívio familiar.

À Dolores, Anita e Silvia que formam, com minha mãe, o “quarteto fantástico” e trazem experiência e alegria ao nosso cotidiano.

À memória de Rodolpho Brecht, meu pai, lembrança de brincadeiras e música.

À Maria Theresa Moraes Brecht, minha mãe, pelos olhares, apoio e carinho constante na vida em geral e nessa empreitada.

Às filhas queridas, Bia e Lú, que me ensinam a brincar todos os dias. Pelo carinho, incentivo e massagens relaxantes.

Ao Paulo, pelo amor e pela parceria, que tem sido possível pelo nosso encontro potente.

RESUMO

ALBERTINI, M. R. B. **O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: uma proposta para o psicodiagnóstico de crianças.** 2012. 218 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Na área do psicodiagnóstico de crianças, a literatura científica tem apontado para a orientação de que o uso do desenho pode ser utilizado como um valioso recurso. Inserida nesse campo de estudos, esta investigação objetiva discutir a possibilidade do emprego desse recurso com a ampliação de mais um elemento, qual seja: a realização de um desenho conjunto pelo grupo familiar presente na entrevista familiar diagnóstica. Como método, utilizamos o clínico-qualitativo, com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Em termos de procedimento, em uma instituição de ensino superior, dois psicodiagnósticos de crianças foram efetuados. Em ambos, o trabalho consistiu nos seguintes passos sequenciais: entrevista de anamnese com os pais, observação lúdica com a criança, Procedimento de Desenho de Família com Estória, entrevista familiar, entrevista devolutiva. Ao final, a discussão desenvolvida focalizou, principalmente, os seguintes pontos: o uso do desenho conjunto facilitou a expressão de conflitos presentes na criança e no grupo familiar; além de uma avaliação psicológica, o processo de psicodiagnóstico realizado implicou numa forma de intervenção clínica; o conceito winnicotiano de espaço potencial auxiliou a compreensão dos fenômenos.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico. Crianças. Winnicott, Donald Woods (1896-1971). Espaço Potencial. Psicodiagnóstico Interventivo.

ABSTRACT

ALBERTINI, M. R. B. The Use of Joint Drawing in Family Interviews: a Proposal for the Psychodiagnostic Assessment of Children. 2012. 218 pp.
PhD Dissertation – Institute of Psychology, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

In the field of psychodiagnostic in children, scientific works have pointed to the recognition that drawings can be used as a valuable resource. Belonging to this field of studies, the present investigation aims at discussing the possibility of amplifying the use of the drawing with yet another element: the elaboration of a joint drawing by the family group during the diagnostic interview with the family. The method employed was the clinical qualitative research with psychoanalytical basis, particularly the one developed by Donald Winnicott. As to proceedings, two psychodiagnostic assessments of children were carried out at a university institution. In both of them, the work consisted of the following sequential steps: anamnesis interview with the parents; play observation with the child; Family Drawing-and-Story Procedure; family interview; feedback interview. In the end, the discussion mainly focused on the following points: the use of joint drawing helped to express the conflicts present in the children and in the family group; besides being a psychological assessment, the psychodiagnostic process we employed became a form of clinical intervention; the Winnicottian concept of potential space helped to understand the phenomena.

Keywords: psychodiagnosis, children, Winnicott, Donald Woods (1896-1971), potential space, interventive psychodiagnosis.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
2.	FAMÍLIA.....	16
3.	AS CONCEPÇÕES DE PSICODIAGNÓSTICO NA INFÂNCIA.....	28
3.1	Autores de referência.....	30
3.2	A entrevista familiar.....	39
3.3	O uso do desenho.....	47
3.4	O modelo construído.....	56
	4.MÉTODO.....	60
4.1	Tipo de pesquisa.....	60
4.2	Sujeitos.....	61
4.3	Procedimento.....	62
4.4	Material utilizado.....	64
	5.CASOS CLÍNICOS.....	66
5.1	Apresentação caso 1	66
5.1.2	Triagem com os pais.....	67
5.1.3	Anamnese com a mãe.....	70
5.1.4	Anamnese com o pai.....	76
5.1.5	Observação lúdica.....	80
5.1.6	Desenho-Família com Estória (DF-E).....	88
5.1.7	Primeira entrevista familiar	100
5.1.8	Segunda entrevista familiar.....	116
5.1.9	Devolutiva com os pais.....	127
5.1.10	Devolutiva com a criança.....	131
5.1.11	Compreensão diagnóstica.....	134

5.2 Apresentação caso 2.....	136
5.2.1 Triagem com os pais.....	136
5.2.2 Primeira Observação Lúdica.....	139
5.2.3 Segunda Observação lúdica.....	144
5.2.4 Anamnese com a mãe.....	148
5.2.5 Desenho-Família com Estória.....	152
5.2.6 Entrevista familiar.....	167
5.2.7 Entrevista Devolutiva com os pais e a criança.....	188
5.2.8 Compreensão diagnóstica.....	192
6.REUNINDO FIOS.....	194
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
8.REFERÊNCIAS.....	209
ANEXOS	216
ANEXO A.....	216
ANEXO B.....	217
ANEXO C.....	218

1. INTRODUÇÃO

Considerando os tempos atuais, nos quais estão inseridas nossas crianças, inundadas por idealizações exacerbadas que lhe são projetadas pelo ambiente, é fundamental a construção de formas de atendimento capazes de discriminar nos comportamentos delas os distúrbios reativos. Esses distúrbios seriam reações da criança a situações em que são exigidas a realizar adaptações sociais nem sempre possíveis, pois não estão em sintonia com o seu estágio de amadurecimento emocional. Como sabemos, adaptação social não é sinônimo de saúde mental (MARCELLI, 2009).

Os estudos sobre as psicopatologias na infância apontam cada vez mais para uma especificação de critérios de diagnóstico. Em breve, teremos a publicação de novas edições do DSM-IV e do CID-10, referências no campo da psiquiatria, da ciência mais positiva, mas que acabam tornando-se referências até para a população em geral. Nas próximas edições desses manuais provavelmente sairão novas descrições para a esquizofrenia infantil e para o transtorno bipolar na infância, o que pode sugerir também que receberemos crianças mais medicadas.

Nesse contexto social, como articular a demanda dos pais, que buscam respostas e soluções para as dificuldades da criança, e, ao mesmo tempo, oferecer novos olhares, menos centrados em classificações discutíveis, para os delicados e complexos comportamentos infantis?

Existe uma expectativa quanto ao desempenho social das crianças e os pais sentem-se pressionados quando seus filhos apresentam algum comportamento que fuja ao padrão esperado e ocasione um desajuste na adaptação social. Isso porque vivemos um momento em que a cultura valoriza as realizações humanas, a produção é a meta principal e as crianças não ficam afastadas disso, visto que recebem as influências de seus pais, os quais também são exigidos em desempenho. Os núcleos familiares são afetados por

essas cobranças e muitas vezes perdem a capacidade de resolverem sozinhos algumas situações simples do cotidiano.

Nesse sentido, nos atendimentos de crianças, além de incluir os pais para a coleta de dados da história da criança e da família, também sentimos a necessidade de oferecer um espaço de escuta do que eles têm a dizer de seu próprio sofrimento. Além disso, acredito que cada vez mais devemos nos preocupar em oferecer um tipo de atendimento que possa esclarecer o sentido do sintoma apresentado pela criança, como propõe a psicanálise, mas procurando oferecer a compreensão de forma mais palpável aos pais, para que eles, de fato, se sintam incluídos no processo. Além disso, quando ocorre uma compreensão verdadeira é possível uma nova circulação dos afetos e talvez um novo equilíbrio.

Nesse campo, a psicanálise pode oferecer subsídios, já que, por meio da escuta analítica, tem por meta acessar a singularidade de cada sujeito na escuta da subjetividade de cada paciente. Mas não se pode acessar o singular sem que se tenha alcançado o contexto social histórico mais amplo e a história da família da criança, na busca de aspectos da transgeracionalidade que auxiliem a compreensão dos sintomas presentes, aspectos também abordados pelo campo psicanalítico.

Para isso, a clínica com crianças exige mudanças no manejo de algumas situações, modificando até mesmo o enquadre clássico proposto para atendimento, como a inclusão dos pais na sessão.

A minha experiência em atendimentos com crianças tem levado cada vez mais ao uso da entrevista familiar nos processos de psicodiagnóstico e de psicoterapias. A premissa básica apontada é a de observar *in loco* as situações descritas pelos pais nas entrevistas de anamnese, as queixas trazidas por eles e, ao mesmo tempo, as atitudes das crianças na presença deles. Muitas vezes as crianças têm comportamentos diferentes diante de cada um dos pais, isoladamente, e, mais ainda, diante do casal (ALBERTINI; LEE, 1999).

Em novembro de 1995, assistindo ao curso de Alberto Eiguer, psicanalista franco-argentino, em sua própria definição influenciado pelos trabalhos de ambos os países, foi instigante ouvi-lo sobre a possibilidade de oferecer material gráfico para os pacientes nos atendimentos familiares. Relatou uma situação clínica em que, enquanto os pais conversavam com o terapeuta, a criança desenhava, mas ainda sem uma integração do grupo familiar, o que era uma perspectiva naquele atendimento. Durante o curso, efetuei algumas anotações e foi se constituindo a ideia de utilizar o desenho na entrevista familiar diagnóstica, como uma atividade que o grupo realizaria na sessão. A partir daí algumas tentativas foram feitas e o resultado mostrou-se animador: realmente o desenho poderia ser um dispositivo importante e surgiu, assim, a semente para a realização deste trabalho.

O meu contato com a obra de Winnicott, considerando a relevância dos fatores ambientais no desenvolvimento emocional e, portanto, levando-se a uma compreensão da constituição da subjetividade da criança a partir da dupla incidência de fatores congênitos e ambientais, reforçou em mim a importância de realizar um trabalho no momento inicial de procura por um atendimento psicológico, o psicodiagnóstico, incluindo a família.

Quanto ao uso do desenho nas entrevistas familiares, a escolha foi norteada, sobretudo, pela experiência positiva que tenho tido na clínica com as projeções que os pacientes fazem com esse tipo de material. O traço, o desenho, pode ser revelador de aspectos do desenvolvimento e auxiliar na investigação em clínica. Uma das maneiras em que utilizo os desenhos é na proposta de Trinca (1997), do Procedimento de Desenho Estória (DE) ou Procedimento de Desenho de Família com Estória (DF-E), em que a fundamentação para a interpretação é a psicanálise, com base principalmente na associação livre. Outra maneira de uso do desenho é resgatar o Jogo do Rabisco de Winnicott (1984), que prioriza a possibilidade de concepção de um campo transicional para que possa ocorrer, entre o paciente e o analista, uma experiência compartilhada. Inspirada nas duas propostas é que desenvolvi a ideia do uso do desenho conjunto na entrevista familiar.

Este estudo objetiva discutir a possibilidade de utilização desse recurso com a ampliação de mais um elemento, qual seja: a realização de um desenho pelo grupo familiar presente na entrevista familiar diagnóstica. A partir daí, discutir qual a possibilidade de assim proceder no psicodiagnóstico e quais as implicações dessa proposta.

A seguir, no capítulo dois exponho algumas considerações sobre a família para sustentar a minha concepção do desenvolvimento emocional. No capítulo três, apresento os autores de referência no psicodiagnóstico de crianças, a fundamentação para a utilização da entrevista familiar, os conceitos que norteiam o uso de desenhos e o modelo construído. No capítulo quatro apresento o método. Em seguida, no capítulo cinco descrevo dois casos clínicos, incluindo o uso do desenho realizado pela família na entrevista familiar diagnóstica, a análise dos dados e impressões para conduzir o leitor no meu raciocínio. No capítulo seis faço a reunião de alguns fios para “costurar” os conceitos apresentados com a prática realizada. Por fim, no capítulo sete algumas considerações finais para “arrematar” o texto e no capítulo oito, as referências.

2. FAMÍLIA

Família, família

Vive junto todo dia

Nunca perde essa mania

(Arnaldo Antunes e Tony Bellotto)

No campo da psicanálise, Elisabeth Roudinesco (2003), alicerçada, sobretudo, no enfoque do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, aponta para o fato de que a vida familiar constitui um fenômeno praticamente universal. Para a autora,

duas abordagens do fenômeno familiar são possíveis. A primeira, sociológica, histórica ou psicanalítica, privilegia o estudo vertical das filiações e das gerações insistindo nas continuidades ou nas distorções entre os pais e os filhos bem como na transmissão dos saberes e das atitudes herdadas de uma geração à outra. A segunda, mais antropológica, ocupa-se sobretudo da descrição horizontal, estrutural ou comparativa das alianças, enfatizando que cada família provém sempre da união – logo, do estilhaçamento – de duas outras famílias (ROUDINESCO, 2003, p. 14).

No caso da primeira abordagem (a vertical), teríamos uma noção mais próxima do que denominamos como família, enquanto na segunda (a horizontal), ocorreria o que usualmente caracterizamos como parentesco. De acordo com Roudinesco, pela influência do processo de humanização, de

como os indivíduos têm feito a passagem da natureza à cultura, na atualidade existem diferentes formas de organizações familiares em que, por exemplo, casais homossexuais passam a ter o direito a uma união civil e à adoção de filhos. Sobre o assunto, e enfatizando a relevância do enfoque vertical, a psicanalista afirma que “não basta definir a família de um simples ponto de vista antropológico; é preciso também saber qual a sua história e como se deram as mudanças que caracterizam a desordem de que parece atingida na atualidade” (ROUDINESCO, 2003, p.17).

Cabe lembrar que autores de diferentes escolas da psicanálise estudaram a temática da família, por considerarem a sua importância para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Assim, entendida como palco dos principais conflitos relacionais e construções psíquicas do sujeito, a família tem sido investigada, analisada, esmiuçada. A partir dessa dedicada atenção, formas de intervenção foram concebidas e sistematizadas. Tal orientação culminou no atendimento ao grupo familiar, a denominada psicoterapia familiar.

Nesse domínio de estudos, Raquel Soifer (1982), psiquiatra e psicanalista argentina cujo trabalho com crianças e suas famílias teve forte influência de Pichon Riviere e José Bleger, define a família

como estrutura social básica, com entrelaçamento diferenciado de papéis, integrada por pessoas que convivem por tempo prolongado, em uma interrelação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro da qual vai se desenvolvendo a criatura humana, premida pela necessidade de limitar a situação narcísica e transformar-se em um adulto capaz, podemos postular que a defesa da vida é seu objetivo primordial (p.23).

A meu ver, ao empregar a expressão “defesa da vida”, a autora está buscando demonstrar quais seriam as funções da família no cuidado à criança: ensinar o cuidado físico, as relações familiares, a atividade produtiva e recreativa, as relações sociais, a inserção profissional, as relações sentimentais e como formar e consolidar uma nova família.

Essa proposta parte da concepção de uma criança que necessita de todos os cuidados básicos ao nascer e da constatação de que a família deve suprir tais necessidades. A autora aponta que a incidência da família na enfermidade da criança está em que “seu papel de bode expiatório representa uma aprendizagem, que seus progenitores não puderam completar no momento evolutivo correspondente” (SOIFER, p. 37). Ou seja, a enfermidade da criança explicita uma aprendizagem não bem sucedida da parte dos pais. Com base nesse entendimento, ela propõe uma terapia familiar com técnica de jogo, tema que abordaremos no tópico sobre as entrevistas familiares.

Para o psicanalista Luiz Meyer (1987), com trabalho no referencial kleiniano e bioniano, o atendimento familiar é alicerçado no conceito de “familiaridade”, que pode ser definido como um objeto interno compartilhado pelos membros da família a partir de situações não resolvidas por algum membro, tornando-as patológicas. Nesse sentido, os conflitos familiares surgiriam porque os conflitos pessoais, que ocorrem no interior do indivíduo, são externalizados no grupo familiar. Ou seja, por identificação projetiva, os conflitos individuais passam a ser vivenciados no grupo familiar.

A partir dessa compreensão dos conflitos, quando as atitudes dos pais eram identificadas como prejudiciais ao desenvolvimento da criança, abria-se a possibilidade de que o atendimento fosse efetuado a partir do vértice familiar. Nessa perspectiva, o autor aponta dificuldades iniciais para esses atendimentos, sendo a principal a de que a demanda não era dos pais, eles traziam seus filhos para psicoterapia, mas não estavam inicialmente preparados para um trabalho que os envolvesse. Tal fato poderia desencadear ansiedades persecutórias e uma reação muito defensiva ao atendimento familiar. O autor destaca que

as razões subjacentes à aceitação, por parte da família, do convite de virem à terapia relacionam-se principalmente com o que consideram sua responsabilidade social perante o paciente-emergente. (Como já dissemos anteriormente, essas razões são no fundo passos da racionalização.) Uma vez em terapia, descobrem sua responsabilidade psicológica com

relação ao paciente e começam a perceber que todos eles (familiares e paciente-emergente) estão envolvidos até o pescoço numa situação que eles mesmos construíram juntos. (MEYER, 1987, p.156)

Tal aspecto remete à possibilidade de um atendimento do grupo familiar a partir de um pedido para a criança, mesmo quando não foi essa a solicitação inicial, mas exige um bom manejo do psicoterapeuta para que a proposta de trabalho fique clara e seja aceita.

Na perspectiva do psicanalista Isidoro Berenstein (1988), o critério de saúde e doença mental no atendimento familiar não pode deixar de levar em conta o quadro todo observado. Ou seja, não se pode falar do individual sem considerar o grupo familiar, pois fazem parte de um sistema. Nas palavras do autor:

Considerar o doente mental isoladamente é receber e induzir as mesmas respostas, fixas e repetitivas; podemos considerar que elas são resultado do isolamento do doente mental do seu grupo psicossocial, do qual faz parte e com quem se relaciona tanto na saúde quanto na doença. Pensar que a família determina o distúrbio mental de um dos seus integrantes ou que o paciente determina por meio da sua doença “natural” a organização familiar, supõe pensar em termos de causalidade linear. Estudar a relação supõe a passagem a uma causalidade circular ou estrutural. Não podemos saber se a família é causa do distúrbio de um dos seus membros ou se este último condiciona a família que observamos. Além disso, o grupo familiar não quer nem saber de aceitar que o doente mental pertença a ele, com o qual, por sua vez, assinala-se uma heterogeneidade radical. Não somente as pessoas afetadas por diversas doenças mentais são diferentes, mas também o são as famílias estudadas (BERENSTEIN, 1988, p. 85-86).

Kaës (1998), a partir de uma abordagem sistêmica que considera a doença mental de forma não isolacionista, destaca o papel da transmissão do

psiquismo entre gerações e o consequente trabalho clínico com grupos. Para o autor:

A família como matriz intersubjetiva do nascimento da vida psíquica é particularmente solicitada em toda pesquisa sobre esta passagem obrigatória da transmissão da vida psíquica entre as gerações. A psicoterapia familiar psicanalítica, ainda nomeada cura familiar psicanalítica, vem se tornando, ao longo destes últimos anos, um dos dispositivos aprovados de conhecimento da vida psíquica, e do tratamento do sofrimento e da psicopatologia em ação na família (p. 14).

Nessa linha de pensamento, Eiguer destaca a importância dos estudos do grupo familiar e aponta que:

Novas técnicas mediadoras foram inventadas e aplicadas: o genograma, o desenho e o mapa da família... Todo um método de trabalho clínico é reconhecido nas ideias sobre a transmissão da vida psíquica entre gerações, observada com prioridade e considerada como a causa da perturbação (EIGUER, 1998, p.22).

Além disso, argumenta que as famílias saem dos atendimentos fortalecidas após revelações e impressões que envolveram os seus ancestrais. Tal efeito é alcançado nos momentos em que são estimuladas, pelos analistas de família, a voltarem-se às suas histórias, lembranças, quando podem acrescentar detalhes ou modificar impressões (EIGUER, 1998).

Contribuindo para essa forma de compreensão ampliada das dinâmicas emocionais humanas, Benghozi propõe o conceito de “malhagem”, explicando que “o emaranhado dos laços psíquicos de filiação e dos laços de afiliação forma as malhas” (BENGHOZI, 2005, p.102). Na visão do psicanalista, as dificuldades encontradas levariam ao rompimento dos laços, denominado “desmalhagem catastrófica”. Ele considera que as famílias teriam uma capacidade própria de reconstruir os laços psíquicos, o que seria a “resiliência familiar”. Assim sendo, o autor conclui que “uma psicoterapia unicamente individual conduz a uma evolução clínica limitada”. (BENGHOZI, 2005, p.101).

No entendimento da psicanalista e estudiosa do tema família, Belinda Mandelbaum (2008), devemos compreender

a família como campo de interseção entre a realidade social e a vida psíquica, uma tessitura que, em seu arranjo de parentesco e nos significados que atribui a cada um dos lugares que a compõem, sofre a determinação de uma história sociocultural na qual se estabelece e que a atravessa, ao mesmo tempo em que é constituída na interação afetiva entre os membros. Toda família constitui um microcosmo fincado nas intermediações entre a esfera social e individual, o público e o privado, o real e a representação, o biológico e o cultural (2008, p.15).

A autora apresenta uma proposta de trabalho com famílias que denomina “psicanálise da família”, na qual utiliza recursos do modelo psicanalítico tradicional e que podem ser aplicados no atendimento do grupo familiar. Assim, a técnica é baseada no “método psicanalítico em sua plenitude, levando em consideração, como sempre recomenda esse método, as especificidades do paciente, que na verdade em nosso caso é um grupo – o grupo familiar” (MANDELBAUM, 2008, p.54).

No campo específico da criança, um autor que contribuiu para o estudo das psicopatologias na infância foi o psiquiatra paulista Oswaldo Di Loreto. Ele focalizou o que denominou como psicopatogênese ou a investigação da origem das patologias da mente, as quais estariam contidas nas relações familiares. Seus argumentos foram construídos a partir de intensa e numerosa experiência clínica com crianças. Para o autor, existe uma diferenciação entre a psicopatogenese e a psicopatogenia, sendo esta a influência do ambiente familiar nas dificuldades da criança. Suas observações colaboram com a prática nos atendimentos, uma vez que nos alertam para o fato de que nem sempre pais com patologias severas influenciarão seus filhos de maneira direta. Embora, obviamente, não descarte a importância das relações entre os familiares. Em suas palavras:

Na dinâmica das relações familiares, a influência psicológica que cada um exerce por si é modificada pela ação de outros e, tanto pode ser reforçada e potencializada quanto pode ser neutralizada, inutilizada e até transformada no contrário, por estas ações. A experiência clínica mostra que não há nenhuma seletividade ou especificidade nestas ações. Podem ser reforçadas e potencializadas tanto influências tóxicas e indesejáveis quanto influências boas e desejáveis para a mente da criança. *Todo aporte individual, bom ou mau, sofre transformações por efeito das interações* (DI LORETO, 2004, p.256, itálicos originais).

Na visão do psicanalista inglês Donald Winnicott a psicanálise passou por um período em que o foco dado ao atendimento não era mais no indivíduo, mas na família. Preocupado com os excessos contidos nessa forma de abordagem clínica, chamou a atenção para a ocorrência de “uma ênfase exagerada no manejo das dificuldades humanas em termos da família e de outros grupos como fuga ao estudo do indivíduo.” (WINNICOTT, 1989, p. 102).

Nessa perspectiva, o autor demonstra preocupação com o sofrimento individual da criança indicado pelo sintoma e faz um pedido:

Lembrem-se da criança individual, do processo de desenvolvimento da criança, do desconforto da criança, da necessidade que a criança tem e auxílio pessoal e da capacidade que ela tem de usar a ajuda pessoal, simultaneamente, é claro, à lembrança contínua da importância da família e dos vários grupos escolares e de todos os outros que conduzem ao grupo que chamamos de sociedade (WINNICOTT, 1989, p.102).

Apesar de sua ressalva a respeito dos perigos do exagerado acento na família para o trabalho com os sofrimentos individuais, Winnicott foi um dos autores que mais destacou o papel do ambiente na constituição do sujeito. Para o analista, não existe uma criança sem a sua mãe, afirmação fundante de uma concepção de sujeito, qual seja, a de que o desenvolvimento de uma criança se dará sempre a partir do contato com um cuidador. O autor não

descartou a influência dos fatores inatos na constituição do sujeito, mas estudou de maneira detalhada cada etapa do desenvolvimento da criança, desde a sua concepção, em seu contato com o ambiente. Ilustrou ricamente esse processo de crescimento a partir da apresentação de vinhetas dos atendimentos que realizou em sua clínica.

De acordo com Winnicott

Nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente, que de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo. Gradativamente, a separação entre o não-eu e o eu se efetua, e o ritmo dela varia de acordo com o bebê e o ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental objetivamente percebido. Se ninguém ali está para ser mãe, a tarefa desenvolvimental do bebê torna-se infinitamente complicada (1975, p. 153).

A partir desse entendimento, o autor sistematizou a função ambiental estabelecendo três aspectos envolvidos, o segurar, o manejar e a apresentação de objetos. Essa foi a maneira que encontrou para demonstrar o processo de desenvolvimento do bebê, que denominou de maturação e explicita qual a importância do ambiente nesse processo.

Em termos sintéticos, segundo Winnicott, no início o bebê não percebe o ambiente como diferente dele mesmo, estabelecendo uma posição de máxima onipotência em que tudo o que é oferecido parece ter sido criado por ele, definido pelo autor como ilusão. A mãe, ou quem esteja exercendo essa função, estabelecendo uma relação de cuidado com total interação às necessidades do bebê, faz a função de segurá-lo, manejá-lo e apresentar os objetos de forma que essa onipotência não seja rompida para que ele se sinta confiante para seguir em frente rumo ao crescimento. Quando bem sucedida, essa primeira experiência tras para o bebê a sensação de conforto de que é atendido em suas necessidades iniciais e a possibilidade de imaginar que os objetos apresentados são objetos subjetivos, criados por ele, o que minimiza a possibilidade de invasão.

Durante essa primeira etapa de desenvolvimento, a mãe também oferece uma importante função, a de espelho, em que ela se coloca à disposição a fim de que inicialmente o bebê olhe para o seu rosto e veja a si mesmo, para posteriormente percebê-la como diferente dele próprio. Esse processo não ocorre se a mãe reagir refletindo seu próprio humor ou manifestar defesas que não permitem que o bebê veja a si próprio, causando danos ao seu desenvolvimento. Assim, o psicanalista comenta esse delicado processo:

Naturalmente, nada se pode dizer sobre as ocasiões isoladas em que a mãe poderia não reagir. Muitos bebês, contudo, têm uma longa experiência de não receber de volta o que estão dando. Eles olham e não se vêem a si mesmos. Há conseqüências. Primeiro, sua própria capacidade criativa começa a atrofiar-se e, de uma ou de outra maneira, procuram outros meios de obter algo de si mesmos de volta, a partir do ambiente (WINNICOTT, 1975, p. 154-155).

Segundo o autor, quando tudo vai bem, a mãe consegue envolver-se satisfatoriamente e adaptar-se totalmente às necessidades de seu bebê, pois se encontra em um estado especial denominado “preocupação materna primária”. Esse momento inicial da relação é intenso e vai gradativamente perdendo sua força à medida que o bebê desenvolve suas próprias capacidades de percepção do ambiente, o que implica também certo grau de frustração e rompimento da onipotência inicial, sem traumas. Nas palavras do psicanalista:

A adaptação vai diminuindo de acordo com a crescente necessidade que o bebê tem de experimentar reações à frustração. A mãe saudável pode retardar sua função de não conseguir se adaptar até que o bebê tenha se tornado capaz de reagir com raiva, em vez de ficar traumatizado pelas incapacidades da mãe. Trauma significa quebra de continuidade na existência de um indivíduo. É somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do *self*, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma

característica da personalidade do indivíduo. (WINNICOTT, 1989, p. 18).

Além disso, é importante que a mãe apresente o mundo em pequenas doses, atenta a cada etapa de desenvolvimento de seu filho, respeitando o processo evolutivo individual sem causar danos tanto ao bebê quanto à criança que está se desenvolvendo, diferenciando fato e fantasia (WINNICOTT, 1982).

Nesse sentido, Winnicott destaca a importância do ambiente, especificamente da mãe ou de alguém que faça a função de maternagem, para no início do desenvolvimento oferecer ao bebê a possibilidade de viver um processo de ilusão, no qual ele possa acreditar que cria os objetos que lhe são apresentados, tornando-os objetos subjetivos. O bebê tem a ilusão de que criou os objetos que precisou, por exemplo, o seio da mãe quando está com fome, e ela se dispõe a submeter-se a essa necessidade de seu filho, até que perceba que ele possa ir se desiludindo. Segundo Winnicott, “a adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” (WINNICOTT, 1975, p.27). Portanto, cria-se uma área intermediária “que é concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade” (WINNICOTT, 1975, p.26).

Essa área intermediária de experiência não faz parte da realidade interna nem tampouco da externa, mas trata-se de uma realidade compartilhada, embora não ocorra, de fato, uma troca entre o bebê e a mãe. Somente na medida em que se desenvolve, o bebê terá condições de, gradativamente, reconhecer os objetos como não eu, não mais criados por ele e fazendo parte da realidade externa. O autor observou nos bebês o interesse e o uso que faziam de seu próprio corpo nessa descoberta, como punhos e polegares e o uso de alguns objetos que eram escolhidos e passavam a ser incorporados ao seu cotidiano de forma intensa, como ursinhos ou cobertores. Esses objetos foram denominados como objetos transicionais e auxiliam o bebê a suportar melhor a desilusão. Nas palavras do autor:

Introduzi os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (WINNICOTT, 1975, p.14).

No entanto, Winnicott dizia que não estava interessado especialmente no primeiro objeto, “mas estou interessado na primeira possessão e na área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido” (WINNICOTT, 1975, p.15). Portanto, discrimina o interesse pelo objeto, valorizando a função que ele venha a ter na experiência de cada indivíduo, sempre oferecida e facilitada pelo ambiente. Nesse sentido, a realidade passa a ser percebida e não mais concebida pelo bebê, e a separação da mãe é possível graças ao uso do objeto transicional que representa a ligação entre eles.

A partir dessa primeira experiência que é oferecida, “o bebê começa a viver criativamente e a utilizar objetos reais, para neles e com eles ser criativo” (WINNICOTT, 1975, p.141), no espaço potencial que vai ser preenchido com a somatória das experiências. Além disso, o autor entende que:

Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural (WINNICOTT, 1975, p.150).

Portanto, para que seja criado o espaço potencial é importante que o desenvolvimento seja inicialmente facilitado pelo ambiente e posteriormente a criança seja colocada em contato com os elementos da herança cultural “de modo apropriado, de acordo com a capacidade da criança, sua idade emocional e fase de desenvolvimento” (WINNICOTT, 1975, p.152). A partir

dessa concepção temos a possibilidade de “pensar numa terceira área do viver humano, uma área que não se encontra dentro do indivíduo, nem fora, no mundo da realidade compartilhada” (WINNICOTT, 1975, p.152).

Nessa direção, a compreensão da realidade compartilhada permite que, nos processos de atendimento, tenhamos uma clareza de como podemos nos aproximar de nossos pacientes, procurando permitir um genuíno encontro dele com sua capacidade de brincar. Para isso, é necessário que o analista exerça a função de espelho, tal qual a mãe no início do desenvolvimento do bebê, a fim de que permita a possibilidade de o paciente viver a experiência.

Essa é também a perspectiva apresentada por Souza (2008), que, ancorada nas contribuições de Bion e Ferro, aponta que a tarefa desenvolvida pelo analista depende de sua própria capacidade de brincar e compartilhar com a criança. Em suas palavras:

Podemos considerar que a capacidade de brincar da criança se desenvolve a partir da capacidade de brincar do adulto que dela se aproxima e se dispõe a compartilhar com ela esse modo primeiro e primordial de vivenciar o mundo interno e de explorar o conteúdo de suas fantasias. Essa é uma forma de compreender um dos aspectos primordiais do campo analítico, seja de adultos ou de crianças (SOUZA, 2008, p.129).

Para a psicanalista Clare Winnicott (1996), a comunicação muitas vezes pode ser melhor captada por alguém que esteja de fora da família, pois as pessoas de dentro estão muito envolvidas no cotidiano e ficam com a percepção contaminada. A autora sustenta que as crianças precisam ser realmente atendidas em suas necessidades e não distraídas ou levadas a simplesmente modificar um comportamento. Uma modificação só pode ser realizada a partir de uma real compreensão de si mesmo, sempre por meio da experiência compartilhada. A função do analista, então, é desenvolver um terceiro ouvido a fim de que possa ir além das respostas objetivas.

A partir da compreensão da importância do grupo familiar no desenvolvimento emocional do indivíduo, vamos, no próximo capítulo, focalizar a atividade do psicodiagnóstico no atendimento à criança.

3. AS CONCEPÇÕES DE PSICODIAGNÓSTICO NA INFÂNCIA

*A única diferença
entre a loucura e a saúde mental
é que a primeira é muito mais comum.
(Millôr Fernandes)*

O pedido para que seja efetuado um psicodiagnóstico em uma criança geralmente ocorre em função do aparecimento de algum comportamento considerado desviante, na escola ou em casa, relacionado ao desempenho de atividades ou, ainda, a dificuldades relacionais apresentadas pela criança. Os pais procuram ajuda a partir de uma indicação da escola, do pediatra ou, do fato de estarem espontaneamente preocupados com as dificuldades do filho. Usualmente, chegam ao consultório com uma pergunta central: o que está acontecendo com meu filho?

Para responder a essa indagação, pertinente do ponto de vista dos pais, o psicoterapeuta infantil inicia um processo de investigação e intervenção repleto de outras questões, tais como: por que essa criança está apresentando esses comportamentos? Como foi desde o nascimento? Ela nasceu com dificuldades? Em que medida a criança tem clareza do que está acontecendo com ela? E os pais, como eles se relacionam entre si e com a criança? Qual a história dessa família? Quais as características do ambiente familiar, escolar e social em que essa criança vive?

Inicia-se assim o trabalho, com entrevistas com os pais, com a criança, com o grupo familiar e, por vezes, com os professores. Porém, o norteador de todo o atendimento é: qual a noção de saúde mental embasa a atividade em curso? Ou ainda: a criança trazida para atendimento está sendo considerada anormal em relação a outras, pautada em qual critério? Em que medida?

Daniel Marcelli, psiquiatra francês que trabalhou com Ajuriaguerra (considerado um dos principais estudiosos da infância na área da psiquiatria infantil), discute a dificuldade do estabelecimento de critérios de normalidade e de patologia em crianças, pois não se pode pensar normalidade como oposição à doença, enquanto média estatística ou meta ideal a ser alcançada. O autor enfatiza a necessidade de se considerar a individualidade de cada criança, incluindo a análise de sua idade, do ambiente à sua volta, além do próprio sintoma. Em relação ao sintoma, cabe especial atenção para que não seja apenas classificado em termos de adaptação social e sim como possível transtorno reacional (MARCELLI, 2009).

Na visão do psiquiatra, o transtorno reacional é sempre esperado em uma criança em pleno desenvolvimento, pois, na medida em que cresce e se depara com o ambiente, é natural que ocorram reações e essas nem sempre correspondem ao esperado socialmente. Preocupado com uma possível psicopatologização de condutas sadias da criança, o autor esclarece:

Na prática clínica infantil fala-se de distúrbios reativos quando não há organização patológica estruturada de tipo neurótico, mas os problemas constatados vão além da simples “variação do normal”. É atual e sem previsão de desenvolvimento futuro. Portanto inúmeras condutas julgadas patológicas pelo meio mostram-se, na realidade, ou sinais de um protesto sadio, ou provas da patologia do meio (MARCELLI, 2009, p.59).

Nesse domínio complexo e delicado, Di Loreto argumenta que é óbvio que não podemos desconsiderar as dificuldades de cada criança, seja por lesões ou malformações cerebrais, que tendem a gerar distúrbios neuro-psico-motores. Contudo, o dado fornecido por exames não pode ser

considerado de forma isolada e absoluta, pois não existem exames para mostrar a correlação entre as lesões cerebrais e as alterações psíquicas. Assim o psicanalista expõe o problema da fé cega em exames que apontam para lesões cerebrais:

Creio que todos os leitores que têm experiência em clínica psicológica já comprovaram os enganos que resultam da prática de atribuir os distúrbios psíquicos derivando diretamente da lesão cerebral, como se os pacientes lesionados “estivessem dispensados” das relações familiares. Bem ao contrário, são os mais atingidos por elas. Seus déficits, suas fragilidades e suas inabilidades motoras os tornam mais sensíveis a elas, particularmente às dinâmicas familiares de poder patogênico (DI LORETO, 2004, p.250).

Winnicott também considerou a dificuldade em definir a normalidade, tanto em termos de comparação de uma criança com outra, quanto na observação e análise dos comportamentos isolados da criança. Em termos gerais, avaliou que quando a capacidade de brincar está preservada ela terá chances maiores de suportar e superar o processo de crescimento. Acredita que o desenvolvimento sempre implica em renúncias, dado que o mundo interno tem uma ilusão em relação ao mundo externo e a confrontação nem sempre se dá de forma harmônica. Para o autor, “a saúde da psique deve ser avaliada em termos de crescimento emocional, consistindo numa questão de maturidade.” (WINNICOTT, 1990, p.30).

Diante de tal quadro, de questões e argumentos a respeito dos critérios de saúde mental quando voltados à criança, vamos, a seguir, percorrer os autores de referência na área do psicodiagnóstico, os autores que trabalham com entrevista familiar, com desenhos e, em seguida, apresentaremos o modelo construído a partir dessas influências.

3.1 AUTORES DE REFERÊNCIA

A psicanalista argentina Arminda Aberastury (1984) é considerada uma autora de referência na área psicanálise da criança, com contribuições importantes para o campo do psicodiagnóstico infantil e que foram amplamente difundidas, auxiliando a compor os procedimentos técnicos que conhecemos atualmente. Desenvolveu seu trabalho a partir do referencial de Freud, que havia apresentado o caso do menino Hans e inaugurado a possibilidade da análise de crianças, e de Klein, com a técnica de observação e interpretação da brincadeira de crianças. Destacou a importância da entrevista lúdica, descrevendo e oferecendo alguns significados dos jogos, brincadeiras e desenhos das crianças em diferentes etapas de desenvolvimento (1992).

A autora não define o termo psicodiagnóstico, pois em sua proposta este seria uma parte do processo de análise da criança, e sua principal contribuição é a técnica da psicanálise de crianças apresentada com riqueza de detalhes. Seu procedimento inclui a entrevista inicial com os pais, para saber o motivo da consulta e a história da criança e da família, os contatos com a criança na hora de jogo diagnóstica e as entrevistas devolutivas.

Ocampo e Arzeno (1987), psicanalistas de relevância nessa área, ampliam os procedimentos, incluindo as técnicas projetivas, e assim definem o processo de psicodiagnóstico:

É uma situação bi-pessoal (psicólogo-paciente ou psicólogo grupo familiar), de duração limitada, cujo objetivo é conseguir uma descrição e compreensão, o mais profunda e completa possível, da personalidade total do paciente ou do grupo familiar (p.17).

Para as autoras, as técnicas utilizadas englobam algumas estratégias como a entrevista inicial semi dirigida, as técnicas projetivas e as entrevistas devolutivas. Esses procedimentos levariam aos objetivos e à caracterização do processo: “nossa investigação psicológica deve conseguir uma descrição e compreensão da personalidade do paciente” (p. 17). Sugerem, ainda, a confecção de um “quadro global” e de um “panorama

preciso e completo do caso”, incluindo os “aspectos patológicos” e “adaptativos” e, a partir daí, a formulação das indicações terapêuticas adequadas.

Arzeno (1995) discute a importância do psicodiagnóstico, que “é um estudo profundo da personalidade, do ponto de vista fundamentalmente clínico” (p. 13), diferenciando-o do diagnóstico psicológico, “termo que implica automaticamente a administração de testes” (p.5). Para a autora, é fundamental realizar a etapa diagnóstica no trabalho clínico como auxiliar da investigação e para determinar qual o tratamento mais adequado ao paciente. Em sua proposta a bateria de testes é incluída, tanto os de personalidade quanto outros necessários, como de motricidade ou de inteligência, mas com os devidos cuidados para que não sejam atribuídos rótulos aos indivíduos.

Procurando uma definição atual e usualmente aceita, para Cunha (2003), psicodiagnóstico pode ser definido como

um processo científico, limitado no tempo, que utiliza técnicas e testes psicológicos, em nível individual ou não, seja para entender problemas à luz de pressupostos teóricos, identificar e avaliar aspectos específicos, seja para classificar o caso e prever seu curso possível, comunicando os resultados, na base dos quais são propostas soluções, se for o caso (p.26).

Para a autora, é necessário que seja feito um planejamento da avaliação delineado a partir das perguntas ou hipóteses iniciais formuladas. Já os instrumentos de avaliação devem ser escolhidos de acordo com as necessidades individuais.

Em artigo de revisão sobre o tema, Araújo (2007) discute a importância do diagnóstico e da avaliação psicológica. A autora contribui com a elaboração de um recorte histórico e enfatiza a pluralidade atual de estratégias utilizadas, com o uso de instrumentos padronizados e também de procedimentos menos estruturados, destacando o modelo psicanalítico e o fenomenológico.

Trinca (1984) propôs uma abordagem para o diagnóstico psicológico definindo-o como um *processo compreensivo*, englobando nesse processo os vários modelos existentes, como o psicométrico, o comportamental, o psicanalítico e o baseado no modelo médico. Sua proposta procura integrar os métodos utilizados a fim de abarcar a “multiplicidade de fatores em jogo na realização de estudos de caso” (p.15). Dessa maneira, coloca em tela o que os profissionais vivem na prática clínica, ou seja, em muitas situações um só modelo de investigação não consegue identificar todas as possibilidades de diagnóstico em alguns casos especiais. Mais ainda, considerando que devemos sempre fazer avaliações levando em conta os aspectos individuais, existe a necessidade de buscar um trabalho mais ampliado em termos técnicos.

Ainda na perspectiva da clínica, o profissional procura

encontrar um sentido para o conjunto das informações disponíveis, tomar aquilo que é relevante e significativo na personalidade, entrar empaticamente em contato emocional e, também, conhecer os motivos profundos da vida emocional de alguém (p. 15).

O autor delimita também alguns fatores estruturantes para o processo diagnóstico de tipo compreensivo, e geralmente encontrados em um mesmo estudo de caso: importância do objetivo de esclarecer o significado das perturbações; ênfase na dinâmica emocional inconsciente; abarcar o conjunto do material clínico; procurar compreender o paciente de forma global; discriminar aspectos focais e relevantes dos sintomas apresentados; subordinação do processo ao pensamento clínico; preferência de métodos e técnicas de avaliação fundamentados na associação livre.

Prizskulnik (2000), fundamentada na psicanálise, aproxima, num todo coerente, diagnóstico e tratamento. De acordo com a autora, o objetivo do diagnóstico é indicar as estruturas do paciente e o modo de funcionamento da mente, sendo que esses indicadores funcionariam como um orientador preliminar para auxiliar a conduta do analista no início da análise.

Defendendo essa mesma perspectiva de trabalho, Vaisberg e Machado (2000) sustentam a necessidade de se manter um estado de alerta para o perigo de desconectar a realização do psicodiagnóstico de uma prática psicológica, uma vez que isso poderia gerar rotulações e segregação. No atendimento à infância a avaliação é considerada uma etapa fundamental para que se possa esclarecer a etiologia da sintomatologia apresentada pela criança, bem como definir o tipo de estrutura mental organizado até aquele momento e ter uma compreensão do padrão de funcionamento do ambiente em que ela vive.

Barbieri (2008), aproximando diagnóstico de tratamento, propõe o “psicodiagnóstico interventivo de orientação psicanalítica”, o qual

compartilha dos mesmos eixos estruturantes do psicodiagnóstico compreensivo: objetivar a elucidação do significado das perturbações; ênfase na dinâmica emocional inconsciente; consideração do material clínico como um conjunto (que inclui os sentimentos, pensamentos e sensações do psicólogo); busca de uma compreensão globalizada do paciente; seleção de aspectos centrais e nodais envolvidos na dinâmica inconsciente promotora do sintoma; predomínio do julgamento clínico em detrimento das predições possibilitadas por instrumentos empiricamente validados; subordinação do processo diagnóstico ao pensamento clínico; prevalência o uso de métodos e técnicas de exame fundamentados na associação livre, cuja avaliação é feita predominantemente pela livre inspeção do material (p. 581).

Essa concepção, que inclui além da investigação também a possibilidade de intervenção, vai ao encontro da perspectiva de Winnicott (1984) nas consultas terapêuticas. A autora defende que as intervenções não são somente possíveis, mas necessárias e de acordo com as características particulares da situação diagnóstica (BARBIERI, 2008).

De acordo com essas aproximações do termo, nota-se uma diversidade de concepções, porém todas parecem levar ao mesmo objetivo: conhecer algo, atender ao sujeito que procura ajuda da melhor forma possível,

aprofundar a compreensão do fenômeno presente a fim de minimizar o sofrimento.

Especialmente no psicodiagnóstico de crianças, as primeiras entrevistas têm uma importância significativa, pois propiciam um campo de observação do que os pais e as crianças trazem ao atendimento como conflito principal. Nesse sentido, a possibilidade de atender o grupo familiar no início do processo pode facilitar a investigação.

Para a psicanalista Mannoni (1988), respaldada pela psicanálise francesa, que considera a família como ponto de ancoragem para a constituição do sujeito psíquico, a primeira entrevista permite a apreensão dos temas a serem investigados para a compreensão do sintoma clínico da criança a partir de seu significado no funcionamento da família. Denomina esse campo de “situação” e considera que:

Quer o queiramos, quer não, estamos inscritos num determinado sistema de parentesco. A história de cada um é função da maneira pela qual nela reage. A criança que trazem até mim está situada numa família e carrega o peso da história de cada um de seus pais (p.31).

Winnicott, em seu trabalho nas consultas terapêuticas, anteriormente já ponderava como de extrema importância a consideração da primeira entrevista em todos os casos recebidos para atendimento, destacando que esta contém todo o material que será trabalhado durante o tratamento posterior. Além disso, destaca que os pacientes têm “uma certa capacidade de acreditar na obtenção de auxílio e de confiar naquele que o oferece” (1994, p. 230) e ainda apresentam expectativas para serem compreendidos e colaboram com farto material, querendo informar “tudo”. Intitulou essas entrevistas de consultas terapêuticas, para diferenciá-las da psicoterapia, e denominou-as como uma “entrevista diagnóstica”, na qual recebia crianças sozinhas ou acompanhadas de seus familiares e partia da premissa de que o desenvolvimento emocional da criança está relacionado aos fatores ambientais.

Embora com diferentes perspectivas na psicanálise, tanto Winnicott quanto Mannoni propõem a participação dos pais e das crianças nas primeiras entrevistas, creditando uma grande importância à observação dos fenômenos presentes no quadro familiar para a compreensão diagnóstica. Trata-se de uma modalidade de atendimento diferenciada em que a justificativa para o procedimento é a tomada dos dados no grupo familiar. Já nos autores do campo do psicodiagnóstico anteriormente citados, o primeiro contato é geralmente feito somente com os pais, sendo a criança atendida individualmente em outro momento. A justificativa dessa visão é a importância de receber os pais e saber qual o motivo da consulta, deixando-os à vontade para que digam tudo o que quiserem, pois a presença da criança poderia constrangê-los em alguma medida.

Em relação ao contato individual com a criança, Klein (1981) foi uma das primeiras a defender o uso da brincadeira como forma de acesso ao universo infantil, argumentando que as crianças comunicam suas angústias por meio do brincar e este poderia ser compreendido da mesma forma que nos aproximamos dos sonhos. O privilégio que a psicanalista coloca nos elementos simbólicos do jogo ainda desperta algumas críticas, mas não podemos deixar de reverenciá-la por sua enfática defesa do uso do jogo na análise de crianças. Em suas palavras:

O quadro caleidoscópico global, amiúde sem significado aparente, que as crianças nos apresentam numa única hora de análise: o conteúdo de seus jogos, a maneira como brincam, os meios de que se utilizam (pois às vezes atribuirão papéis diferentes a seus brinquedos ou a elas mesmas), e os motivos que se ocultam por trás de uma mudança de jogo – por que, por exemplo, param de brincar com água e começam a recortar papel ou desenhar – todas essas coisas seguem um método cujo significado poderemos captar se as interpretarmos como interpretamos os sonhos (p. 31).

Nesse tema do brincar, para Aberastury (1992) “o brinquedo é substituível e permite que a criança repita, à vontade, situações prazenteiras e dolorosas que, entretanto, ela por si mesma não pode reproduzir no mundo

real” (p. 15). Além disso, “ao brincar, a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação” (p.15).

Embora em momentos diferentes em cada modelo apresentado, em alguma fase do processo de psicodiagnóstico realiza-se o contato somente com a criança. Essa fase é denominada de a hora de jogo diagnóstica (EFRON, et al, 1987) e descrita como: “um instrumento técnico que o psicólogo utiliza dentro do processo psicodiagnóstico com a finalidade de conhecer a realidade da criança que foi trazida à consulta” (EFRON, 1987, p.169). Efron considera, para isso, que a atividade lúdica é uma forma de expressão própria da criança, tal como a linguagem para os adultos e, portanto, a oferta de brinquedos e materiais familiares à criança amplia a possibilidade de comunicação. Por outro lado:

Ao oferecer à criança a possibilidade de brincar em um contexto particular, com um enquadramento dado que inclui espaço, tempo, explicitação de papéis e finalidade, cria-se um campo que será estruturado, basicamente, em função das variáveis internas de sua personalidade (EFRON, p.169).

E, portanto:

Nesta situação, expressa somente um segmento de seu repertório de condutas, reatualizando no aqui e agora um conjunto de fantasias e de relações de objeto que irão se sobrepor ao campo de estímulo. Por isso recorre-se complementarmente, a outros instrumentos ou métodos de investigação (EFRON, p. 169).

Ainda nesse domínio, Arzeno (1995) enfatiza a importância do contato com a criança por meio da atividade lúdica a fim de minimizar as resistências e para que ela possa, na ação com os brinquedos, revelar o que está acontecendo, pois muitas têm maior dificuldade na verbalização. Para a autora, a postura do terapeuta deve ser de observação e, se possível, não participação, mas deve corresponder quando for solicitado a brincar.

Na perspectiva da brincadeira como recurso na comunicação, a indagação de Winnicott - por que as crianças brincam? - e as razões que considera para respondê-la, podem ampliar nossa compreensão da finalidade principal da realização de uma hora de jogo diagnóstica. Em primeiro lugar, o autor confirma que “as crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional” (WINNICOTT, 1982, p.161), para depois lembrar que “as crianças brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados” (WINNICOTT, 1982, p.162).

Segundo as proposições dos autores apresentados, a criança sempre comunica algo na brincadeira, mas nem sempre somos capazes de apreender e, por isso, precisamos buscar diferentes recursos na obtenção dos dados para uma hipótese diagnóstica. Ainda seguindo as ideias dos autores, o momento de compartilhar a brincadeira, em um campo específico, amplia a experiência para a criança, mas é preciso um olhar atento e também aberto à experiência, na figura do profissional, para que isso ocorra de maneira plena. Complementando, nas palavras de Winnicott (1982):

A brincadeira, o uso de formas e artes e a prática religiosa tendem, por diversos, mas aliados métodos, para uma unificação e integração geral da personalidade. Por exemplo, pode-se facilmente ver que as brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e, por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada (p. 164).

Somado a isso, Winnicott (1971) define que é

A brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros (p.63).

Após essa exposição sobre psicodiagnóstico no atendimento à criança, apresento a seguir algumas perspectivas de trabalho com a inclusão da entrevista familiar.

3.2 A ENTREVISTA FAMILIAR

Os atendimentos com crianças podem incluir intervenções sistematizadas às famílias, aos pais ou responsáveis pelos cuidados com as crianças, seja no psicodiagnóstico ou na psicoterapia, embora não tenha sido assim desde sua origem. Melanie Klein, autora que inaugurou a possibilidade de um trabalho psicanalítico sistematizado à infância, não considerava o atendimento aos pais, atuando quase exclusivamente com as crianças, recebendo os pais somente para as entrevistas iniciais para coleta de dados da história de vida e durante o atendimento privilegiava a abordagem individual da criança.

No Brasil, na década de 80, os atendimentos realizados nas Clínicas-escola dos cursos de psicologia na cidade de São Paulo integraram profissionais que naquele momento estavam realizando pesquisas com o intuito de aprimorar os procedimentos clínicos e adaptá-los ao universo das instituições (MACEDO, 1984). Nesse sentido, problematizaram e procuraram alternativas para os atendimentos modificando o tempo de duração, oferecendo processos mais breves; realizando estudos de caracterização para especificar o tipo de clientela que procurava atendimento psicológico; reavaliando os procedimentos técnicos adequados para essas novas demandas.

Além disso, a maioria desses profissionais trabalhava com alunos em formação dos cursos de psicologia, o que exigia uma sistematização com rigor acadêmico. Dentre os trabalhos destaca-se Ancona-Lopez (1984), que realizou uma caracterização dos clientes das clínicas-escola da cidade de São Paulo e um levantamento de como os atendimentos eram realizados; Larrabure

(1984) organizou um grupo de espera com os pais que levavam seus filhos para atendimento psicológico nas clínicas-escola, com o objetivo de aproximá-los dos motivos de procura para atendimento e torná-los mais envolvidos; Silva (1984) criou um grupo de atendimento estruturado de vivência para pais, com proposta de dramatização dos problemas enfrentados. Todas essas propostas visavam uma aproximação dos pais, um esclarecimento dos procedimentos clínicos oferecidos e os resultados apontaram para uma melhora significativa na qualidade dos dados coletados e, portanto, ganhos nos atendimentos às crianças.

Uma década depois, como uma espécie de aprimoramento da proposta inicial, foi sistematizado o modelo de psicodiagnóstico interventivo, com destaque para os trabalhos de Ancona-Lopez, Mito, Yehia, Vorcaro e Ancona-Lopez (ANCONA-LOPEZ, 1995), em uma tentativa de integrar as pesquisas realizadas e oferecer novas modalidades de atendimento psicológico infantil. A consulta a esses relevantes estudos revelam muito da prática naquele momento e, de modo geral, os resultados alcançados foram positivos e ocorria de alguma maneira a inclusão sistematizada dos pais.

Em outras formas de atendimento com os pais, segundo Oliveira (2010), que realizou um estudo de revisão sobre as técnicas em psicoterapia breve infantil, vários profissionais realizavam sessões conjuntas das crianças com a família desde 1967, como Mackay e Lester. Em 1995, Messer e Warren e também Muratori. No Brasil, Knobel, com artigos publicados sobre o tema desde 1967 até 1997, e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicoterapia Breve (NEPPB), formado desde 1987, constituído por profissionais de São Paulo e que incluía psicoterapeutas infantis que realizavam sessões conjuntas.

Deste último grupo citado, pode-se destacar o trabalho de Mito e Yoshida (2004) que indica a possibilidade de atendimentos conjuntos pai/filho, ou mãe/filho, como recurso na psicoterapia breve infantil, tanto em crianças pequenas como naquelas que tenham uma forte dependência da mãe, que possa dificultar a comunicação ou a entrevista com a criança sozinha. As mesmas autoras entendem que essa proposta

tem permitido a compreensão mais profunda e imediata do problema central pelo terapeuta ao mesmo tempo em que tem se mostrado útil porque oferece subsídios para a interpretação e facilita nossas intervenções só com os pais nas sessões terapêuticas subseqüentes (p. 275).

As autoras reforçam ainda que os episódios da interação pais/filho são observados diretamente pelo terapeuta e pelos pais, o que pode tornar as devolutivas dadas a eles mais esclarecedoras.

Os profissionais da psicoterapia breve infantil utilizam as entrevistas familiares como recurso na avaliação dos casos na fase diagnóstica e posteriormente, na fase terapêutica, como auxiliar na indicação da proposta de atendimento simultâneo da criança e dos pais. Nessa modalidade, em que o número de sessões proposto é reduzido, pode ser útil o conhecimento das características da família, a fim de verificar os recursos pessoais para se adaptarem ao atendimento. Mas, como alerta Oliveira (2010), os critérios de indicação não são excludentes, pelo contrário, principalmente os autores da corrente integrativa adotam um posicionamento mais flexível sobre os casos que podem ser beneficiados com o modelo de intervenção breve.

Especificamente no diagnóstico, Soifer (1982) utiliza o recurso da entrevista com o grupo familiar como elemento para a avaliação, considerando que facilita uma visão global do conflito da criança a partir da interação com os membros da família. Além disso, pode também revelar dificuldades em outros filhos, nos pais e fornece subsídios mais precisos para as indicações terapêuticas subseqüentes. Sua proposta de trabalho baseia-se no modelo mais tradicional, incluindo entrevistas de anamnese com os pais, a hora de jogo diagnóstica com a criança e, posteriormente, uma ou várias entrevistas com a família, incluindo todos os filhos, inclusive os bebês. Porém, com essa prática, a autora elimina a utilização de testes psicológicos, “dado o seu caráter estático em comparação com a amplitude dinâmica da entrevista psicológica em que se usam brinquedos e/ou material de expressão (lápis, massa plástica etc.)” (SOIFER, 1982, p.134).

A autora justifica a importância do procedimento no que tange à sensibilização dos envolvidos, pois “ao permitir aos pais que compreendam a interação patológica que se estabeleceu entre eles e seus filhos, damos-lhes a possibilidade de refletirem sobre o tema e traçarem linhas de modificação” (SOIFER, 1982, p.135).

Para Arzeno (1995) é de suma importância a inclusão da entrevista familiar diagnóstica no atendimento a crianças. Ela fundamenta sua proposta assim: “o sintoma da criança é o emergente de um sistema intrapsíquico que está, por sua vez, inserido no esquema familiar também doente, com a sua própria economia e dinâmica” (ARZENO, 1995, p.167). A psicanalista considera ainda a possibilidade de manterem-se as hipóteses sobre o caso suspensas até que seja realizada a entrevista familiar. Recomenda que, com as crianças menores, mais dependentes das figuras parentais e nos casos considerados mais graves, a entrevista familiar tem ainda maior significado. Outro fator importante e em concordância com outros autores “é que ela propicia condutas observáveis para os pais, a criança e o profissional que podem ser tomadas como ponto de referência na devolução do diagnóstico” (ARZENO, 1995, p.168). Além disso, a entrevista familiar pode oferecer indicadores para critérios de indicação ou contra indicação para uma psicoterapia.

Arzeno aponta como critério de contra indicação para a realização da entrevista familiar a situação em que os pais resistem à ideia ou estão separados, pois nesses contextos o nível de angústia da criança poderia ser elevado e comprometeria o bom vínculo com o terapeuta, trazendo uma carga negativa para o trabalho. Esse posicionamento é contrário ao de outros autores já citados, que, considerando as novas configurações familiares, realizam a entrevista familiar com os membros não só disponíveis, mas possíveis de permanecerem juntos em uma atividade. Isso na prática leva a sessões com a mãe e irmãos ou pai e a atual esposa, por exemplo, são os grupos de relação da criança no momento e que são considerados como família, embora nem sempre residam na mesma casa, contudo a criança frequenta suas diferentes residências.

Em sua proposta, Arzeno utiliza a entrevista familiar dentro de um plano de procedimentos para o diagnóstico, que inclui entrevista inicial com os pais, duas sessões com a criança para realização de uma observação lúdica, aplicação de um teste projetivo e a sessão com a família. A técnica utilizada pela analista consiste em oferecer uma caixa lúdica e orientar: “nesta caixa têm coisas para que joguem, conversem ou trabalhem, façam de conta que eu não estou presente. Eu observarei o que acontece quando estão juntos” (ARZENO, 1995, p.173). A partir daí todas as possibilidades de observação e compreensão do terapeuta serão utilizadas e poderá fazer algumas anotações durante a entrevista, considerando os papéis que ocupam, as regras e limites estabelecidos, bem como o padrão da brincadeira.

Souza (1995) em sua proposta de trabalho para ampliar a compreensão da inibição intelectual em crianças, também denomina essa modalidade de atendimento como entrevista familiar diagnóstica (EFD) em que o objetivo é

A investigação da estrutura familiar inconsciente e do significado do sintoma, trazido como motivo da consulta, para seu grupo familiar, permitindo a investigação do conflito familiar e sua expressão em cada um de seus membros (p.70).

A autora justifica essa escolha indicando que “o paciente, trazido ao consultório para uma avaliação, é na verdade resultante não só de conflitos intrapsíquicos, mas também intersubjetivos decorrentes de uma relação familiar patológica” (SOUZA, 1995, p.65). Portanto, segundo a psicanalista, a problemática da criança poderia ser melhor compreendida com a inclusão do estudo das relações familiares, “evitando distorções que porventura poderiam provir de sua observação a partir das produções individuais” (p.66).

A EFD incluiria a possibilidade de levantar dados a partir da interação familiar, mas a pesquisadora alerta para o perigo de tomarmos medidas unilaterais, ou seja, considerar que todo o transtorno da criança seria

somente a expressão de conflitos familiares. De qualquer maneira, antes de tudo cabe lembrar que as relações familiares são

um campo dinâmico no qual convergem linhas de força inconscientes entre pais e filhos. A investigação desse campo e sua possibilidade de acesso à consciência nos proporciona um valioso indicador diagnóstico e de estratégia terapêutica (SOUZA, 1995, p.66).

A sua proposta técnica é de que os membros da família sejam observados durante uma sessão de atendimento do processo de diagnóstico na qual é oferecido material para que brinquem juntos, como uma casa de madeira vazada e peças de mobília, bonecos adultos e crianças, utensílios de cozinha, figuras de animais e carros. O enquadre é estabelecido com a delimitação do tempo e do espaço da sessão e é oferecida a instrução: “trouxe esse material para vê-los e para conhecê-los melhor.” O terapeuta atua como observador participante e registra todo o desenvolvimento da sessão. Para a autora: “a análise desses aspectos permite a passagem e articulação: dos objetos internos aos vínculos, do intrapessoal para o interpessoal e do conflito individual para o conflito familiar” (SOUZA, 1995, p.70).

Safra (2005) não faz exatamente uma entrevista familiar quando realiza um diagnóstico de criança, mas trabalha aspectos do grupo familiar que cabem reflexão neste estudo. Em sua proposta, quando o analista recebe uma criança para atendimento, realiza primeiro uma entrevista inicial com os pais para saber o motivo da procura e aspectos da demanda. Em seguida, faz uma entrevista individual com a criança para que ela possa comunicar o seu conflito, seja por meio da linguagem, da brincadeira ou com desenhos. Depois dessas duas entrevistas, o autor tem um encontro com os pais a fim de comunicar as suas percepções e “ampliar a discussão dos motivos que originaram o pedido de consulta, até que tenham compreendido de forma clara o funcionamento da criança” (SAFRA, 2005, p.50).

Nesse encontro também, depois da devolutiva, ajuda os pais a escreverem uma história sobre o que foi conversado a respeito do filho e para que a contem para a criança com o objetivo de “que eles possam não só criar

uma história que seja útil ao filho naquele momento, mas também aprender um método por meio do qual possam aliviar a angústia da criança em outras situações, quando isto for necessário” (SAFRA, 2005, p.50). Essa história será contada para a criança sempre que ela assim o desejar e até que os sinais de conflito tenham desaparecido. Fica clara a intenção do autor de ampliar a participação dos pais e envolvê-los de forma lúdica no processo de intervenção.

Além do uso da entrevista familiar no psicodiagnóstico, temos a utilização de situações de manejo do grupo familiar, em alguns trabalhos de terapia familiar, que podem fornecer outras ferramentas para os atendimentos.

Eiguer (1995), em seu trabalho com terapia familiar, questiona o uso da observação daquilo que pode ser comunicado em uma sessão de atendimento, argumentando que nem todos os conflitos podem ser verbalizados de imediato no grupo familiar. Vê aí a necessidade de introduzir outras técnicas na sessão, que possam ser facilitadoras da expressão e do trabalho de associação. Sugere algumas, como a esculturação, medida tomada do psicodrama e que solicita aos participantes que assumam posturas fixas, como estátuas, representativas de algum membro da família; a realização do genograma, em que a própria família constrói sua árvore genealógica; e o desenho, atividade que individualmente possibilita a expressão de conteúdos psíquicos e, no grupo familiar, vai facilitar a expressão do que ressoa no conjunto.

A técnica sugerida é a de apresentação de uma folha grande, lápis e canetas hidrográficas com a instrução de que desenhem. O desenho é utilizado tanto no momento de avaliação das características do grupo familiar, quanto no processo já em andamento e, muitas vezes, quando as formas de expressão verbal não estão fluidas. Para o autor, as crianças têm mais facilidade com a tarefa e os adultos resistem mais, temendo julgamento. O material fica à disposição nos atendimentos, podendo ser utilizado ou não, dependendo da vontade do grupo.

Ainda fazendo referência ao uso das entrevistas familiares, cabe citar o trabalho de Féres-Carneiro (1997), que propõe a denominada entrevista familiar estruturada (EFE) no atendimento familiar. Tal perspectiva tem o objetivo “de trazer à tona os dinamismos do funcionamento familiar, possibilitando a realização, em tempo mais curto, de uma avaliação das relações familiares” (FÉRES-CARNEIRO, 1997). Essa modalidade de atendimento

É composta de seis tarefas, cinco verbais e uma não-verbal, das quais duas (tarefas 1 e 4) são propostas à família como grupo e as outras, a cada membro individualmente. Embora cada tarefa pretenda, de forma específica, explicitar determinadas dimensões da dinâmica conjugal e/ou da dinâmica grupal, todas as tarefas, de forma geral, pretendem avaliar padrões básicos de funcionamento da família. As dimensões individuais de tais padrões são consideradas, sobretudo no contexto de suas repercussões na dinâmica das relações familiares (FÉRES-CARNEIRO, 1997).

A autora utiliza a entrevista não somente para diagnóstico, mas, sobretudo, propõe atividades aos membros da família a fim de que possam comunicar-se durante todo o processo de atendimento.

Um aspecto fundamental aqui é uma referência às novas configurações familiares, tema atual e que requer sempre certo ajuste de nossas técnicas para a realização do trabalho, pois nem sempre quando nos referimos à família estamos falando de uma organização com pai, mãe e filhos que tenham laços consanguíneos. Os vínculos ocorrem por aproximação, pelas circunstâncias oferecidas para a criança. Posso citar um exemplo recente em que uma criança trouxe como tema para a sessão uma avó querida que brincava muito com ela. Na entrevista com os pais, descobriu-se que a referida avó era mãe do padrasto da criança (LEE; ALBERTINI, 2001).

Assim sendo, a utilização de entrevistas familiares é um excelente instrumento auxiliar no processo psicodiagnóstico. Elas são empregadas por autores da área, obtendo bons resultados. Nesta pesquisa, a proposta é dar

mais uma contribuição à sua utilização, ampliando as possibilidades de uso da entrevista familiar com o recurso do desenho, tarefa realizada pela família.

Essa perspectiva de trabalho surgiu a partir da minha experiência clínica em consultório e como supervisora de estágio em serviço-escola. No serviço-escola, a prática dos atendimentos em psicodiagnóstico precisa ser sistematizada, os estagiários necessitam aplicar o que aprenderam, mas eu percebia que eles entravam quase em um quadro de pânico quando sugeria que fizessem a entrevista familiar. A possibilidade de administrar tantas pessoas juntas em um atendimento parecia mais aflitiva do que já era a experiência dos primeiros atendimentos. Assim sendo, em uma situação específica em que os pais pareciam muito retraídos, fiz a sugestão de realizarem uma atividade juntos, o desenho, já inspirada pelos trabalhos estudados e o resultado foi gratificante. Desde então tenho usado o recurso em algumas situações e por isso a vontade de sistematizá-lo teoricamente neste estudo.

3.3 O USO DO DESENHO

O uso do desenho como auxiliar nos processos de investigação de aspectos emocionais ou intelectuais dos indivíduos no campo da psicologia tem sido alvo de diversos estudos. Podemos salientar a importância e ampla aceitação dos psicólogos na utilização dos desenhos, alguns de forma mais sistematizada, procurando identificar detalhadamente os traços, e outros considerando as projeções nos desenhos de forma mais ampla e buscando aspectos afetivos (GREIG, 2004).

Dentre os vários estudiosos que analisaram a evolução do grafismo e a possibilidade do desenvolvimento de técnicas para avaliação intelectual ou de maturidade mental pode-se destacar o trabalho de Goodenough. Em 1926, fez uso do desenho como indicador do desenvolvimento mental com o

Desenho do Homem. Em 1949, Machover desenvolveu o teste do desenho da figura humana como técnica projetiva a partir de sua experiência com o Teste de Goodenough na avaliação da inteligência infantil. No ano de 1963, Harris elaborou uma revisão desses estudos com o desenho do homem, da mulher e de si-mesmo, procurando ainda indicadores de maturidade.

Em 1968, Koppitz desenvolveu outro teste mental baseado em desenhos da figura humana feitos por crianças e organizou uma escala com trinta itens de desenvolvimento que deveriam ser avaliados. Ao final, o resultado poderia ser convertido em um número de coeficiente intelectual. Mas a pesquisadora incluiu uma categorização com trinta itens de desenvolvimento para que fossem também avaliados indicadores emocionais a partir do desenho de uma figura humana, isso com o objetivo de apreciar o ajuste ou distúrbio emocional da criança.

Segundo Cox (2007), é evidente o alcance, mas também os limites do uso do desenho como indicador do nível de maturidade mental. Aponta para a necessidade de uma maior sistematização de seu uso, bem como de outros recursos complementares para a avaliação de níveis intelectuais. Em suas palavras:

esses tipos de testes são bem confiáveis e apresentam uma correlação bem razoável com outros testes de inteligência [...] e por serem fáceis de aplicar e bastante fáceis de avaliar, esses testes são úteis em fornecer uma estimativa do nível de desenvolvimento da criança. No entanto, por serem baseados em uma contagem complexa, baseada por sua vez em detalhes incluídos na figura, muita informação relacionada à estrutura da figura é perdida (p. 87).

Ainda para a autora:

Figuras desenhadas espontaneamente e aquelas que são parte de uma cena maior talvez não se prestem à avaliação, pois podem não ser as mais detalhadas que a criança saiba desenhar e ao ministrar esses testes vale a pena verificar se as

figuras são comparáveis à sua produção habitual e dignas de representá-la (p.87)

Essa crítica recente ao uso dos desenhos para esse fim vem ao encontro da maneira como os desenhos têm sido utilizados nas avaliações psicológicas: como indicador de aspectos da personalidade. Para citar alguns autores precursores: Gallese e Spoerl (1954), Kotkov e Goodman (1953), Berman e Leffel (1953) e Cleveland e Fisher (1955).

Nesse campo, o trabalho de Hammer (1991), com o estudo das projeções nos desenhos e o uso no contexto clínico, teve uma importância fundamental, uma vez que resgatou os estudos de Machover com o desenho da figura humana e de Buck com o desenho da Casa-Árvore-Pessoa (em inglês *House-Tree-Person* [H.T.P.]). Hammer indicou que ambos desenvolveram trabalhos com desenhos como uma tentativa de avaliar inteligência, mas que se transformaram em instrumentos de exploração da personalidade, portanto surgiram como um subproduto das escalas para a medida da inteligência.

Nas palavras de Hammer:

Buck, tendo tido a experiência observando como os fatores não intelectuais da personalidade inundavam os desenhos, reteve o H-T-P dentre os demais subtestes intelectuais e o transformou na rica técnica projetiva em que se desenvolveu depois. Assim, tanto Buck como Machover, trabalhando independentemente em Virginia e Nova York, tomaram as antigas máximas citadas no capítulo anterior, a saber, “quando um artista pinta um retrato, pinta a rigor dois, o seu e o do modelo” e “o artista não vê as coisas como elas são, mas como ele é” e as transpuseram para uma linguagem adequada ao século XX. Portanto, Buck e Machover foram os principais arquitetos e os expositores mais eloqüentes no campo dos desenhos projetivos (1991, p.14).

Esse autor desenvolveu um amplo estudo com vários casos clínicos ilustrativos sobre a possibilidade de uso e possíveis interpretações dos desenhos como campo de projeções apontando alguns pontos fundamentais para análise, como o uso de símbolos derivados da psicanálise, o folclore, a arte, os mitos, as fantasias e quaisquer outras atividades influenciadas por determinações inconscientes. Por outro lado, alerta que

na prática clínica, são óbvios os perigos de basear deduções interpretativas em dados isolados. Na prática, a confirmação da especulação interpretativa feita com base num desenho precisa ser verificada não apenas por meio dos outros desenhos, mas da bateria projetiva como um todo, a história do caso, a impressão clínica vislumbrada durante a entrevista com o sujeito e todas as outras informações disponíveis (HAMMER, 1991, p.35).

No Brasil podemos citar as importantes contribuições de Van Kolck (1981, 1984), que procurou ampliar a sistematização do uso do desenho e das técnicas projetivas gráficas na psicologia, incentivando pesquisas e orientando trabalhos relevantes na área desde 1966. Apresentou trabalhos desenvolvendo guias práticos para avaliação e interpretação dos desenhos, especialmente o desenho da figura humana, da árvore e do desenho livre. Fundamentou e detalhou possibilidades de análise, considerando como itens gerais a posição da folha, a localização da página, o tamanho em relação à folha, as qualidades do grafismo e as resistências. Seu trabalho tem grande influência na área da psicologia e principalmente na esfera da avaliação psicológica.

Outra possibilidade para o uso do desenho foi apresentada por Winnicott (1984), em 1971, com o jogo do rabisco (*squiggle game*), um procedimento clínico para facilitar o contato nas primeiras entrevistas com a criança. Sua proposta é a de que o desenho sirva como um instrumento favorecedor para a comunicação da angústia básica da criança. Ele argumenta que a maneira como é realizada a consulta pode ter efeitos terapêuticos, o que amplia seu alcance. O método é simples e consiste em utilizar folhas e dois lápis, de preferência de cores diferentes, para que fique mais fácil diferenciar o traço de cada um. O terapeuta faz um rabisco qualquer na folha e pede que a

criança adivinhe o que é, dê um sentido a ele ou complete o desenho com seu lápis. A partir daí ocorre um diálogo para que os temas possam surgir e espera-se que a angústia principal seja comunicada. Durante uma entrevista podem ser feitos de vinte a trinta desenhos, dependendo da relação que for estabelecida.

O autor insiste na ideia de não descrever o procedimento como uma técnica, dado o risco de transformá-la em algo padronizado, que perderia todo o seu valor. Nas palavras de Winnicott:

Existe um perigo muito real em descrever o que faço; de que outros o tomem e o transformem em algo que corresponda a um Teste de Apercepção Temática. A diferença entre isto e um T.A.T. é, primeiro, que não se trata de um teste, e, segundo, que o terapeuta contribui com sua própria engenhosidade quase tanto quanto a criança faz. Naturalmente, a contribuição do terapeuta é abandonada, por ser a criança e não ele quem está comunicando aflição (1994, p. 231-232).

Para Winnicott, o psicoterapeuta deve estar familiarizado com os processos do desenvolvimento emocional infantil, tanto para distinguir as diferentes situações que a criança apresenta, quanto para perceber o padrão de relacionamento com o ambiente. Nesse sentido, a entrevista inicial com o uso do jogo do rabisco “está fundamentada na concepção de espaço transicional também formulada por Winnicott” (SAFRA, 1984, p.52) e será útil apreender em que etapa do processo de desenvolvimento a criança está.

Também defendendo a ampliação da compreensão diagnóstica e o risco do uso exclusivo de técnicas projetivas padronizadas, Trinca desenvolveu em 1972 o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) como “meio auxiliar de ampliação do conhecimento da dinâmica psíquica no diagnóstico psicológico. Sendo uma técnica de investigação clínica, tem por base os desenhos livres e o emprego do recurso de contar histórias” (TRINCA, 1997, p. 13). Nas palavras do autor:

O desenho livre, associado a histórias em que ele figura como estímulo para essas histórias, constitui instrumento com

características próprias para obtenção de informações sobre a personalidade em aspectos que não são facilmente detectáveis pela entrevista psicológica direta (TRINCA 1972, apud TRINCA, 1997, p.13).

Para fundamentar o procedimento, Trinca destaca que

Os desenhos livres servem como estímulos de apercepção temática. O Procedimento de Desenhos-Estórias reúne e utiliza informações oriundas de técnicas gráficas e temáticas de modo a se constituir em nova e diferente abordagem da vida psíquica. Basicamente, é formado pela associação de processos expressivo-motores (entre os quais se inclui o desenho livre) e processos aperceptivos-dinâmicos (verbalizações temáticas) (1997, p.13).

A aceitação e o uso desse procedimento no campo da psicologia foi grande e pode ser justificado nas palavras de Di Loreto

Além de potencializar as vantagens que desenho e estória possuem isoladamente, é de aplicação agradável, instigante e de escolha duplamente livre pelo paciente (leia-se, não violento). E inúmeras outras virtudes que se descobrem usando (DI LORETO, 1997, p.7).

Trinca sugere a aplicação individual do procedimento e em condições favoráveis, como sala com móveis adequados para realizar os desenhos, silenciosa e com luminosidade adequada que permita a diferenciação no uso das cores. O material utilizado é simples, com folhas tamanho ofício, lápis grafite e lápis de cor. São solicitados cinco desenhos livres e, após o término de cada produção, é pedido uma estória e em seguida é realizado um pequeno inquérito e solicitado um título. O tempo de duração é de aproximadamente uma hora e a atividade pode ser realizada em até dois encontros. Enquanto o sujeito conta a estória, o examinador deve anotar detalhadamente tudo o que for dito.

Como a fundamentação teórica e prática do Desenho-Estória é psicanalítica, a realização do inquérito e, posteriormente, a análise do material considera a associação livre como fundamento básico que pode fazer emergir o conteúdo do mundo interno e, portanto, facilitar a comunicação das angústias.

A interpretação do material considera aspectos como:

- a) conhecimentos psicanalíticos sobre o inconsciente;
- b) regra fundamental da associação livre, tal como é utilizada na Psicanálise;
- c) conhecimentos sobre as relações entre os desenhos e os sonhos;
- d) princípios das técnicas projetivas gráficas;
- e) formas de apercepção temática das técnicas projetivas;
- f) processos de realização de entrevistas clínicas não-estruturadas e semi-estruturadas;
- g) referenciais e modelos que atribuem importância à dinâmica da família na gênese dos distúrbios emocionais;
- h) evidências clínicas de que a reiteração, em sequência, do par desenho verbalização conduz à explicitação com maior clareza dos conflitos e dificuldades emocionais (TRINCA, 1997, p.26).

Posteriormente Trinca desenvolveu o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), inspirado no primeiro, mas com o acréscimo do tema. Trata-se de um importante instrumento de avaliação no psicodiagnóstico, que também teve uma aceitação significativa no meio da psicologia clínica. Sua administração deve ser feita solicitando ao sujeito que faça quatro desenhos, de acordo com a seguinte sequência de instruções: “1) desenhe uma família qualquer; 2) desenhe uma família que você gostaria de

ter; 3) desenhe uma família em que alguém não está bem; 4) desenhe a sua família” (TRINCA, 1997, p.24).

Para a psicanalista Celia Blini de Lima, o procedimento pode ser um importante recurso tanto no psicodiagnóstico quanto nos processos de psicoterapia e utilizado com crianças, adolescentes, adultos ou casais. A interpretação do material no DF-E pode considerar basicamente os mesmos critérios que os adotados no D-E, contudo o tema proposto amplia alguns fatores, como sugerido por ela:

- a) o modo pelo qual o indivíduo conceitua a família;
- b) o valor atribuído à família no contexto de vida;
- c) como são vividas as funções materna e paterna;
- d) como são atribuídos os papéis e seu funcionamento dentro da dinâmica familiar;
- e) o grau de maturidade do indivíduo, sua capacidade de se responsabilizar por suas atitudes e características pessoais;
- f) as expectativas sobre cada membro do grupo e da família como tal;
- g) o grau de envolvimento (aproximação/distanciamento) do indivíduo com o próprio *eu* e com os membros da família;
- h) a condição básica de criatividade, a liberdade interior, a adaptação ao *status quo*, o modelo de relação proposto pela família e por padrões culturais;
- i) o uso da realidade na solução dos conflitos interpessoais e/ou intrafamiliares (recursos do ego, defesas utilizadas etc.);
- j) a projeção, por parte do sujeito, de conflitos, dificuldades, limitações e expectativas no mundo externo, mais especificamente em um ou mais membros da família;
- k) como são configuradas as projeções (na análise cruzada) e qual a dinâmica que se instala a partir do jogo de relações inconscientes;
- l) o resultado das projeções recíprocas, a complementaridade nas relações e o tipo de vínculo que se estabelece;
- m) a relação do sintoma com a dinâmica familiar em suas influências recíprocas;

- n) a relação do sintoma com as produções gráficas e temáticas do sujeito, suas fantasias sobre a doença e a cura;
- o) a tendência à repetição de um modelo introjetado das famílias de origem;
- p) a detecção dos pontos a serem trabalhados psicoterapeuticamente nas relações intrafamiliares e a localização dos aspectos de imaturidade nos membros da família (LIMA, 1997, p. 233-234).

Vários outros trabalhos têm sido desenvolvidos utilizando o DF-E como recurso de investigação, dentre os quais podemos destacar o de Lima (1991), Felipe (1997), Lima (1997) e Vilella (1999), todos em uma abordagem clínica e utilizando o procedimento com a criança, com a família ou com os irmãos, sempre na busca de um recurso que facilite a exploração.

Nessa medida, o desenvolvimento dos dois procedimentos desenvolvidos por Trinca ampliou e enriqueceu o trabalho clínico e portanto:

Constituem-se em meios penetrantes de investigação clínica da personalidade, que visam atingir os distúrbios principais, os conflitos e as perturbações nodais que estão presentes, em determinados momentos, na vida das pessoas. Trata-se de importantes recursos de avaliação, acompanhamento e terapia das dificuldades emocionais. Ao longo do tempo, ajudaram a dar ao diagnóstico psicológico *status* de maior flexibilidade, corroborando a importância do diagnóstico de tipo compreensivo. Neste prevalece antes o espírito de investigação do que a submissão aos padrões estabelecidos pelas teorias dominantes. As conclusões clínicas decorrem de se poder conduzir a investigação às suas últimas conseqüências (TRINCA, 1997, p.32).

Assim, o uso de desenhos nos procedimentos tem sua origem nos primórdios da atividade clínica, não há dúvida sobre sua importância e pesquisas nesse campo continuam a fundamentar sua prática. Esta pesquisa pretende dar mais uma contribuição a fim de que possamos sempre atualizar os fazeres clínicos com rigor científico.

3.4 O MODELO CONSTRUÍDO

A partir dos pressupostos apresentados, que foram basais para o meu percurso profissional, apresento e justifico algumas escolhas feitas visando a construção do modelo de psicodiagnóstico que discuto nesta tese.

Em primeiro lugar, cabe destacar que o modelo construído alcançou esse *status* depois de algumas experimentações, sendo de fato uma construção, não foi colado de nenhum dos modelos prontos, embora tenha total influência de cada um deles.

O psicodiagnóstico com crianças aqui delineado credita importância ao atendimento aos pais, entendendo ser essa uma via de acesso fundamental para mudanças. Por outro lado, procura respeitar a singularidade da criança e considera a relevância de uma escuta clínica às suas necessidades individuais que, mesmo ligadas aos relacionamentos com o ambiente, instala-se no seu modo de ser.

O modelo construído e aqui apresentado procura um modo de realizar a coleta de dados no psicodiagnóstico, ampliando o campo de observação, de tal forma que possa englobar todas essas premissas, a partir do uso do desenho conjunto nas entrevistas familiares.

Nesse sentido, a realização do desenho pela família pode ser entendido como um dispositivo clínico, que na definição de Parente diz respeito “às funções exercidas pela analista buscando oferecer condições de a criança usufruir de situações que permitam o desenvolvimento de seu potencial ativo e criativo”. (2008, p. 20). Portanto, confio na possibilidade de construção de um dispositivo clínico para facilitar a criação de condições para que ocorra uma experiência e uma comunicação significativa para a família.

Essa comunicação ocorre em um tempo e em um espaço dados a partir do campo de experiência oferecido pelo analista. Essa experiência ocorre a partir da realização de um desenho, que no caso é realizado pelos pais e pela criança em conjunto. A comunicação pode ocorrer entre todos os envolvidos, incluindo o analista. Além disso, a proposta para que efetuem um desenho em conjunto pode ampliar o espaço para que a criança e os pais reencontrem um lugar no ambiente familiar, algo que foi perdido e que precisa ser reencontrado. Nesse sentido, essa transformação torna esse método de investigação interventivo.

Para isso, cabe ao analista ficar atento aos processos da transferência e da contratransferência, os quais fornecem “ao analista as informações necessárias para questões como o conteúdo, o tempo e o estilo da interpretação a ser dada ao paciente” (SAFRA, 1995, p.52). Além disso, “o analista busca auxiliar seu paciente a ir ao encontro de seu inconsciente, de sua verdade, mas necessita apresentar esses conteúdos de tal forma que o paciente possa assimilá-los” (SAFRA, 1995, p.52).

A interpretação dos dados não leva em conta somente os desenhos, portanto considera a experiência na sua totalidade, incluindo a associação livre para a comunicação, e da qual o desenho faz parte, mas não é um elemento isolado. Assim sendo, a análise do desenho somente terá sentido no contexto daquela entrevista e não pode ser destacada do todo. Além disso, entende-se que a análise inclui tanto o desenho quanto a história, um não faz sentido sem o outro, portanto é uma análise global.

Como o trabalho foi realizado em uma clínica-escola, o modelo de atendimento considerou as exigências da instituição, as quais são padronizadas em alguns aspectos para o bom funcionamento institucional, a boa formação dos estagiários, mas sem deixar de considerar as necessidades dos pacientes. Dessa maneira, os casos atendidos na clínica passaram primeiramente por entrevistas de triagem para serem encaminhados para um atendimento adequado ao caso. Essas entrevistas foram incluídas no processo e consideradas como parte do todo, a partir do pressuposto de que em toda

entrevista clínica existe a possibilidade de ocorrer uma escuta que pode gerar possibilidades de intervenção.

Em termos práticos, neste trabalho foi realizada uma primeira entrevista de triagem para receber os pais e contextualizar a queixa inicial, preencher os formulários da instituição, os termos de consentimento e esclarecermos os objetivos do atendimento. Em seguida, a entrevista de anamnese, que em um dos casos apresentados foi realizada com cada um dos pais separadamente, haja vista que eles não estavam mais casados e não demonstraram proximidade na primeira entrevista.

O primeiro contato com a criança ocorreu com a realização de uma observação lúdica, forma de tornar o primeiro contato mais livre para que ela pudesse comunicar sua organização mental e padrão de funcionamento. Nesse momento foi verificado se sabia o motivo de sua vinda, se os pais haviam contado e se ela concordava.

Em seguida foi feito o uso de um instrumento projetivo para ampliar a compreensão da dinâmica de funcionamento da criança, sua organização e defesas estruturadas, bem como sua percepção do ambiente familiar, o Procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E). Além das entrevistas com os pais e com a criança, as técnicas projetivas, especialmente as que utilizam os desenhos, podem constituir-se como uma ferramenta primordial na coleta de dados do caso.

Depois disso, realizou-se a entrevista familiar com a proposta da realização do desenho em conjunto, que no caso de pais separados foi feita em duas sessões, primeiro com a mãe e em outra com o pai, incluindo a irmã da criança nas duas entrevistas.

Por último, as entrevistas devolutivas, que no primeiro caso foi realizada com os pais e em seguida com a criança, com a utilização dos desenhos feitos nas entrevistas familiares como facilitadores; e no outro caso com a presença de toda a família, utilizando também os desenhos.

Este modelo tem passado por transformações na medida em que as leituras se avolumam e novas possibilidades se abrem, com certa flexibilidade, mas sempre com cautela para não perder o rigor técnico.

A seguir, apresento o método que sustentou o trabalho e os procedimentos específicos adotados nas entrevistas familiares realizadas nos casos apresentados.

4.MÉTODO

4.1 TIPO DE PESQUISA

O método adotado neste estudo é o clínico-qualitativo, proposta tão bem defendida por Turato (2010). Na visão do autor, para procurar atender aos diversos trabalhos realizados na área da saúde, não havia um método com características próprias, um modelo genuíno, uma orientação que não se limitasse ao existente nas ciências sociais ou na antropologia, por exemplo. Vejamos, nas palavras do autor, a explicação do método clínico-qualitativo:

O método de que aqui falamos não se situa apenas sob os referenciais paradigmáticos convencionalmente usados na sociologia compreensiva e na antropologia cultural, mas a partir deles, e diferentemente do que constatamos na literatura da pesquisa destas duas disciplinas, busca lançar mão de conceitos emprestados da, ou melhor, deliberadamente buscados na prática clínica histórica e na psicanálise, para marcarem-se o desenho da pesquisa, a definição dos pressupostos e objetivos, a construção e aplicação dos instrumentos auxiliares em campo e, finalmente, a interpretação dos resultados do trabalho clínico-qualitativo (TURATO, 2010, p.226).

De acordo com o investigador, as características norteadoras do método clínico-qualitativo são:

interesse pelas significações dos fenômenos em saúde; angústias e ansiedades existenciais necessariamente valorizadas; valorização de elementos psicanalíticos básicos;

pesquisador como instrumento; pesquisador como bricoleur; ascendência do processo sobre o produto; saberes teóricos e práticos como pontos de partida; raciocínio indutivo e dedutivo; concomitância entre a apresentação dos resultados e a interpretação; pressupostos revistos como conclusão em primazia sobre generalizações (TURATO, 2010, p.267).

Neste trabalho, mais especificamente, utilizei o método clínico-qualitativo com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Sobre o emprego do referencial psicanalítico nesse tipo de investigação, Turato afirma:

Não se tratando exatamente de uma investigação psicanalítica no sentido estrito desta concepção, a investigação clínico-qualitativa dos fenômenos das áreas da saúde (ou da área da psicologia da saúde com seus estudos clínicos-qualitativos, ou ainda da tradicional psicologia médica) vai emprestar e apropriar-se de conceitos da psicanálise para serem usados como uma ferramenta, entre outras, a fim de empreender suas pesquisas científicas (Turato, 2010, p. 238).

Quanto ao uso da psicanálise enquanto referencial para a pesquisa, outros autores, como Safra, já apontaram que “a psicanálise é um campo que investiga o particular para tentar compor modelos abrangentes do psiquismo humano” (SAFRA, 1993, p.129).

4.2 SUJEITOS

Esta investigação foi realizada numa clínica-escola de um curso de psicologia de uma universidade da cidade de São Paulo. O critério de escolha dos sujeitos foi o de atender duas crianças inscritas na fila de espera da clínica-

escola e que estivessem numa faixa etária entre cinco anos e doze anos incompletos. Portanto, trabalhei com crianças da fila de espera habitual da instituição, sem nenhum outro critério de seleção, a não ser o da idade. Como resultado desse enquadre, atendi um menino de nove anos e seis meses e uma menina de oito anos e dez meses e suas respectivas famílias.

Dados os cuidados tomados, relatados a seguir, considero que a realização desta pesquisa incluiu riscos mínimos para os participantes e foram respeitados os critérios de sigilo, privacidade e confidencialidade dos dados.

4.3 PROCEDIMENTO

Em primeiro lugar, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo A) que emitiu parecer favorável aos procedimentos éticos da pesquisa com os seguintes registros: Processo CEP/UPM nº 1330/03/2011 e CAE nº 0025.0.272.000-11.

Após essa aprovação foi apresentado um termo de consentimento à pesquisa na instituição (Anexo B), e também aprovado. Em seguida, de acordo com o modelo construído anteriormente aqui explicitado, foram agendadas entrevistas de triagem para as crianças em espera para atendimento psicológico na clínica-escola. O termo de consentimento (Anexo C) foi apresentado aos pais ou responsáveis da criança no primeiro contato.

Além dos cuidados éticos e legais citados no termo de consentimento, pode-se salientar que:

- a) os casos chamados foram atendidos em um processo de psicodiagnóstico completo;

b) após as entrevistas de devolutiva, foram realizados encaminhamentos conforme as necessidades específicas, tanto para a criança quanto para os pais;

c) os encaminhamentos para atendimento psicológico foram feitos para a clínica-escola da própria Universidade;

d) os encaminhamentos para outras áreas, quando necessário, foram realizados levando-se em conta as especificidades e ocorreram a partir de levantamento realizado pela pesquisadora;

e) os encaminhamentos foram acompanhados pela pesquisadora até que o sujeito conseguisse atendimento.

Para a realização do psicodiagnóstico completo foram realizados no mínimo seis encontros, de acordo com o seguinte planejamento: entrevista de triagem, entrevista de anamnese com os pais ou responsáveis pela criança a fim de obter os dados não somente da queixa inicial, mas de toda a história do desenvolvimento da criança e da família; uma entrevista para observação lúdica com a criança; uma sessão individual com a criança para utilização de um instrumento projetivo como material complementar necessário à compreensão psicodiagnóstica; uma entrevista familiar com a criança e os pais; uma entrevista devolutiva com a criança; uma entrevista devolutiva com os pais.

Após as devolutivas e de acordo com os pareceres emitidos, a criança foi encaminhada para o próprio serviço-escola para atendimento em psicoterapia ou para serviços em outras instituições, sempre de acordo com a necessidade do caso. Os encaminhamentos foram acompanhados de uma carta de encaminhamento.

Na situação da entrevista familiar propriamente dita, logo no início, ofereci o material aos integrantes da família e propus que fizessem um desenho livre sem se preocuparem com a técnica ou a estética. As instruções

para a atividade foram dadas de forma clara e com espaço para a resposta de possíveis dúvidas. Cabe ressaltar que se trata de uma tarefa fácil de ser realizada e que não requer repertório cognitivo sofisticado dos participantes, portanto acessível para aplicação na população em geral.

No caso de uma execução individual, ou seja, em que cada membro utiliza a folha oferecida, mas ocupa uma parte dela com a sua própria produção, uma nova instrução é dada no sentido de que realizem um desenho em conjunto. Em cada etapa do processo é oferecida somente uma folha de cada vez, a fim de sugerir que façam o desenho juntos.

Todas as sessões foram registradas em relatórios e a forma de anotar os dados é muito importante, pois dela depende a possibilidade de realizar a pesquisa. Não basta a experiência vivida pelo pesquisador, é necessário também que as informações fiquem registradas. Segundo Yin (2005), os relatórios para um estudo de caso não devem seguir nenhum padrão pré-determinado, mas conter as informações necessárias para cada área específica de estudo. Assim, aponta que um bom planejamento é necessário e os pesquisadores que optem por esse tipo de estudo devem “gostar de escrever”. Esclareço que os relatos das sessões foram feitos imediatamente após cada atendimento. Cabe mencionar, que a prática de elaborar relatórios já faz parte do cotidiano de trabalho e é condição para atendimento na instituição onde foi realizada a coleta de dados.

4.4 MATERIAL UTILIZADO

Além dos materiais clássicos do psicodiagnóstico (uma caixa lúdica foi deixada em cima de uma cadeira e poderia ser utilizada no decorrer da entrevista), o material utilizado nas entrevistas familiares foi composto por:

- a) folhas grandes para desenho tipo A3, medindo 297 mm x 420 mm;
- b) lápis preto grafite (tipo HB, com ponta macia);
- c) caixa de lápis de cor de doze unidades, nas cores cinza, marrom, preto, vermelho, amarelo-escuro, amarelo-claro, verde-claro, verde-escuro, azul-claro, azul-escuro, violeta e laranja.

Essa escolha considera que a atividade de desenhar em grupo implica na necessidade de um espaço maior, por isso as folhas de desenho grandes, e de lápis em número suficiente para que a atividade possa ser realizada em conjunto. O material utilizado é simples, de baixo custo e de fácil manejo em situações de avaliação psicológica.

O ambiente para atendimento deverá ser adequado à atividade, com uma sala adaptada ao atendimento de crianças, bom espaço físico e boa iluminação. Os móveis e objetos da sala em que foram realizados os atendimentos são: duas mesas, cadeiras suficientes para todos, lousa em uma das paredes, pia com água e papel para enxugar as mãos.

5.CASOS CLÍNICOS

*O que eles chamam de nossos defeitos
é o que nós temos de diferente deles.
Cultivemo-los pois, com o maior carinho –
esses nossos benditos defeitos
(Mario Quintana)*

Com o intuito de aproximar o leitor da atividade clínica realizada nesta investigação, mesmo correndo o risco de cansar o leitor, faço aqui uma detalhada apresentação dos dois psicodiagnósticos efetuados. Além do relato das sessões, exponho minhas impressões e as compreensões diagnósticas formuladas.

Os atendimentos seguiram o modelo construído apresentado, sendo o primeiro contato a entrevista de triagem com os pais, em seguida entrevista de anamnese, observação lúdica com a criança, encontro com a criança para a utilização do procedimento de desenho de família com estória (DF-E), entrevista familiar e entrevistas de devolutiva. Algumas variações ocorreram em cada caso e serão justificadas no relato. Os nomes que identificam os participantes são fictícios para preservar a identidade.

5.1 Apresentação caso 1: Vitor, o menino adaptado

Vitor é um menino de nove anos e seis meses e sua família é composta pela mãe de 35 anos, o pai de 34 anos e a irmã de sete anos. Os pais estão separados há sete anos e ele mora com a mãe, a irmã e os avós maternos. Frequenta uma escola particular, e no período dos atendimentos cursava o quarto ano do ensino fundamental I. Os pais têm ensino superior completo.

5.1.2 Triagem com os pais

Compareceram para entrevista de triagem Marcos e Paula, pais de Vitor. Eles foram encaminhados a um psicodiagnóstico pela Terapeuta Ocupacional que atendeu a criança nos dois últimos meses, pois o menino, quando em situação de tensão, apresentava o comportamento de tensionar e repuxar o braço e mão esquerdos.

Logo de início os pais contaram sobre um episódio marcante vivido pela criança em setembro de 2010, em que Vitor teve um quadro de encefalite com sintomas de febre muito alta e ficou internado por vinte e dois dias. Tanto o pai quanto a mãe foram muito minuciosos no relato de cada dia da internação e dos procedimentos adotados pela equipe médica, além de se emocionarem enquanto falavam. Vitor teve primeiramente febres muito altas, em torno de quarenta graus, durante uma semana e em uma das consultas no pronto socorro apresentou um “surto”: via situações, perguntava e chamava pela irmã e não reconhecia quem estava por perto. Permaneceu assim por um dia inteiro e uma noite, no dia seguinte teve uma convulsão e ficou três dias em estado de coma na U.T.I. Já fora do coma, continuou na U.T.I. por mais oito dias, depois foi para o quarto, com monitoramento, totalizando vinte e dois dias de

internação. Nesse período, diversos exames foram realizados, de cultura e de sorobiologia, sempre com resultados negativos, e a hipótese diagnóstica foi de encefalite viral grave com coma e epilepsia.

Segundo os pais, Vitor saiu da internação com a prescrição pela neurologista de Trileptal (5mg) e relatam que perceberam leve alteração de humor já no hospital. Quanto a essas oscilações de humor, atualmente Vitor reage impulsivamente a algumas situações, a mãe contou que ele em alguns dias acorda mais agressivo e grita como resposta a alguma solicitação do cotidiano. Nesse momento da entrevista os pais mostraram-se preocupados e emocionaram-se, tanto com o episódio da internação quanto com o estado atual do filho.

Foram feitas as perguntas do formulário de triagem e nessa situação os pais revelaram a separação desde que Vitor tinha dois anos e seis meses, época em que a mãe estava grávida de Vivian, irmã que atualmente tem sete anos. Na época da separação procuraram um atendimento psicológico, pois a criança não queria ir com o pai nas visitas quinzenais. A mãe e a criança foram atendidos por dez sessões e interromperam o tratamento.

Vitor estuda em uma escola particular e sobre o rendimento escolar, relataram que apresenta bom desempenho geral, preferindo matemática e ciências em detrimento de português e história. Na escola tem bom relacionamento com amigos. Em casa gosta de jogos eletrônicos, possui bonequinhos de coleção e brinca bem com a irmã ou sozinho.

Em relação a antecedentes familiares de doenças, nem o pai ou a mãe relataram dificuldades, bem como em relação aos avôs. Os avôs maternos são muito próximos, atualmente moram com a mãe e os dois filhos. O avô é aposentado, mas ainda trabalha e a avó ajuda na educação das crianças. Em relação aos avos paternos, o avô já é falecido e a avó mora com sua mãe, a bisavó da criança, que descrevem como a matriarca da família.

Foram apresentados os termos de consentimento para pesquisa e os dois concordaram plenamente, autorizando a inclusão dos dados para esta investigação. Os dois leram as cartas e a mãe assinou os papéis. A mãe ficou

com as cópias e guardou junto aos documentos que havia trazido sobre a internação e atendimentos que Vitor recebeu.

No final fiz a proposta do atendimento em psicodiagnóstico para Vitor com a perspectiva dos encontros, explicando cada etapa do processo. As entrevistas de anamnese com os pais, que nesse caso seriam separadas, os dois encontros com Vitor e as entrevistas familiares. Nesse momento esclareci que seriam duas, uma com a mãe e outra com o pai, e que a irmã deveria estar presente em ambas, ao que concordaram prontamente.

Encerramos a sessão já agendando os próximos encontros e nos despedimos.

Impressões

Após um atendimento saímos com muitas perguntas, hipóteses a serem verificadas e construímos uma primeira ideia do que possa estar acontecendo com a criança e qual a relação com a dinâmica familiar.

A primeira impressão que tive foi de certo estranhamento em relação ao contato entre os pais: pareciam muito educados um com o outro, mas não se olhavam. Na sala de espera estavam sentados distantes um do outro, mas poderia ser porque a sala de espera estava com grande ocupação naquele horário. Então, logo nos primeiros minutos da entrevista levantei a hipótese de que fossem separados, mas esperei o momento oportuno para saber.

O tema inicial dos dois, e que permeou toda a entrevista, foi o episódio da internação de Vitor. Contaram tudo com detalhes milimétricos e pareceram aliviados por fazerem isso. A emoção foi demonstrada pelo choro, mais intenso na mãe e, como até então não haviam dito nada sobre a separação, precisei perguntar, pois embora naquele momento já estivesse

óbvio, se não perguntasse, algumas coisas ficariam sem sentido. Mas era claro que eles não queriam falar sobre isso, estavam evitando o tema.

Outro aspecto que chamou minha atenção foi o fato da mãe relacionar a alteração de humor do filho à medicação, o que pode ser fato, mas em nenhum momento nomearam alguma possibilidade associada aos fatores relacionais. Ainda sobre a mãe, ela levou Vitor para um atendimento psicológico logo após a separação porque ele não queria sair com o pai. Mas e ela, queria que ele fosse? Provavelmente, naquele momento Vitor expressava o desejo da mãe de afastamento, de recusa a qualquer contato com o pai.

Em relação ao pai, chamou minha atenção seu tom cordial e passivo, sempre silenciando quando a mãe discordava de alguma opinião dele, ou de alguma impressão sobre Vitor. Mostrou-se muito preocupado, disponível para os atendimentos, mas retraído.

Ao final da entrevista marquei entrevistas individuais com a mãe e com o pai para investigar mais dados da história familiar e de Vitor, agora que já conhecia o padrão de funcionamento deles juntos. Essa decisão ficou evidente a partir do clima emocional entre eles, entendi que seria mais produtivo entrevistá-los individualmente para que pudessem se expressar mais livremente.

Em relação a Vitor, queria saber mais dados que fossem além da interação, pois saí da entrevista sem saber muito dele e estava curiosa.

5.1.3 Anamnese com a mãe

Compareceu para a entrevista Paula, mãe de Vitor, para que fosse realizada a anamnese, a fim de coletar dados sobre o desenvolvimento da criança e o histórico familiar. A mãe mostrou-se disposta a colaborar com as

informações e logo de início falou da emoção da sessão passada, quando recordaram sobre a internação de Vitor. Disse que o pai “é mais ansioso” do que ela, que ele saía do hospital e em seguida ligava para saber notícias ou repassar instruções. Nesse momento falou da separação e do quanto isso influenciou na vida deles.

Quando solicitada a discorrer sobre o histórico do casal, contou que namoraram cinco anos e seis meses antes de casar e que depois de quatro anos engravidaram de Vitor e quando ele tinha dois anos e meio nasceu a irmã Vivian. A mãe relatou que não percebeu a gravidez de Vitor até o quinto mês de gestação, pois “menstruava pouco”, “tinha problemas de varizes e tomava anticoncepcional, alternando em alguns meses”. Foi nessa época que, após insistência de sua mãe, que dizia que ela estava diferente e grávida, fez o teste de farmácia e constatou a gravidez. Diz que então “teve somente quatro meses de gravidez”, “nem deu muito tempo para sentir direito”. Fez todos os exames de pré-natal e ocorreu tudo dentro do esperado até o parto, que foi cesárea, alguns dias antes do previsto, pois seu líquido amniótico estava muito reduzido.

Questionada sobre como ela e o pai receberam a notícia, contou que ela não queria ter filhos naquele momento, pois não gostava muito de criança e estava na faculdade. O pai também achava que deveriam primeiro “fazer a vida”, estudar e acumular mais dinheiro para depois terem filhos. O parto transcorreu sem dificuldades e Vitor nasceu com bom peso e estatura, embora seja uma criança pequena, o que atualmente o deixa irritado, mas a mãe explica que tanto ela quanto o pai são “pequenos”. Segundo a mãe, Vitor enquanto bebê era “lindo, tranquilo, chorava pouco, mas não era risonho, sempre foi mais sério”. Quanto à alimentação, a mãe o amamentou no peito até um ano e três meses e, aos quatro meses, ele já comia algumas frutas amassadas. Ela foi gradativamente acrescentando itens na alimentação sem dificuldades. Em relação ao desenvolvimento motor, todas as etapas foram cumpridas dentro do esperado, engatinhou com oito meses, andou com um ano e um mês e brincava bem. Obteve controle esfincteriano com dois anos e meio, usou chupeta até três anos e nunca teve algum objeto preferido nos momentos em que estava sozinho ou para dormir. Quando a mãe retornou ao trabalho depois da licença de quatro meses a avó materna cuidou dele.

Depois de dois anos e meio nasceu Vivian e ao relatar esse episódio a mãe contou sobre a separação. Afirmou que quando estava grávida da filha o marido teve um relacionamento extraconjugal, que não foi revelado até que a própria esposa descobrisse. Nesse momento a mãe ficou emocionada ao lembrar como pôde ter sido tão “boba” e não ter percebido nada, pois disse que os fatos eram evidentes. Contou que o pai estava trabalhando em uma empresa distante de casa e que também havia brigado com um dos vizinhos do prédio em que moravam e no qual era síndico. Então ele justificava algumas ausências e o fato de às vezes “dormir na casa de um amigo do trabalho” com esses argumentos, o que não foi percebido por ela como desculpas e que a deixa “irritada até hoje de recordar”, pois acha que “foi muito tonta”.

Relata que nessa época estava na casa dos pais para fazer “o resguardo” e sua mãe ajudá-la com as crianças. Embora sua casa fosse muito perto, ia para lá somente para buscar algumas coisas, mas “em algum momento” notou que ele já havia levado muita roupa embora e investigou o que estaria acontecendo. Procurou por evidências e encontrou documentos, notas de despesas, contas diferentes para serem pagas e deu-se conta de que ele já estava com outra mulher. Conversou com ele e esclareceram a situação, mas ficou muito triste e ao mesmo tempo com muita raiva dele e da situação. Enquanto estava desconfiada contou com o apoio de seu irmão, mas não revelou para seus pais, sentia-se envergonhada. Pouco tempo antes ele tinha brigado com sua mãe “por motivo tolo”, eles não conversavam e depois da revelação nunca mais se encontraram.

A separação ocorreu há seis anos e meio e no dia da primeira entrevista na clínica, de acordo com a mãe, ele sugeriu que assinassem os papéis para a separação judicial, o divórcio. A mãe contou que logo após a separação, Vitor não queria encontrar o pai e ela procurou ajuda psicológica, realizando dez sessões pelo seu convênio médico. A mãe era atendida junto com a criança e acredita que após os atendimentos Vitor ficou mais tranquilo em relação à separação.

O pai visita as crianças a cada quinze dias, paga a pensão corretamente, mas a filha frequenta menos a casa dele, Vitor é quem vai mais.

Em relação à filha, abriu um largo sorriso ao falar dela, disse que é alegre e extrovertida, “de bem com a vida”. Acha que a menina não fica tão à vontade com o pai porque era muito pequena quando ele foi embora, então ficou mais difícil. A relação da menina com Vitor é boa, apesar de brigarem por causa de tudo, mas considera que isso é “coisa de irmão”. Nos últimos tempos, desde a internação de Vitor, o pai tem tentado levá-la para as visitas com ele e ela tem aceitado mais. O filho também estimula a irmã a ir com eles.

Quanto à sua família de origem, a mãe contou que seus pais ajudam muito com as crianças. Atualmente moram com ela, desde que o avô aposentou-se depois de trinta e cinco anos de trabalho no mesmo lugar. A mãe trabalha o dia todo e a avó fica encarregada das crianças e da casa. A rotina de Vitor é fazer a lição, assistir televisão e colorir revistas de personagens que compra em bancas. Nos finais de semana, ajuda muito nas tarefas da casa. Falou que a avó é “sistemática” e “difícil”, dura com as crianças, mas que não a desautoriza com as crianças, o que ela diz “fica valendo”. Já o avô faz o papel de mimar e “estragar” os netos, e a mãe revelou isso com certo prazer. A mãe adora dançar, mas tem saído pouco, dedica-se aos filhos nos finais de semana em que estão com ela, vão a parques andar de bicicleta ou ao SESC. Gosta de seu trabalho, relaciona-se bem com os colegas e seu apelido é “fofinha”. Após três anos da separação, Paula teve um relacionamento amoroso com um rapaz dez anos mais jovem. Tal relacionamento durou dois meses, pois “a mãe dele descobriu e interferiu”.

No que diz respeito à família de origem do pai, segundo o relato de Paula, o pai é falecido e a mãe mora com a avó que é “a matriarca” da família e Marcos tem uma irmã. Após a separação Paula continuou freqüentando a casa da sogra e das tias e todos afirmaram que não sabiam da traição de Marcos. Atualmente ela tem dúvidas quanto a isso, alegando que foram tantas mentiras que tudo poderia ter sido dito. Durante algum tempo ia a festas e aniversários, mas como eles não retribuía as visitas, provavelmente para não encontrarem a avó materna que é temida, distanciou-se. Contou que o pai também pouco vai à casa de seus familiares e que sua atual esposa “brigou com eles”, mas não tem certeza disso. Paula nunca encontrou com ela e pede que o pai não a leve nos eventos da escola e ele respeita. As festas de aniversário são feitas

separadamente, cada um comemora com Vitor da maneira que quiser, então não fazem nada juntos. Os contatos para tratar assuntos de interesse das crianças atualmente são por bilhetes ou por telefone e não mais por e-mail, pois a mãe acredita que algumas mensagens a esposa do pai respondia, pelo “tom” da conversa e ela preferiu então falar diretamente com ele.

Quanto à vida escolar, Vitor estudou desde o maternal em uma escola menor e desde o ano passado frequenta uma escola tradicional e maior. Adaptou-se bem, seu melhor amigo também foi para essa escola, e a conduta da professora e da coordenação no período de internação foi de acolhimento e ajuda para que ele não perdesse o ano. Repetiram algumas de suas notas no período em que esteve afastado e a própria coordenadora insistiu com a mãe que repetir o ano seria mais uma situação difícil para Vitor e que perderia os amigos conquistados. Vitor participa das atividades, relaciona-se bem e tem bom rendimento escolar. A mãe também gosta da escola atual, embora sinta falta do acolhimento da anterior por “ser menor e mais aconchegante”.

A entrevista foi encerrada e, marcado o retorno com Vitor para o próximo atendimento.

Impressões

Desta entrevista destaco a emoção da mãe ao falar da separação. Ela chegou com esse tema e foi preciso deixá-la falar primeiro, antes de perguntar qualquer coisa. Acusou o ex-marido várias vezes pela traição e mostrou indignação pelas atitudes dele na época. Ao mesmo tempo criticou os comportamentos dele durante a internação de Vitor, sempre encontrando situações em que achava que ele poderia ter sido melhor. Ao mesmo tempo reconheceu que Marcos esteve por perto durante todo o tempo e decidiram as coisas juntos. Ao falar, sempre chorava, revelando mágoa. Aqui ficou muito clara a hesitação por parte deles de mencionar a separação. Eles nunca

conversaram diretamente sobre isso, ainda existe um assunto em aberto, uma situação em que a emoção não foi escoada. A mãe tem muita raiva, mas nunca foi direta com ele, e esse sentimento acabou sendo um pouco evocado nas situações em que as crianças estavam envolvidas.

Outro aspecto a salientar foi a dificuldade deles, pai e mãe, de perceberem a gravidez. E ela falou disso com certa naturalidade, sem muita emoção e deu risada do fato. Assumiu que eles não pretendiam ter filhos naquele momento, os dois, mas chama a atenção como eles não notaram tanto o distanciamento entre eles quanto a gravidez. Esses aspectos evidenciam, em ambos, pouca consciência dos sentimentos, do corpo e ações sem reflexão, padrão de relação com atitudes que se repetiram posteriormente no momento da traição.

A mãe projeta sentimentos dela em Vitor, disse que ele estava triste, que não queria ficar com o pai, mas poderia ser uma emoção dela que Vitor captava. E isso também pode ter prejudicado a relação do pai com Vivian, pois ela ainda era muito bebê e nem tinha contato com ele, fazendo-o somente mais tarde e com certa dificuldade. Esta hipótese apóia-se também na percepção da dificuldade de Paula em lidar com as emoções da separação, é difícil falar sobre isso, não consegue conversar com o ex-marido.

Outro aspecto a destacar é que Paula não falou de suas dificuldades com a própria mãe, não deu ênfase ao conflito, disse que tem que ser assim mesmo. Está adaptada a uma rotina em que seus pais a ajudam nos cuidados com as crianças, mas a avó assume toda a direção da casa, dá ordens nas crianças, parece ser muito rígida, fato que Paula não gosta, mas acredita que precisa suportar para não desautorizá-la. Ficou a impressão de que ela não conseguiu descolar-se do papel de filha para assumir o de mãe. Como ganho secundário acaba ficando com a parte mais tranquila no cuidado com as crianças, não exerce o papel de mãe e não precisa dar broncas, é a mãe fofinha.

Na esfera pessoal, Paula parece não ter momentos de lazer próprios, viveu um breve relacionamento amoroso após algum tempo da

separação, mas, desde então, dedica-se somente às crianças e à rotina familiar.

Quanto a Vitor, consta ser bastante tolhido pela avó materna em seu cotidiano, brinca pouco com outras crianças e mesmo com a irmã. Parece ser obediente à avó, não reage, e quando o faz fica de castigo. O único momento mais espontâneo em casa é na presença da mãe, e a avó a acusa de mimar demais as crianças, beijar demais, e que eles parecem todos “crianças”. Mas Vitor e a irmã são o quê?

5.1.4 Anamnese com o pai

Com o objetivo de completar a anamnese para o psicodiagnóstico, Marcos, pai de Vitor, foi entrevistado individualmente. Assim que questionado sobre o início da relação com Paula, mãe de Vitor, Marcos contou alguns detalhes sobre o relacionamento deles enquanto casal. Disse que conheceu Paula na empresa em que trabalhavam, destacando que ele começou “por baixo”, era contínuo, e ela trabalhava na seção de contas a pagar de uma administradora de condomínios. Ele nasceu em São Paulo, mas cresceu e viveu até a adolescência em outro estado. Veio para São Paulo com quinze anos porque seus avôs e sua mãe queriam vir, ele não. Seu pai faleceu cedo, com quarenta anos e não deu muito certo na vida, nem no trabalho, como pessoa, nos afetos e acha que isso o deixou com “complexo”. Ele e a mãe moravam com os avôs maternos. Contou que sua mãe é “cabeça de vento”, “louquinha” e “difícil de lidar”, sendo que sua avó é quem assumia a liderança da casa. Continuou relatando que Paula foi sua primeira amizade aqui em São Paulo, ele nunca havia namorado antes, e foram se aproximando aos poucos, mas ela tinha um namorado e era noiva. Ele disse que fantasiava namorar com ela, mas respeitava o namoro sendo que chegou a ficar noiva, mas depois se separou. Certo dia ele ganhou ingressos para um show e convidou-a para ir

com ele e ela aceitou. Após o término do namoro ele aproximou-se mais, mas ela achava que não daria certo por ser mais velha do que ele. Ele continuou “instigando” e certo dia ela o chamou para sair. Namoraram por cinco anos e casaram-se. Nesse momento Marcos fez uma careta e disse que isso aconteceu apesar da relação com a ex-sogra ser muito ruim, pois ela ocupava um lugar grande na casa, moravam muito próximos e isso era ruim. Contou que ela tinha uma opinião negativa sobre ele, alegando que não daria um bom futuro para a filha, que não conseguiria nada, o que o deixava muito contrariado, mas não chegavam a brigar. Marcos disse que ela é “esnobe”, daquelas que “comem mortadela e arrotam peru”.

Durante a fase de casamento fizeram planos juntos e conseguiram realizá-los, como a compra do apartamento, mas não havia muita conversa e mesmo nos momentos de lazer não eram muito próximos. Disse que amava ela de verdade, tinham um casamento estável, mas o amor ficou desgastado apesar de nunca terem brigado. Relembrou que não perceberam a gravidez de Vitor e que ficaram felizes, mas foi tudo muito rápido. Quando tiveram a notícia da gravidez de Vivian já não estavam bem e ele pensava na separação. Nesse período reencontrou uma amiga da faculdade e envolveu-se com ela, mas acredita que se isso aconteceu é porque já não estavam bem, acha que foi um momento crucial. Quando Vivian nasceu ele ficou com Paula, deu toda a “assistência necessária”, escondeu o fato por vinte dias e depois contou tudo. Falou que foi um período ruim, saiu de casa, mas “oficializou o que não ia dar certo”, referindo-se ao casamento, apesar de todas as críticas que recebeu. Chegou a ouvir da família de Paula que Vivian não era sua filha e que essa relação difícil com a ex-sogra devia “ser coisa de outra vida”, mas com seu ex-sogro a relação era mais fácil, ele é um bom avô para as crianças. Assim que saiu de casa foi morar com sua mãe e posteriormente com a mulher e estão juntos há seis anos. Enfatizou as dificuldades que teve no início da separação, tanto de ordem afetiva quanto financeira, pois ficou abalado e mudou de emprego, demorando algum tempo para estabilizar-se novamente.

Em relação à esposa atual, disse que é gentil com as crianças e faz tudo por elas, cuida bem quando estão juntos e gosta deles. Sobre a possibilidade de terem filhos, afirma que não será possível e contou,

emocionado, que ela teve um câncer no ano passado e ficou hospitalizada, sendo que o processo durou nove meses e ocorreu antes da doença de Vitor. Nesse momento contou, emocionado, que ninguém da família dele sabe, e prefere manter um contato distante deles para que não fiquem comentando suas coisas com Paula. Sobre o desenvolvimento de Vitor disse que ele era um bebê quieto, sempre foi introvertido, “viajava” e ele sempre foi preocupado com isso. Quando entrou na escola melhorou muito, tinha amigos, mas o pai acredita que a genética é forte, pois ele é mais introvertido, mas teme que a separação tenha contribuído para que Vitor fique mais introvertido. Acredita que Vitor tem dificuldade de expressar e colocar sua vontade, mas atribui isso ao relacionamento com a avó, que é quem cuida dele na maior parte do tempo. Acha que Vitor não tem liberdade para nada em sua casa. Citou como exemplo o jogo eletrônico que Vitor levou da casa do pai para a sua (fato relatado por Vitor em sessão), dizendo que a avó e a mãe proibiram alegando que ele não fazia mais as coisas direito, e que o jogo ficou somente uma semana na casa deles e que logo devolveram. Contou também que Vitor não pode levar roupas ou brinquedos da casa do pai para a sua e que a avó controla tudo. Por outro lado, acha que Vitor é “político”, que ele se adapta como precisa em cada ambiente, mas não pode falar “eu quero”.

Com relação às festas de final de ano, as crianças ficam com a mãe sempre no Natal, pois tem uma festa de família programada e o pai fica no ano novo, mas não há flexibilidade. Há alguns meses conseguiu na justiça o direito de pegar as crianças na sexta-feira, quando vai ficar com eles, mas diretamente com Paula não consegue nada. O pai também contou que no ano passado, antes do episódio da encefalite, Vitor teve uma significativa perda de memória imediata e no segundo bimestre suas notas caíram muito, o que levou a avó a dar uma bronca pesada, no meio da rua, e o pai acha que ele ficou muito fragilizado. O tempo da sessão esgotou, encerramos a entrevista e entreguei o atestado de comparecimento solicitado por ele.

Impressões

A entrevista com o pai acrescentou dados importantes para a compreensão do caso, o que reforça a ideia de que sempre é bom ouvir todas as partes envolvidas. Logo de início, quando perguntei sobre a relação dele com Paula, retomou o início do relacionamento, contando detalhes de como se conheceram e, se por um lado, pode ter feito isso para adiar falar da separação, por outro ofereceu um bom relato cronológico da história do casal, o que a mãe não conseguiu fazer. Além disso, fica evidente que ele reconhece as emoções presentes na relação, embora na presença de Paula ele funcione em outro padrão, mais desconectado.

Um aspecto que chama a atenção é o fato de dizer que começou por baixo no trabalho, mas falou de um jeito como se fosse assim também na relação, pois não foi imediatamente aceito por Paula e nem posteriormente pela sogra. Pareceu satisfeito ao contar que conquistou Paula aos poucos, insistiu, até que ela o convidou para sair. Interessante também sua percepção do casamento, dizendo que nunca brigaram, mas que não tinham momentos de lazer juntos e não perceberam a gravidez, não estavam implicados com isso, mas sim com os estudos e com a compra de um apartamento, o que considera que deu certo.

Quando contou sobre a fase final do casamento, da gravidez de Vivian e da traição pareceu emocionado, mas ao mesmo tempo conformado de que essa era a situação deles e que não poderia ser de outra forma. Ao falar da amiga que encontrou, também não demonstrou empolgação, afeição, como se as coisas fossem acontecendo e ele fosse se adaptando.

Esse fator pode estar diretamente relacionado à imagem de sua própria família, com um pai que não deu certo e uma mãe com dificuldades, em que a avó assumia o lugar de comando (como na casa de Paula). Ele diz não saber como ficou com Paula “apesar da sogra”, momento da entrevista em que se expressou com uma careta, fato raro, mas talvez seja um modelo de família mais próximo do que ele imagina. Outro dado ligado a isso é que ao mesmo

tempo em que conta do pai dele, disse esperar que Vitor não seja tão introvertido quanto ele, mas que a genética é forte. É claro que essa equação serve também para a relação dele próprio com seu pai, e muito das dificuldades ele credita a isso. Disse também que Vitor é político e se adapta às situações e nesse momento parece estar falando dele próprio.

O segredo que manteve sobre a traição na época da separação, e atualmente sobre a doença da atual esposa, mostra um homem muito contido em suas emoções e também político e adaptado, assim como Vitor. De alguma maneira mudou o rumo de sua vida desde o casamento até a separação, acabou fazendo o que queria, mas sempre com ações veladas. Em dado momento da entrevista disse que ele e Paula não tiveram uma conversa sobre os acontecimentos daquela época e que por isso ocorre tanta dificuldade nas situações atuais quando conversam assuntos das crianças, admite que ela tem uma raiva muito grande dele.

Em relação ao desenvolvimento do filho, acrescentou poucos elementos novos, mas assim como a mãe, descreveu um bebê quieto, com poucas reações e que dava pouco trabalho. Porém, preocupado com a situação dele atual do menino na relação com a avó materna, tem medo que o filho não reaja, provavelmente como ele tem dificuldade para reagir.

A entrevista com o pai acrescentou dados importantes sobre a criança, mas principalmente sobre a dinâmica das relações familiares, além de ter sido um espaço para que pudesse falar dele próprio.

5.1.5 Observação Lúdica

Compareceram pontualmente Vitor e Paula, que logo me cumprimentou com um sorriso e apresentou o seu filho. Subimos para o terceiro andar e conversamos juntos sobre o objetivo daquele encontro. Em

seguida solicitei que a mãe esperasse fora e Vitor concordou. Logo retomei a apresentação, o enquadre, e apresentei a caixa lúdica. Vitor pareceu-me retraído inicialmente, mas respondia bem ao diálogo estabelecido. Disse que não sabia por que estava ali e nem quem eu era, depois falou que veio porque “gritou com sua mãe”. Logo esclareci que estava ali para conhecê-lo e que gostaria de apresentar o material da caixa lúdica. Vitor levantou-se comigo para olhar a caixa, não pegou nada e disse que gostava de massinha. Ofereci a pasta com material gráfico, ele abriu e retirou a massinha. Era rápido no manuseio e logo percebi como suas mãos eram pequenas, mas observando melhor, eram proporcionais ao seu tamanho, ele é bem pequeno. Amassava com força e construiu algumas fileiras, bolinhas, com cores diferentes e quando começou a desmontar perguntei o que era. Disse que tentou fazer um trem, mas que não deu certo. Amassou mais e fez um jardim com flores, uma nuvem e o sol, também com cores diferentes. Enquanto fazia fomos conversando.

Falou que brinca com a irmã, de carrinhos, mas que ela “enche o saco o dia todo”, grita e bate e às vezes ele bate também, mas que ela quer sempre brincar com ele. Contou que a avó também grita muito e que o avô é legal, compra coisas. Ela vai à escola à tarde e ele pela manhã. Quando chega faz a lição e assiste televisão no canal Cultura, pois não tem canais a cabo nem conexão com a internet. Contou que gosta muito de jogar futebol, mas que só joga quando vai para a casa do pai, porque lá tem quadra, pois na escola não pode e em casa não tem espaço nem quadra. Disse que às vezes o avô leva-o ao parque para jogarem e que é “bem legal”. Disse que na casa do pai tem dois amigos para brincar e nomeou mais dois da escola. Gosta da escola, tem dezoito amigos lá e alguns de sua classe fazem muita bagunça e “tomam bronca e já tiveram quatro advertências”, “eu não sou assim”. Disse que tem mais dificuldade em português e que gosta de matemática. Terminou com a massinha, guardou tudo em ordem e disse que gosta muito de desenhar e que “sabe fazer tudo”. Ofereci o material e logo Vitor pegou os lápis com muita habilidade e iniciou um desenho: fez uma casa rente à margem inferior da folha, três nuvens, um sol no canto superior direito, montanhas em verde bem claro, duas árvores, uma de cada lado da casa. Pintou o que seria o solo na margem inferior da folha, mas ao redor da casa, como se este estivesse

enterrada no chão. Fez duas janelas pequenas na casa, uma chaminé com fumaça e desenhou por último a porta da casa, bem pequena e sem maçaneta. Pintou o desenho bem de leve, mas com traços firmes e quando perguntado disse que era uma casa no campo. Pedi que contasse mais, disse que não sabia porque nunca esteve no campo.

Enquanto desenhava fomos conversando e falou que nas próximas férias vai para Santos com o pai e que a madrasta vai junto. Disse que ela é chata e grita muito quando ele e a irmã estão lá. Falou que quando a irmã briga com ele conta para ela e ela grita com os dois. Nesse momento falou que gostaria que os pais voltassem a ficar juntos, que assim “é chato” e que fica quinze dias das férias com o pai e quinze com mãe. Às vezes a irmã não quer ir para a casa do pai, acha que ela não gosta dele e o pai fica triste, mas ele sempre vai. Nesse momento falou que eles se separaram quando ele tinha dois anos e que ela não lembra de nada. Passeiam no cinema ou lanchonetes e quando ele ganha alguma coisa a irmã quer também, então ele diz que ela tem que ir para ganhar. Disse também que o pai não é de sair muito, então ficam em casa e usam computador, assistem televisão e jogam no videogame. Sua mãe não gosta que ele jogue, o pai já enviou o aparelho, mas teve que levar de volta porque Vitor “jogava sem parar” e ela não quer assim. Como em sua casa não tem, disse que “é chato” e acredita que sua mãe não gosta de internet e televisão a cabo. Contou que sai com a mãe para ir ao parque e andar de bicicleta, às vezes vai à piscina de um clube social que freqüentam.

Perguntei como eram as festas, as comemorações de seus aniversários, e Vitor falou que nunca teve “festa de verdade”, só “um bolinho para cantar parabéns”. Disse que no dia das mães fez um cartão para a mãe, mas colocou muito gliter e não secou, então ficou feio. Tinha que ir ao catecismo e não deu para fazer outro. Perguntei de seus parentes, disse que tem uma prima que foi para a Bahia com a mãe dela, mas que o tio não vai e também que tem alguns primos na China (seus pais não mencionaram sobre isso). Então questionei quem eram e disse que não sabia direito, que eram da família. Falou que não gosta de sopa e que sua avó faz porque está frio, mas ela faz coisas que ele gosta também. Sua comida preferida é o frango à passarinho que a avó faz e a comida preferida da irmã é ovo frito.

Vitor terminou o desenho e comuniquei que faltavam cinco minutos para o término e ele começou a guardar os lápis na caixa, organizou as coisas na pasta e entregou o desenho para mim. Disse que gostaria de ficar com o desenho, guardamos as coisas na caixa e falei de nosso próximo encontro e que faríamos outra atividade. Vitor concordou e saímos para ir ao encontro de sua mãe. Esta prontamente levantou-se, entreguei para ela um atestado de comparecimento para o trabalho, nos despedimos e confirmamos o próximo atendimento.

Desenho da observação lúdica

Análise da observação lúdica

De imediato Vitor mostrou-se disposto ao encontro, com bom contato visual e atento ao que era comunicado, com adequado contato com a realidade. Demonstrou certo retraimento inicial, mas respondia bem ao diálogo estabelecido, dizendo que não sabia por que estava ali e nem quem eu era, mas em seguida falou que veio porque “gritou com sua mãe”. Nesse momento já assumindo uma atitude mais ativa e colaborativa.

Ao ser convidado para conhecer os brinquedos levantou-se e foi à caixa, mas em seguida retraiu-se e teve atitude de dependência dizendo que gostava de massinha e esperando que o material fosse oferecido. Quando entreguei a pasta que continha o material solicitado estruturou o espaço para brincar. Imediatamente iniciou a construção de uma cena, com boa plasticidade, porém sem comunicar o que estava sendo feito. Antes do término interrompeu a construção, desmanchou a cena e disse que gostaria de fazer um trem, mas que não deu certo. Entretanto não parecia frustrado e sim estimulado a fazer outra cena, a qual ficou mais colorida, e com elementos mais definidos como a árvore, o sol e as flores. Demonstrou satisfação na construção e na finalização da brincadeira, além de boa motricidade e adequação da capacidade simbólica, porém não construiu uma história e não identificou personagens, com diminuída capacidade criativa.

Na atividade seguinte de desenho demonstrou fantasias que poderiam ser entendidas como onipotência, quando revelou que os amigos da escola fazem coisas erradas e ele não e que sabe fazer tudo quando desenha. Talvez essas fantasias possam ser compreendidas como um desejo. Essa capacidade não fica evidenciada no desenho, que revela traços com pouca pressão, que indicam fraqueza e movimentos limitados, contidos, indicando certa restrição. As formas apresentam consistência com linhas retas e bem definidas, com bom contorno, que indicam decisão. Quanto ao tema do desenho, preferiu não se colocar, dizendo que nunca esteve nesse tipo de lugar, tentando demonstrar certo distanciamento, como defesa. A casa tem

tamanho proporcional, mas com detalhes pouco consistentes e que não facilitam o contato, como as janelas e a porta, muito pequenos e desproporcionais. A ênfase na fumaça da chaminé pode indicar tensão interna, principalmente nas relações interpessoais com as pessoas da casa em que vive. A ausência da linha de solo na casa pode demonstrar uma tendência à repressão de impulsos e explosões.

Em síntese, a análise da observação indica uma criança com razoável contato com a realidade e adequação social, porém com forte retraimento e contenção de atitudes espontâneas. Além disso, seu traçado sugere uma impulsividade contida que resulta em tensão interna, podendo desencadear em momentos de explosão e descontrole. Seu relato também demonstra perceber a incompatibilidade entre o modelo paterno e o materno sem conseguir discriminar o que considera mais adequado.

Impressões

Além da análise apresentada acima, é importante destacar outras hipóteses que levantei nesse encontro a partir do que o contato causou em mim.

Em primeiro lugar, como no primeiro momento o achei pequeno, mas como foi “crescendo” durante o encontro. De fato, ele tem estatura menor, mas seus pais também são menores. O fato é que ele foi manuseando a massa de modelar com força, demonstrando energia, e isso causou boa impressão em mim. Talvez eu esperasse uma criança mais retraída, mais contida e mais frágil.

Além disso, destaco como ele foi se posicionando, pedindo o material, mas também falando de si, até reclamando de algumas faltas, de televisão, de brincar mais. Mencionou o fato de a avó fazer muita sopa, mas

em seguida disfarça lembrando que ela também faz o que ele e a irmã gostam. Entendo que ao relatar o que não está bom consegue falar para ele próprio, e o quanto isso pode ser importante. Não supõe alcançar gratificar a mãe, interpreta que o cartão ficou feio porque fez com pressa. Resgatou também a importância da relação com o pai reconhece sua necessidade de brincar, jogar etc.

Outro dado significativo foi ter quantificado os amigos, disse que tinha dezoito, e dizer que sabe fazer tudo. Entendi esse conteúdo como vontade de ser mais do que é, desejo, mas não pareceu dizer com uma atitude de arrogância.

A análise da observação lúdica indicou aspectos importantes de seu desenvolvimento de Vitor. Ao final, fiquei com a impressão de que o nosso contato na entrevista foi facilitador para a sua expressão, pois a postura dele foi se modificando, tanto nas brincadeiras quanto verbalmente, o que indica a existência de recursos pessoais.

5.1.6 Desenho de Família com Estória (DF-E)

Compareceram Vitor e Paula para a segunda sessão com a criança. Assim que nos encontramos na recepção, Vitor veio em minha direção e sorriu. Despedimo-nos da mãe e perguntei ao menino se ela poderia aguardar no 1º andar e ele prontamente concordou. Na espera do elevador, Vitor permaneceu quieto, não olhava para quem estava ao lado (havia uma menina também aguardando para subir e ela falava bastante, perguntou algo para ele, mas ele respondeu brevemente, não fez muito contato). Assim que subimos apertou o andar e quando chegamos ao andar dirigiu-se à sala de atendimento (parecia “apressado” e “determinado”).

Ao chegarmos à sala, conversamos sobre como estavam as coisas, ele disse que bem e que a irmã perguntou como era aqui, ao que ele respondeu que tinha brinquedos e massinha. Disse que ela tem massinha na escola, porém ele não, mas que ela gostaria de vir brincar. Ele falou para a irmã que ela virá na próxima e ela ficou contente. Contou que conversa raramente com o pai durante a semana, somente quando ele liga. Disse que jogou futebol na escola e que fizeram uma bola com uma tampinha e que foi legal. Ele está aguardando uma vaga para treinar futebol na escola, mas ainda está em espera. Já sua irmã faz natação na escola, mas ele não pode, pois é até o terceiro ano, ele fez no ano passado, mas “agora não pode mais”.

Após essa conversa, dei as instruções para realizar o desenho de família com estória (DF-E) e Vitor prontamente atendeu e iniciou o primeiro desenho, de uma família qualquer, e fez a sua família. Não usou lápis de cor, somente o grafite, e seu desenho ocupava um espaço pequeno da folha, com figuras bem pequenas, de boa estrutura e completos, com os detalhes essenciais, porém com poucas características de diferenciação e no quadrante esquerdo da folha. Quando terminou disse que eram “meu pai, minha mãe, minha irmã e eu”. Fez duas nuvens estreitas, uma sobre a outra, o sol e escreveu “Minha família” no centro da folha. Quando solicitei uma estória para o desenho, prontamente falou “não sei fazer estória” e ficou quieto. Estimulei e ele disse que não sabia mais nada. Escreveu em cima de cada figura para identificá-las: pai, irmã, eu e mãe.

Em seguida dei as instruções para o segundo desenho, de uma família que gostaria de ter, e ele fez figuras com as cabeças e corpos quadrados, na mesma ordem, tamanho e características do primeiro desenho, no quadrante esquerdo da folha. Ao terminar sorriu e pareceu achar interessante a sua ideia. Pedi a estória e ele disse que era uma “família de robô que estava passeando.” Perguntei onde estavam passeando e falou que “não sabia”. Questionei o que eles faziam e ele respondeu que “as crianças gostavam de brincar, os pais não precisavam trabalhar, mas as crianças tinham que ir para a escola para ficarem mais inteligentes”. Perguntei o que os pais faziam e ele respondeu que “eles ficavam assistindo televisão, não precisavam trabalhar e ganhar dinheiro, pois a escola era grátis”. Indaguei do que as

crianças gostavam de brincar e Vitor disse que “o menino de bola e a menina de boneca, só isso”. Escreveu sobre cada figura: rodo pai, rodo irmã, eu e rodo mãe.

Por fim, solicitei o terceiro desenho, de uma família em que alguém não está bem e Vitor fez um menino com uma bola de futebol e dois balões com escritos: “aiiiiiiiiiiii” e “chutei o chão!”. O desenho estava no centro da folha. No momento de contar uma estória disse que “ele tentou chutar a bola e chutou o chão e doeu muito, o pé ficou inchado”. Perguntei o que aconteceu depois e ele disse que “ele foi para o hospital, ficou dois meses e foi como quando eu fui”. A partir desse momento contou sobre a sua internação: “eu desmaiei no hospital de repente, fiquei falando fraquinho, puseram um negócio assim na minha boca (fez um gesto para mostrar), doeu muito para tirar e eu gritei”. Estimulei e ele disse que “teve que tomar banho na cadeira porque caía, andou de cadeira de rodas”; “quando voltou para escola ficaram contentes”. Perguntei se lembrava de mais alguma coisa que quisesse falar e ele continuou prontamente dizendo “tomei injeção nas costas e aqui (mostrou a mão), doía pra caramba, às vezes ficava sozinho e gritava para alguém chegar logo, minha mãe, meu pai, minha avó e meu avô iam lá para ficar comigo”. Indaguei se ficava sozinho e respondeu “não, tinha as enfermeiras, mas queria sair logo”. Disse ainda que “depois fui para o quartinho que tinha televisão e tive que usar fralda, queria tirar e não deixavam, não gostei nada disso”. Completou “à noite tinha medo e sonhava, acordava e minha mãe ficava irritada porque não conseguia dormir, acordava muito à noite”.

Como Vitor nomeou o primeiro desenho como sendo de sua família e a atividade já ter sido intensa, optei por não pedir o último desenho e encerramos a atividade do DF-E. Nesse momento, faltando alguns minutos para o término da sessão, ofereci se ele queria fazer um desenho livre ou usar a massinha. Ele prontamente pegou a massinha e fez uma cena bem colorida: um campo com flores, uma árvore, lago, pássaros, peixes, um sol e nuvens, bem colorido e parecia ter prazer em construir cada parte. Enquanto manuseava perguntei o que era e ele disse que era um lugar bonito. Avisei do horário e V. arrumou todas as massas, tirou pelas cores e fez os rolinhos para guardar na caixa. Enquanto guardava perguntei se era assim organizado com

as suas coisas e ele respondeu que mais ou menos, pois divide o quarto com a mãe e a irmã e dormem em um treliche, mas que gostaria de ter um quarto só para ele. Contou que agora dorme na cama de baixo e a mãe na de cima, mas antes era o contrário, mas mudaram por medo de que ele caísse. Contou que na casa do pai tem um beliche e ele dorme em cima e a irmã embaixo.

Encerrei o atendimento, combinamos o próximo encontro e Vitor disse que a irmã vai gostar muito de vir. Descemos e encontramos a sua mãe na recepção e ela falou que Marcos pediu para avisá-lo quando terá que vir, pois terá que organizar os horários. Combinamos o dia e Paula disse que avisaria e que eu não precisaria ligar. Falou também que no dia trará as crianças para a clínica para facilitar. Despedimo-nos e quando foram esperar o elevador outras pessoas estavam aguardando e a mãe logo disse “vamos fazer exercício” e desceram pelas escadas.

DF-E 1º desenho

DF-E 2º desenho

DF-E 3º desenho

Análise do Desenho de Família com Estória (DF-E)

A análise do primeiro desenho, a de uma família qualquer, mostra que Vitor imediatamente reproduziu a sua própria família, o que pode indicar como se coloca no ambiente de maneira contida. Tal impressão fica evidenciada pelos desenhos pequenos, com poucos detalhes e nenhuma possibilidade para contar uma estória, pois quando solicitado disse “não sei fazer história” e após outro estímulo respondeu “não sei mais nada”. Os desenhos indicam alguma diferenciação de gênero, como os braços abertos e os fios de cabelo nas mulheres, mas chama a atenção o tamanho parecido atribuído aos pais e às crianças, revelando como as figuras parentais não exercem as funções de cuidado com os filhos. Utilizou o quadrante esquerdo da folha, indicando certa regressão a aspectos anteriores de seu desenvolvimento, mas logo que terminou preencheu o espaço vazio com duas nuvens grandes. O sol foi desenhado por último e o grafismo de seu contorno indica certa tensão que buscou descarregar no desenho.

Na segunda produção, a de uma família que gostaria de ter, repetiu o desenho anterior somente transformando as figuras em robôs, o que poderia ser compreendido como certa dificuldade na expressão de afeto, bem como na espontaneidade de comunicação entre os membros da família. Anuncia uma ação, eles estavam passeando, mas não consegue imaginar uma cena. Quando estimulado respondeu que as crianças gostavam de brincar e os pais não precisariam trabalhar, indicando uma possibilidade de satisfação, porém em seguida determina que as crianças precisam ir para a escola para ficarem mais inteligentes, como se não fossem, revelando diminuída imagem sobre si mesmo. Além disso, parece revelar uma tentativa de explicação racional para a ausência afetiva dos pais.

Na terceira produção, uma família em que alguém não está bem, coloca um menino gritando e que reclama por ter chutado o chão, ou seja, ele está com dor, mas machucou-se sozinho, o que pode reforçar essa impressão de descrédito de suas ações. Quando estimulado a dizer o que aconteceria

depois na cena, Vitor imediatamente relaciona a dor do menino a sua própria dor quando esteve internado e a partir desse momento relatou com detalhes todo o episódio vivido por ele. Nessa produção comunicou algo importante, revelando o que sentiu, os medos e angústias vividos e principalmente a aflição por não ser atendido em suas necessidades, por não ter um adulto que o ampare e o proteja nesses momentos. Tais observações podem ser indicadoras de um medo de regredir e não conseguir mais recuperar-se.

A partir do relato emocionante pareceu aliviado, ofereci o material e ele escolheu brincar com a massinha, fazendo uma cena bem colorida, alegre, com riqueza de detalhes. Tal produção demonstra o uso que ele pode fazer do objeto quando ocorre uma possibilidade de experiência no encontro. Disse que era um lugar bonito e sua expressão era visivelmente de menor tensão. Percebe-se aqui claramente uma situação em que a atividade de desenhar foi um dispositivo importante para a comunicação de sua angústia e como pode ser uma experiência que tenha efeitos terapêuticos a partir do contato com o analista.

Em síntese, a análise do DF-E indica que a realização da atividade foi importante para acessar afetos que não podem ser nomeados pela criança em seu cotidiano e parecem ainda afetar suas ações atuais, além de prejudicar sua percepção de si mesmo. Suas produções, tanto em relação ao desenho quanto na estória, evidenciam sua dificuldade de exploração da vida imaginativa. Demonstra clara insegurança diante da configuração familiar atual, na qual não encontra apoio nas figuras parentais para suas necessidades.

Impressões

Nesse atendimento o fato principal foi a comunicação que Vitor fez de sua angústia em relação ao episódio da internação. O momento foi muito intenso e eu posso dizer que também de emoção. Além disso, ao comunicar o

acontecido, o menino revelou outros aspectos vividos na época, mas que os pais não tinham mencionado, acredito que até porque talvez não soubessem.

Parecia que eu já tinha dados para uma compreensão diagnóstica de Vitor, ele demonstrou claramente suas principais fragilidades, mas a expectativa da entrevista familiar colocava-se num aspecto fundamental, qual seja, esclarecer como se davam as relações familiares. E Vitor também parecia estar se preparando, pois contou que a irmã queria vir.

Optei em realizar duas entrevistas com a família, uma com Vitor, a mãe e a irmã e outra com ele, o pai e a irmã, já que era assim que se relacionavam no cotidiano. A inclusão da irmã pareceu-me lógica, mas em algum momento questionei-me se não seria importante chamar também os avôs maternos, principalmente a avó, mas descartei a possibilidade para manter o núcleo familiar de constituição de Vitor.

5.1.7 Primeira Entrevista Familiar

Compareceram para a entrevista familiar Vitor, sua irmã Vivian e a mãe, Paula. Logo que nos encontramos na sala de espera, Vitor saiu na frente, foi para o hall dos elevadores e apertou os botões para subir, querendo demonstrar que já conhecia o caminho e falou para a irmã.

Vitor: - você sabe onde é?

Vivian: - não!

Ao chegarmos ao andar, Vitor foi à frente, quase correndo e abriu a porta da sala, seguido da irmã e da mãe.

Paula: - você já sabe onde é.

Assim que estávamos na sala Vitor sentou-se e disse para sua irmã

Vitor: - como eu falei teríamos coisas para brincar e massinha.

Dei as instruções para a tarefa a ser realizada dizendo que eles deveriam fazer um desenho, oferecendo o papel A3 e duas caixas de lápis de cor e três lápis grafite.

Imediatamente eles trocaram de lugares, sendo que Vivian ficou no meio, ocupando um lugar privilegiado na mesa e com a folha de desenho virada para ela. Em seguida determinou o desenho a ser feito.

Vivian: - vamos fazer uma praia.

A mãe vai interferindo e tentando coordenar a atividade, mediando a decisão e Vitor fica quieto.

Vivian: - vou fazer um sol!

E desenha com amarelo no canto superior direito e a mãe disse que estava pequeno. Vitor desenhou uma montanha, mas teve que fazer de lado, pois a folha estava com Vivian.

A mãe foi falando o tempo todo, tentando amenizar os conflitos e disse para Vivian fazer as gaivotas.

Vitor: - ela nem sabe o que é isso!

Paula: - claro que ela sabe!

Vivian: - é um pássaro que come peixes.

A mãe continuou:

Paula: - e as pessoas?

Vivian: - ele faz.

A mãe continua e aponta para o que tinha acabado de desenhar “o Vitor está nadando aqui” e desenha uma pessoa na água, deitada.

Nesse momento Vitor tenta um espaço para desenhar um guarda sol, faz a irmã e um balde com pá para brincar na areia. A mãe continua, desenhou uma pessoa maior em vermelho e disse:

Paula: - a mãe está olhando ele na água, está olhando os dois, ele vai no fundo. O que mais tem na praia? Surfista! Você não gosta?”

Vitor: - não!

E continua quieto.

Paula: - o tempo está nublado, vamos fazer um sol mais forte, quente! Vamos fazer mais coisas, assim parece que estamos isolados na praia!

Vivian estava pintando o mar e disse:

Vivian: - na praia tem sorvete!

Vitor: - como vou tomar sorvete se estou resfriado? Ai! Tá querendo demais!

Paula: - mas faz de conta! O que mais tem na praia?

Vivian repete: - faz de conta! E fez uma abelha, riu muito e disse para o irmão: - você faz as coisas muito pequenas!

Paula: - a abelha está perto da Vivian!!

Vivian: vou fazer uma borboleta.

A mãe continuou:

Paula: - na praia tem crianças jogando bola, o Vitor adora futebol, que tal desenhar o vovô jogando?

Vitor: - ele mal sabe jogar!

E continua parado, olhando as duas falando e desenhando. Elas fazem tudo.

Paula: - ele pode ficar no gol pegando a bola.

Vitor: - você tá querendo demais!

A mãe sugere fazerem os prédios.

Vivian: - posso fazer as cortinas?

Nesse momento Vitor mostra-se emburrado. Vivian pintou a areia, procura o lápis da cor certa, combina com a mãe de usar o amarelo clarinho. A mãe lembra também que na praia em que foram tinha um parque, com brinquedos, montanha russa e pede para ele desenhar.

Vitor: - não!

A mãe continuou:

Paula: - o que mais tem na praia? Pipa! Por que você não faz uma?

Vitor: - eu mal sei empinar pipa! Quero desenhar sozinho!

Ele olha para mim, ofereço uma folha e digo que ele pode desenhar.

Vitor: - cadê o preto de pintar?

A mãe ajudou a procurar, mas não encontraram e perguntou:

Paula: - o que você está fazendo? Posso ajudar?

Vitor: - Não! Deixa eu sozinho!

Vitor começou o seu desenho com um carro de corrida de onde saia fumaça, desenhou uma lua e depois vários prédios com luzes nas janelas. O desenho era bem detalhado, com tamanhos proporcionais e ele demorou para terminar.

Paula: - posso fazer um barquinho? E peixinhos?

Vivian: - deixa eu !?!

Paula: - vamos fazer um navio?

E cada uma delas fez o seu, a mãe o navio e Vivian o barco e peixes e a mãe comentou:

Paula: - parece, né? Terminamos!

Vivian escreveu na folha FAMILIA em letra de forma e soletrando cada letra. Nesse momento olhou para mim e disse que queria fazer outro desenho, de corações, faria trinta e que queria dar para a mãe.

A mãe sorriu e disse que esses desenhos precisariam ficar comigo e eu confirmei.

Enquanto isso, Vitor estava concentrado em seu desenho, virava a folha várias vezes de maneira cautelosa, parecia querer que ficasse muito bom. Vivian fez rapidamente dois corações, montanhas, prédios, um sol, uma nuvem e uma borboleta. Enquanto desenhava cantarolava.

Quando pegou um lápis disse

Vivian: - tem preto de pintar sim!

A mãe respondeu:

Paula: - ah, eu me enganei.

Vitor parou de desenhar e olhou para irmã.

Vivian: - agora vamos lá! Escreveu o nome de sua mãe e disse:

Vivian: é porque eu vou dar para você, tchu, tchu, tchu!!

Nesse momento Vivian cantarolou e dançou enquanto fazia.

Vitor falou para a irmã: - você está tentando copiar do meu, né?

A mãe interfere:

Paula: - parece aqueles prédios de revista em quadrinhos.

Vitor: - nem revista eu tenho para ler.

A mãe discordou e disse que ele tinha.

Vitor: - revista de verdade eu não tenho.

Vivian: - ele falou revista de adulto.

Vitor continuou seu desenho fazendo tudo minuciosamente. Nesse momento Vivian desenhava, ela e a mãe.

Vitor: - você não me coloca nos seus desenhos, você me odeia!

A mãe imediatamente interferiu:

Paula: - não é verdade!

Vivian: é sim, eu odeio ele!

Paula: não é nada!

Nesse momento Vitor parou de desenhar e perguntei a ele o que tinha feito. Disse que era um carro correndo na pista à noite e que não ganhava a corrida. Perguntei o que aconteceria depois e ele disse: “ele vai chorar”. Perguntei por que e ele respondeu que o carro estava com defeito, o motor pifando e sem água. Indaguei se ele poderia melhorar e Vitor respondeu que ele mesmo colocou pouca água, que a corrida era nos Estados Unidos e sorriu, parecia satisfeito com a descrição que acabara de fazer. Vivian continuava cantarolando. Nesse momento Vitor disse que queria brincar de massinha e falou para a irmã se ela não queria olhar as coisas da caixa lúdica. Vivian olhou para a massinha, mas foi para a caixa, pegou os potes de encaixar e perguntou: “o que é isso?”. A mãe explica que são potes e a menina desmonta todos e depois encaixa, com habilidade. Enquanto isso Vitor fez uma cobra vermelha e colocou pintas pretas. Logo a irmã perguntou se ele estava misturando as massas. Vivian guardou os potes, foi até a caixa e pegou soldados, animais e índios. Abriu o saquinho com os animais e foi tirando e nomeando cada um. Vitor ficou animado e disse que iria brincar com ela e começou a guardar a massinha e a imitar uma galinha: “có, có, có”.

Vivian: - então eu vou brincar com a massinha! Tó! Oferecendo os animais.

Os dois trocaram de cadeiras. Vivian ficou mexendo na massinha e Vitor brincou com os animais e com os soldados, colocando em posição de ataque e a mãe foi ajudando a nomear os animais. Ele ficou encantado quando conseguiu colocar um índio em cima de um cavalo dizendo:

Vitor: - que legal!

Apareceu um alce lilás e Vivian disse que era um “viado”. Aviso que teremos mais cinco minutos e precisaríamos guardar as coisas. Vivian ficou apressada e disse que precisava ir rápido, mas Vitor começou a guardar o material. Organizaram tudo, Vitor liderava a ordem, e Vivian seguiu suas instruções. A mãe também ajudava e terminamos combinando o próximo atendimento. Despedimo-nos no hall e todos saíram animados e sorridentes.

PRIMEIRA ENTREVISTA FAMILIAR

Desenho conjunto

ENTREVISTA FAMILIAR

Desenho de Vitor

ENTREVISTA FAMILIAR

Desenho de Vivian

Análise da 1ª entrevista familiar

Ao analisar a entrevista, um primeiro aspecto a ser destacado foi a facilidade que tive com as instruções para a realização do desenho. Talvez pelo fato do material ser simples, papel e lápis, e a instrução também, pedi que fizessem um desenho e não ocorreu nenhuma reação. Ao menos da mãe, seria esperado um estranhamento inicial por ter que desenhar, mas não posso desconsiderar que eles são assim no cotidiano, bem adaptados e pouco questionadores.

Em relação ao posicionamento deles na sessão, ficou evidente a dificuldade que encontraram para realizar a tarefa juntos, que foi a proposta inicial. Todos iniciaram a atividade do desenho, mas logo no início Vivian ocupou um lugar de destaque e tomou a frente, sugeriu os desenhos, enquanto Vitor foi ficando irritado, mas não conseguia se colocar. A mãe percebeu a situação, tentou contornar, mas também não conseguiu. Isso porque a mãe não enfrentava Vivian ou pedia espaço para Vitor, ela tentava chamar a atenção dele, nomeando coisas que ele poderia gostar, mas sem sucesso. Quanto mais a mãe se dirigia para Vitor, para tentar amenizar a tensão da relação, que estava crescente, mais Vivian ocupava um espaço maior. Ficou claro que a mãe não conseguia estabelecer uma relação com os dois filhos ao mesmo tempo, precisava ficar somente com um de cada vez. E o espaço era na maior parte do tempo ocupado por Vivian, que de maneira leve e “cantarolando” foi se impondo. Em certo momento, Vitor disse para a irmã que ela o odiava, parecia sentir isso mesmo naquele instante. Ao final, quando ela e Vitor brincaram, ocorreu uma aproximação tranquila entre eles, ele ensinou coisas da caixa para ela e trocaram brinquedos, mas somente os dois, sem a mãe.

Em termos do conteúdo das comunicações feitas, nota-se que Vitor desde o início queria demonstrar que já conhecia a sala, o material, e falava com a irmã em forma de desafio, de questionamento: “você sabe onde é? como eu falei teríamos coisas para brincar e massinha”. Talvez isso a tenha

feito reagir de forma mais intensa, mas de qualquer maneira ele não suportou as provocações dela. No decorrer da sessão, Vitor foi comunicando o que a irmã não sabia como forma de diminuí-la. E também como ele se sentia em relação ao que a mãe oferecia a ele: resfriado para tomar sorvete, o avô que não sabia jogar bola, ele não sabia empinar pipa, até que desabafou duas vezes “você tá querendo demais!”.

Se existia um Vitor que na hora lúdica posicionava-se como tutor da irmã, nesta sessão é ele que se sente excluído. Não há um lugar para ele, ou melhor, o lugar que existe é um não lugar, pois seu desejo não é considerado. Reage a esta situação com uma atitude de oposição e revelando que “estão querendo demais dele”. Desenha a cobra, que pode ser compreendido como uma forma de manifestar sua raiva, se colocar, se diferenciar, mas não lhe dão atenção, só recebe as críticas.

Vitor não conseguiu impor sua vontade, não conseguiu colocar-se com a mãe e a irmã e ficou irritado, precisou ficar bravo para conseguir demonstrar que não estava bem e a mãe não modificava sua postura. Ele ficou de fora e foi anunciando o que ensinou para a irmã, que ela copiou suas produções, mas era pouco escutado. Quando decidiu separar-se das duas e fazer seu próprio desenho pareceu inscrever seu gesto pessoal, atuar com certa agressividade para ter um lugar.

Já a mãe claramente demonstrou ficar aflita com a tensão entre os filhos, mas não parecia saber como lidar. Ela ficou ansiosa e falava demais, fazia perguntas, nomeando o que faltava, mas sem sucesso. No início demonstrou preocupação ao dizer que ficariam isolados na praia, sentimento que deve ser presente em seu cotidiano com os filhos e com ela mesma, e por isso tem tanta dificuldade para romper com seus pais. Em seguida ela desenhou Vitor na praia em uma tentativa de aproximação, mas ele não correspondeu, ficava cada vez mais irritado até que pediu para desenhar sozinho.

Vivian demonstrou que estava a mais tranquila dos três, não apresentou dificuldades para se comunicar e parecia confortável no lugar que

ocupava na relação entre eles. Demonstrou ter uma proximidade com o irmão e embora o criticasse a todo instante, parecia brincar com aquilo, dava risada, cantarolava, enquanto ele ficava muito irritado.

Tal contexto sugere uma indagação: numa família com um modelo matriarcal, desde a avó até a filha, nas duas famílias de origem, do pai e da mãe, em que lugar caberiam os homens? Vitor sinalizou com um carro quebrado que não conseguiu ganhar as corridas, bonito, aparentemente com capacidade para ganhar, mas faltava o essencial, a água! E disse que ele mesmo esqueceu-se de colocar, como se a responsabilidade fosse somente dele, indicando uma percepção bastante diminuída de suas próprias capacidades, além de pouco apoio do ambiente.

Em relação ao desenho produzido em conjunto encontramos uma cena com elementos pequenos, revelando restrição, poucas cores e personagens estáticos, aparentemente sem vida, sem expressões faciais, esvaziados, revelando o aspecto desvitalizado da família. Eles não conseguiram contar nada da cena desenhada, apenas descreveram uma situação já vivenciada por eles na praia. Por outro lado, conseguiram certa organização para a realização da tarefa, o desenho ficou do mesmo lado na folha, foi realizado de fato em conjunto até o momento em que Vitor retirou-se e foi realizar sua produção individual.

De fato, muitos elementos podem ser destacados na análise da entrevista familiar, mas o mais importante parece ter sido o de permitir a apreensão da dinâmica familiar.

Impressões

Destaco a importância de realizar atendimentos individuais antes de propor a entrevista familiar para que o terapeuta tenha uma compreensão de

cada um antes de observar o todo, embora no caso de irmãos isso nem sempre seja possível. O cuidado deve ser não deixar as hipóteses iniciais cristalizadas, a entrevista deve servir de norteador para confirmá-las ou refutá-las, mas o contato inicial é facilitador tanto do papel do observador quanto dos pacientes que precisam comunicar-se. Para Vitor esse cuidado na relação pareceu ter sido muito importante, pois ele se mostrou seguro para expressar-se no ambiente que percebeu como dele.

Durante a sessão eu estava atenta aos movimentos do grupo, observando todos eles, e quando Vitor olhou para mim entendi como um pedido para desenhar sozinho e logo ofereci o material. Quando a mãe, no início, estava mais aflita e também olhou para mim, parecia querer uma ajuda para sair da situação de desconforto e ao mesmo tempo querendo dizer: “olhe, é assim que acontece lá em casa e eu não sei o que fazer”.

5.1.8 Segunda Entrevista Familiar

Compareceram para a entrevista Vitor, sua irmã Vivian e o pai, Marcos. Logo que nos encontramos na recepção Vitor sorriu e cumprimentou-me, foi em direção aos elevadores para subirmos. Apertou os botões e novamente foi direcionando o caminho até a sala, desta vez, seguido pela irmã. Ao entrarmos perguntei como estavam, as crianças sorriram e o pai disse: “tudo bem”. Perguntei se eles haviam contado ao pai sobre o nosso último encontro e disseram que não, e aí falaram para ele que desenharam e brincaram. Nesse momento dei as instruções sobre o desenho que deveriam realizar. Ofereci o material e eles se posicionaram na mesa, o pai no meio e as crianças ao seu lado. Logo o pai falou:

Marcos: - o que vamos desenhar?

Vitor: - não faço a mínima ideia

Vivian: - um jardim

Marcos: - pode ser Vitor?

Vitor: - sim.

Marcos: - então vamos lá. O que tem no jardim?

Vivian: - a flor.

Vitor: - o arco que protege a flor.

O pai pareceu preocupado em incluir Vitor, perguntava tudo para ele e coordenava todas as ações feitas por eles. Ninguém se preocupava em virar a folha ou mudar de lugar, então cada um iniciou o desenho de seu lugar, cada um ficando de um lado do papel e o jardim ficou com “três lados”.

Vitor: - Vivian faz o sol.

Vivian: - tá!

Marcos: - vamos tentar.

E o pai começou a desenhar uma flor pelo caule, grande, de frente para ele. Em seguida perguntou:

Marcos: - o que mais tem no jardim?

Vitor: - árvore.

Vivian: - é!

Então o pai fez uma árvore e depois um coqueiro ao lado. Enquanto isso Vitor continuava seu desenho de maneira minuciosa e Vivian fez duas nuvens, uma maior e outra menor e gaivotas.

Vivian: - qual flor que é essa? Perguntando sobre a flor que o pai havia desenhado.

Vitor: - não sei.

Marcos: - não sei. Vamos dar um nome?

Vitor: - não sei.

Marcos: - o que você acha? Está vazio aqui. Você pode colocar uma cerca aqui.

Nesse momento Vitor estava desenhando uma árvore, três flores, e desenhou uma cerca bem pequena, próximo da margem da folha, no seu lado do desenho e respondeu:

Vitor: - ahn, ahn.

Vivian: - como é o nome? Não lembro!

Marcos: - o que o Vitor vai fazer agora?

Vitor: - um avião.

Vivian: - avião voa no céu! E deu muita risada. Ele está pausando?

Marcos: - está voando! Quem vai pintar?

Vivian: - eu vou!

Vitor: - eu não!

Marcos: - você pode fazer o contorno. Você é bom nisso.

Vitor: - a Vivian também.

Marcos: - mas você também é bom! Como chama o que você faz aqui embaixo?

Vitor: - um lago?

Marcos: - é! Ele gosta de desenhar lagos (comenta em voz alta para mim).

Vivian: - com peixinhos! Deixa eu fazer os peixinhos?

Marcos: - olha a árvore do Vitor.

Vivian: - vou pegar o rosa, não, o verde e pintar. Cadê o marrom?
Tem marrom?

Ninguém responde para ela e o pai diz:

Marcos: - vou pegar o azul.

Vitor: - levanta e vai até o lixo apontar um lápis.

Vitor: - faz um balão e Vivian continua pintando.

Vivian: - consegui pegar esse! (pegou o lápis cor de pele). Você achou o marrom! Olha que legal ficou!

Marcos: - é verdade, legal! O que vamos pintar agora?

Vivian: - o avião do Vitor.

Vitor: - mas avião é branco!

Vivian: - vou pintar a fumaça de cinza.

Vitor: - eu pinto!

Marcos: - e o balão? Como vamos pintar? Com amarelo, laranja, pode ser? Posso pintar?

Vitor: - ahn, ahn.

Nesse momento Vivian cantarola uma música.

Marcos: - tem verde claro, Vivian?

Vivian: - tem, toma. Vou pintar como o Vitor.

Marcos: - cadê o marrom?

Vivian: - aqui está o meu marrom (pega na caixa de lápis de cor que ficou somente com ela).

Marcos: - vamos colocar peixes aqui?

Vivian: - eu sei, mas o meu é diferente.

Marcos: - pode ser também.

Vitor faz um peixe e Vivian fala:

Vivian: - esse é o tipo de peixe do Vitor.

Marcos: - é! E o seu?

Vivian: - o meu é assim! (e desenha um peixe)

Vitor: - o seu é o mesmo que o meu, Vivian.

Marcos: - eu não sei fazer um peixe, mas vou tentar.

O pai desenhou um peixe e depois mostrou para a Vivian como deveria fazer, ensinando que deveria fazer “tipo um oito”.

Vivian copiou.

O pai imediatamente elogiou:

Marcos: - muito bem!

Vivian: - como é uma bexiga?

Marcos: - acho que é assim, vou tentar (e desenhou para ela uma bola com uma linha embaixo, que seria o barbante) e Vivian riu.

Vivian: - eu fiz um pirulito, parece um pirulito!

Marcos: - você não vai pintar a árvore, Vitor?

Vitor: - não!

Marcos: - e as pessoas? Quer colocar alguém?

Vivian: - eu quero! Olha, eu tô pulando! (ela desenha uma menina bem pequena e sem os detalhes do rosto). E o seu, quem é?

Marcos: - Você.

Vivian: - eu de novo? Mas já tem eu!

O pai perguntou para o Vitor:

Marcos: - aí sou eu ou é você?

Vitor: - sou eu!

O pai fez duas pessoas, a filha pulando corda e o filho jogando futebol.

Vitor escreveu: O JARDIM.

Perguntei o que acharam do desenho e o pai falou que gostou muito, que achava que tinha ficado muito bonito, que estava colorido e que as pessoas pareciam felizes.

As duas crianças falaram: pronto, acabou, vamos brincar?

Vitor foi até a caixa, pegou a bola e Vivian pegou a massinha. Ele ficou batendo a bola na mão e tentou manter, o pai elogiou o equilíbrio. Em seguida Vivian foi até a caixa e mostrou a família, nomeou os quatro: pai, mãe, Vitor e ela. Depois pegou os sacos com soldados, animais e índios e o pai ficou encantado, disse que brincava e colecionava bonecos como aqueles, que gostava muito e falou que o Vitor também gostava de brinquedos pequenos e que provavelmente “herdou dele”. Vitor parecia satisfeito ao ouvir esse comentário do pai e continuou com a bola. No momento de tentar mais pontos, queria ir até o número cem, ficou mais tenso e repuxou a mão e o braço esquerdo, como os pais haviam comentado na primeira sessão. O pai disse para ele:

Marcos: - olha a mão.

Vitor mudou a posição e continuou batendo na bola. Em seguida Vivian foi jogar com ele, de mão e com o pé e eles pareciam se divertir muito. Avisei do término da sessão e todos prontamente guardaram tudo, de forma

muito organizada e principalmente Vitor coordenava que as coisas ficassem nos saquinhos corretos. O pai comentou que ficaria com eles no final de semana, mas que eles teriam uma festa. Vivian falou:

Vivian: - “um casamento!”

E Vitor respondeu:

Vitor: - tenho uma camisa de trabalhar para ir e deu muita risada. Todos riram, entreguei o atestado para o pai, nos despedimos e confirmei uma entrevista com o pai na próxima semana.

SEGUNDA ENTREVISTA FAMILIAR

Desenho conjunto

Análise da 2ª entrevista familiar

Ao analisar a segunda entrevista familiar é necessário não cair na tentação de comparar com a primeira, mas algumas situações inevitavelmente nos levam a algum grau de confrontação das relações estabelecidas. Ao serem convidados para a realização do desenho aceitaram imediatamente, sem nenhum questionamento ou reação de que poderiam não conseguir, o que às vezes pode ocorrer, principalmente com os adultos. O fato das crianças estarem familiarizadas com a atividade, pois já haviam participado com a mãe, parece ter sido facilitador.

Um primeiro aspecto a destacar nessa entrevista foi a maneira como organizaram os lugares para realizar o desenho. Os três se sentaram em volta da mesa como na primeira entrevista familiar, mas o pai ocupou o lugar de Vivian na mesa, portanto estava no meio e em condições melhores para intermediar o contato entre eles, o que de fato ocorreu. Outro aspecto foi a atitude rígida estabelecida por eles, cada um ficou em seu lugar, sem alterar a posição deles ou da folha. Dessa maneira, o desenho foi feito conforme a posição de cada um diante da folha.

Ao analisarmos o desenho, principalmente a partir das etapas de execução, percebemos que no sentido horizontal existe uma harmonia do desenho de Vitor com o da irmã, mas a parte do pai fica “de lado” e em nenhum momento ele comentou isso. As crianças perceberam e falaram, mas ele não, reforçando como fica em alguns momentos de fora da família e com uma atitude mais passiva. Por outro lado, o tempo todo existe movimento, as figuras desenhadas foram nomeadas a cada instante. Pareceu também que não estavam muito preocupados em realizar uma atividade esteticamente perfeita, foram se divertindo com a execução dos desenhos. No início o pai fez uma flor grande, coloriu, e depois pareceu relaxar nas produções seguintes desenhadas. Em seguida fez uma folhagem, parecia estar desenhando coisas que já tinha feito antes, e demonstrou capricho ao pintar.

Ainda no desenho, Vitor inscreve seu posicionamento com figuras pequenas, indicando restrição de movimento, de espontaneidade, mas aqui fez figuras humanas e dois veículos de movimento, um avião, que poderia conduzi-lo rapidamente e depois um balão, em que poderia ser levado de maneira mais suave. Ele foi desenhando e conversando sobre o que fazia com o pai e com a irmã, coloriu o balão e optou pelo avião em branco para manter nas cores originais reais. No final Vitor dá o título e o escreve na folha, batiza a produção e pareceu satisfeito quando fez isso, tinha um ar de orgulho.

Quanto ao posicionamento de Vitor percebe-se que ele ocupou o mesmo lugar na mesa, porém comunicou-se de maneira diferente. Apesar de continuar a realizar sua atividade individualmente e isoladamente, conseguiu no decorrer do tempo comunicar-se. A atitude do pai desde o início foi facilitadora para isso, ele não deixava Vivian dominar. Colocou limite na filha, impedindo que ela avançasse no desenho como ela gostaria, e Vitor não ficou irritado e não precisou impor-se pelo afastamento. Ao mesmo tempo não excluiu a irmã e valorizava suas produções.

Durante essa entrevista ocorreram dois momentos de comunicação intensa entre o pai e cada um dos filhos. No primeiro, aconteceu a comunicação significativa entre o pai e a filha, o qual no primeiro momento não a considera, não escuta seus pedidos, mas após um pedido dela para que fizesse uma bexiga, ele a atendeu e ela pôde interferir no desenho e sorrindo transformou a bexiga em pirulito. Essa movimentação de ambos pode ser compreendida como a possibilidade de fazer junto, criar, de maneira compartilhada.

O segundo momento foi quando o filho estava batendo a bola com uma mão só para fazer pontos, disse que gostaria de fazer cem pontos, e ficou mais tenso e repuxou o braço e a mão esquerdos, motivo pelo qual procuraram a terapeuta ocupacional que recomendou o psicodiagnóstico. O importante a destacar é que Vitor teve a manifestação corporal e seu pai imediatamente apontou, indicou para ele, e Vitor relaxou e movimentou naturalmente o membro.

Depois desses momentos, o pai desenhou os filhos, Vivian pulando corda e Vitor jogando bola, coisas que gostam muito de fazer, e a menina até surpreendeu-se dizendo que já tinha feito um desenho dela.

Impressões

Ao resgatar as impressões que tive nessa sessão, impossível não destacar o clima mais leve instalado desde o início em comparação com a primeira entrevista familiar. O fato das crianças já terem vivido essa dinâmica pode ter contribuído, mas o fato é que estavam bem mais relaxados. Durante a sessão tivemos momentos de brincadeira, risadas, enfim, foi mais fácil estar ali.

A atitude mais sensível, ativa e, portanto facilitadora do pai foi fundamental para a dinâmica estabelecida entre eles. O pai pôde resgatar e exercer a função paterna no grupo familiar, aspecto que ficava bloqueado na presença da mãe.

No decorrer do encontro eles tinham uma tarefa, o desenho, que serviu como facilitador para o encontro, pois à medida que precisavam encontrar soluções puderam simultaneamente se comunicar. Portanto somente a análise do desenho ficaria empobrecida, o todo é que nos dá mais dados: o desenho somado à realização da tarefa, como interação e o que comunicam.

5.1.9 Entrevista devolutiva com os pais

Compareceram pontualmente para a entrevista devolutiva Paula e Marcos, pais de Vitor. Como na primeira entrevista em que vieram juntos,

estavam sentados separados na sala de espera e nem se olharam quando foram chamados para o atendimento.

Já na sala de atendimento pareciam ansiosos e disseram que gostariam de saber como Vitor estava. Iniciei a entrevista retomando a queixa inicial trazida por eles e resgatando os aspectos positivos apresentados pela criança, como o potencial intelectual, bom contato e bom aproveitamento dos encontros. Resgatei que, por isso, algumas dificuldades ficaram evidenciadas, como a dificuldade em colocar-se no ambiente de forma espontânea, bem como o fato de que o controle excessivo de seus impulsos causa desconforto intenso e provoca situações de explosão sem controle. Os pais acompanhavam cada aspecto apresentado e consentiam com reações corporais, faciais e a mãe chorou a partir desse momento e durante todo o restante da entrevista. Foi colocado que as dificuldades surgem também pela influência que eles exercem e que o fato de também não colocarem abertamente as emoções causam desconforto, além de servir de modelo para as crianças. A mãe disse que não sabe como lidar com Vitor e que fica “perdida”, “sem chão” quando ele grita ou briga com ela, sem saber se deve reagir ou não. Lembrou um momento da entrevista familiar em que Vitor ficou irritado com ela e com a irmã e desenhou sozinho. A mãe disse que ficou sem reação, que não sabe o que fazer. Concordei e disse que aquele era um bom exemplo de como as coisas devem acontecer e ela concordou. Em seguida lembrei a ela qual o desenho que Vitor fez, de um carro lindo, de corrida, mas que está sem água, vai perder, não vai conseguir nada. Nesse momento resgatei com o pai um momento importante na entrevista familiar com ele quando Vitor repuxou a mão e o braço esquerdo, como quando procuraram a terapeuta ocupacional, lembrando que ele fez isso no momento em que vivia uma tensão, pois queria jogar a bola 100 vezes. O pai concordou e disse que tem percebido algumas vezes quando ele está tenso. Disse a eles do quanto Vitor não brinca com crianças e fica muito sozinho e os pais concordaram. Em seguida a mãe falou da irmã e que ela ocupou todos os espaços na entrevista familiar. Concordei com ela acrescentando que a mãe fica paralisada e encantada com a filha, mas que também não consegue colocar limites.

Nesse momento pedi para conversar individualmente com a mãe e depois conversaria com o pai. Assim que o pai saiu da sala, Paula chorou mais, pareceu trazer ainda muito presente a mágoa da traição e da separação. Conversei com ela sobre a influência da avó em sua casa, que parecem viver um matriarcado, ao que ela, chorando concordou e acrescentou que seu pai é um “santo” que consegue agüentar sua mãe. Disse que tenta respeitá-la, que não desautoriza a avó na frente das crianças por que ela cuida deles para que ela trabalhe. Em seguida disse que os pais moram com ela, a casa é dela, mas a avó muitas vezes muda as coisas de lugar sem consultá-la e que isso a magoa, mas não diz nada. Ao mesmo tempo contou situações nas quais a avó desafia sua autoridade na frente das crianças, dizendo que ela faz mais bagunça do que eles, por exemplo. Quanto ao ex-marido, Paula disse que eles nem se olham quando ele entrega as crianças e que no último final de semana uma vizinha fez um comentário no portão sobre isso no momento em que chegou com as crianças o que a deixou muito irritada. Paula disse que não tem o que falar com ele e que ainda lembra-se do que ocorreu, mas acredita que está melhor do que a avó que quando as crianças chegam da casa dele quer saber tudo o que fizeram ou conversaram. Disse para Paula que ela precisaria ter seu espaço em casa e na vida, pois do contrário teria poucas possibilidades de gratificação e que os atendimentos poderão auxiliá-la nesse processo.

Em seguida chamei o pai individualmente e conversamos sobre a sua postura, que também é de muita tolerância e que ele acata as imposições de Paula e que esse modelo é percebido por Vitor. O pai ficou emocionado e disse que tem tentado acertar, mas que as coisas estão melhorando agora. Falou que quer conversar com Paula a conversa que ainda não tiveram. Retomei a entrevista familiar para que elerecordasse do momento em que ele e Vivian puderam se comunicar, ao que ele prontamente concordou e disse que vem conquistando ela aos poucos, que com ela as coisas foram mais difíceis, pois na casa dela falavam muitas coisas dele. Lembrou também que em uma ocasião discutiram, ele e os avôs, na rua em frente ao prédio em que moram e que de lá para cá Vitor nunca quer que o pai converse com eles, se prontificando a dar o recado ou pedindo para o pai escrever bilhetes, que é o que mais acontece. Por outro lado ele acha que as palavras lidas podem ter

outras interpretações tornando a comunicação muito truncada. Falei que ele é também retraído e ele prontamente concordou dizendo que “ele não é fácil”. Afirmou que sairá de férias com as crianças pela primeira vez, irão viajar e que está com boas expectativas quanto a isso.

Nesse momento solicitei a entrada da mãe e com os dois fiz a proposta de atendimento em Psicoterapia Breve Infantil (P.B.I.), ao que prontamente concordaram, mas surgiu a dúvida de quem participaria semanalmente do processo. A mãe disse que gostaria de participar e o pai também e eu aproveitei para dizer que esse era um bom tema para iniciarem conversas sobre as decisões de assuntos referentes às crianças, pois em geral eles não conversavam. A mãe propôs que viesse um a cada semana e diante da explicação de que assim não seria proveitoso, disse que viria um em cada semestre. O pai foi se mantendo quieto, mas falou que gostaria muito de participar e pediu uma mudança de horário, para as 19h, a fim de que ficasse mais fácil comparecer.

Encerramos o atendimento marcando o retorno para a entrevista devolutiva com Vitor e coloquei-me à disposição para esclarecimentos caso necessitassem. Os dois saíram juntos e despediram-se com agradecimentos.

Impressões

O início da entrevista foi mais tenso, os pais estavam quietos e não se olharam, retomando a minha impressão no primeiro encontro com eles, na triagem. Como havia encontrado com eles em outras situações, nas entrevistas individuais e familiares, tinha “esquecido” desse movimento deles, o que me aproximou de como Vitor se sente.

Quanto ao conteúdo que transmiti a eles, se por um lado pareciam curiosos com o que eu diria, por outro logo pareciam já saber do que

conversaríamos e a pergunta não era mais “o que ele tem?”, mas, “como podemos ser ajudados?”. Um dado importante foi a disponibilidade dos dois em participar, eles pareciam sinceros no pedido de ajuda.

A mãe foi tomada por uma emoção que não conseguiu controlar, chorou muito, durante todo o tempo, revelando fragilidades que encobre com certa racionalidade. Diante dessa situação, optei em separá-los no meio da entrevista, embora tivesse a ideia inicial de realizar uma devolutiva com os dois juntos e posteriormente, conforme a necessidade, encontros individuais. Os temas que mais fragilizam a mãe são a mágoa da traição e a relação com a sua mãe.

O pai novamente retraiu-se diante de Paula, pouco falou na presença dela, somente pediu alteração do horário de atendimento. No momento da entrevista individual falou da sua intenção de conversar com ela, mas diante dela sua postura era a mesma. Em relação às crianças, disse que tem mudado algumas atitudes e que as coisas “estão melhorando”. Provavelmente aqui se referiu à sua relação com Vivian, falou que eles ficaram juntos no final de semana e que tem insistido para os encontros, o que ele acredita que deixa Vitor mais contente.

Em relação à proposta de atendimento para Vitor, os dois concordaram, mas encontraram dificuldade para decidir como seria, qual deles participaria. Na verdade, eu também não tinha uma solução imediata a oferecer e propus que decidíssemos na época dos atendimentos, abrindo a possibilidade de uma conversa entre eles.

5.1.10 Entrevista devolutiva com a criança

Vitor compareceu para entrevista devolutiva acompanhado de sua avó. Chegaram pontualmente e logo que encontrei com eles na sala de espera

Vitor sorriu e veio em minha direção enquanto a avó continuou lendo uma revista. Avisei sobre o tempo de atendimento e subimos. Ao entrarmos na sala de atendimento, Vitor foi abrir a caixa lúdica e pegou a bola, estava mais solto e espontâneo, falante e corporalmente mais ativo. Brincou um pouco com a bola e fomos conversando, falei sobre o objetivo daquele encontro e dos atendimentos. Vitor prestava muita atenção e concordava com acenos de cabeça. Falei para ele sobre os pontos principais da compreensão diagnóstica, primeiro de seus recursos e capacidades, dos aspectos positivos e, em seguida, da insegurança e da falta de apoio no ambiente. Vitor sorriu muito na primeira parte, dos pontos positivos e concordou quando falei da insegurança. Disse para ele da necessidade de continuidade do atendimento para que pudesse buscar um equilíbrio e ele respondeu: “- equilíbrio? Não sei o que é isso!” Enquanto conversávamos continuava jogando a bola e contou que logo vai entrar de férias e viajar com o pai para um hotel no interior, que vai ter quadra e poderão jogar bola. Disse ainda, que nunca foi com o pai para um hotel e que “- vai ser legal”. Depois falou que está mudando e que tem gostado de outras coisas e que não quer só desenhar. Em uma das jogadas a bola caiu no cesto de lixo e eu falei: - cesta! Vitor riu muito e gostou da ideia, colocou o cesto perto da porta e começou a jogar a bola tentando acertar e jogou para mim para acertar também. Falei das várias possibilidades de jogo, que não precisava ser somente futebol e ele concordou, mas dizendo que era ruim em basquete. Em seguida acertou várias cestas e começou a variar a maneira de jogar, de costas, de olhos fechados, de costas e olhos fechados, e eu disse para ele que o treino também era importante para acertar. Vitor ria muito, estava tranquilo e parecendo se divertir com a brincadeira.

Perguntei como estavam as coisas na escola e ele contou que tirou notas melhores, estudou com o pai e foi bem. Disse também que a vaga para jogar futebol ainda não saiu, mas está aguardando e quer muito. Falou também que no feriado talvez vá à casa de um amigo da escola, que sua mãe vai combinar com a mãe dele e que será muito bom, pois no prédio onde mora não tem amigos e não dá para brincar, fica sozinho. Acredito que essa possibilidade já tenha sido resultado da devolutiva com os pais em que foi conversado sobre a possibilidade de Vitor ter mais contato com crianças, pois não tem amigos por

perto e a irmã estuda em período diferente na escola. Em seguida conversei com Vitor sobre o encaminhamento para o próximo semestre e ele respondeu afirmativamente e com veemência que gostaria de continuar. Falei sobre a possível troca de terapeuta, sobre como seria e que os pais também seriam atendidos. Vitor ouviu tudo com atenção e concordava. Avisei do horário, que precisávamos terminar e logo guardou as coisas. Descemos para encontrar sua avó e nos despedimos.

Impressões

Ficou evidente no relato da sessão como Vitor estava mais solto, espontâneo e sorridente. Prestou muita atenção nos aspectos que mencionei e pareceu satisfeito com as qualidades.

Interessante o seu comentário quando falamos de equilíbrio, mencionando que não sabia o que era isso. Essa resposta poderia ser interpretada como de fato uma dúvida do termo, mas na hora tive certeza de que estava falando dele.

Demonstrou maior capacidade de comunicação e citou que vai estar com o pai em uma situação diferente, de lazer, acreditando que vai ser bom. Disse também que está “mudando” e que tem feito mais coisas além de pintar. Foi após isso que, quando ele jogou a bola e “errou”, pois caiu no cesto de lixo, gritei espontaneamente “cesta”, o que me pareceu minha necessidade de comunicar para ele que podem existir outras possibilidades de brincar e ele correspondeu.

Interessante constatar como já a partir do psicodiagnóstico algumas mudanças acontecem.

5.1.11 COMPREENSÃO DIAGNÓSTICA DO CASO 1

A análise dos dados aponta para uma criança com bom contato com a realidade, recursos cognitivos dentro do esperado e boa adaptação social. Nota-se também em Vitor uma grande dificuldade de posicionamento nas situações em que se sente desconfortável, com introversão e contenção de atitudes. Esse comportamento pode gerar momentos de explosão, em que não consegue se controlar, e isso tem ocorrido principalmente quando no contato com sua mãe.

Em relação à dinâmica familiar, demonstra clara insegurança diante da configuração familiar atual, na qual não encontra apoio nas figuras parentais para suas necessidades. Adota posicionamento mais isolado e não consegue acreditar na própria potencialidade, sua auto-estima encontra-se diminuída. Relaciona-se relativamente bem com a irmã, mas quando na presença da mãe os atritos são constantes.

Em relação aos pais, pudemos perceber que a situação de separação não foi resolvida entre eles, o que ocasiona dificuldades em todas as relações atuais, eles não conseguem conversar sobre nada, o que afeta o cotidiano de Vitor e de sua irmã. Além disso, existe um segredo, da traição do pai, que eles disseram nunca ter contado, mas as atitudes parecem revelar sinais de que o pai “fez algo errado”, diminuindo sua imagem diante dos filhos.

O pai também demonstrou dificuldade em demonstrar seus afetos de forma direta, sempre encontra meios para “disfarçar”, resolver as situações de maneira dissimulada, o que gera incógnitas para quem está à sua volta. Claramente ele associa os comportamentos de Vitor a ele, assumindo aspectos desde sua relação com seu pai. A função paterna fica enfraquecida e a dinâmica da família parece gerida por um matriarcado, tal qual na sua família de origem.

A mãe evidenciou sua dificuldade em assumir sua função materna, não consegue se impor diante da força da avó. Ela em várias situações não sabe o que fazer, apenas se submete ao que a mãe determina, embora tenha sentido raiva em vários momentos, mas sua única expressão é o choro. Em seu trabalho seu apelido é “fofinha”, maneira encontrada para colocar-se nas relações, com o mínimo de conflito, mas a função materna exige um pouco mais. Sendo assim, ela não consegue estabelecer um padrão de relacionamento com os filhos em que possa incluí-los simultaneamente, e, em geral, Vitor perde espaço na relação com a irmã.

Ainda em relação ao casamento, os dois não tinham clareza das funções paterna e materna, e ainda estavam se preparando, estudando, comprando um imóvel. A falta de contato com a gravidez evidencia uma dificuldade enorme de percepção e falta de intimidade entre eles, na relação.

Diante desse padrão de funcionamento familiar, Vitor procura meios para identificar-se, mas encontra bloqueios. Ao aproximar-se do pai é criticado pela avó e ao tentar ser doce como a mãe não tem sucesso. A internação de Vitor parece ter sido fruto de um colapso, de somatização intensa de afetos não expressados. Mas, de alguma maneira, sua doença mobilizou os pais a terem contato, até para a busca pelos atendimentos.

Cabe destacar que após a internação Vitor foi encaminhado para Terapia Ocupacional por causa da tensão no braço e somente depois da avaliação encaminhado para um psicodiagnóstico, portanto considerado pelos profissionais envolvidos, como último recurso. A medicação que tem usado, um anticonvulsivante, parece trazer um alívio para a mãe de que ele ficará “sob controle”. Todos os exames realizados, na época da internação e posteriormente, não revelaram disfunções.

Todos os ambientes de convívio da criança exercem uma influência em seu desenvolvimento e a escola teve um papel importante, pois ao considerar a avaliação a partir da produção anterior de Vitor acolheu suas dificuldades e favoreceu a manutenção dos amigos evitando que repetisse o ano.

O encaminhamento psicoterapêutico de Vitor foi para Psicoterapia Breve Infantil, com simultâneo atendimento aos pais. Os pais receberam bem a proposta, mas não conseguiram decidir qual deles participaria do processo, pois ambos se mostraram disponíveis.

5.2 Apresentação caso 2: Rita, a menina que não faz as coisas direito

Rita é uma menina de oito anos e dez meses. Sua família é composta pela mãe, Joana, de 31 anos e pelo pai, Luis, de 37 anos. Eles moram juntos na cidade de São Paulo, a criança cursa o terceiro ano do ensino fundamental I, no período da manhã, em uma escola bem próxima à sua casa. Os pais são trabalhadores na área de prestação de serviços.

5.2.1 Triagem com os pais

Compareceram com 15 minutos de atraso para a entrevista de triagem Joana e Luis, pais de Rita, encaminhada pela pediatra do Hospital Menino Jesus com hipótese diagnóstica de distúrbio de conduta. Esclareci sobre os procedimentos da entrevista e fiz as perguntas necessárias para o preenchimento dos formulários. A mãe respondia à maioria das perguntas, mas o pai permanecia atento e concordava com as informações que ela oferecia. A mãe disse que ele não queria vir e que foi difícil convencê-lo, mas ele desconversou, dizendo que “veio e está bom”. Logo disseram que o encaminhamento foi feito primeiramente pela professora, que tem relatado que Rita está muito distraída nas aulas. Uma amiga de trabalho da mãe indicou a

clínica, já que no posto de saúde ao qual foram encaminhados não havia previsão de chamada.

A mãe, Joana, é natural de uma cidade do interior do estado da Bahia, mesma naturalidade do pai, Luis. Ela trabalha como empregada doméstica e o pai como porteiro, são católicos e residem na cidade de São Paulo há 15 anos. Ambos eram vizinhos na cidade de origem e vieram para São Paulo com os irmãos a fim de melhorarem a situação financeira, sendo que Joana logo diz que “a gente tinha uma ilusão, mas não era nada daquilo!” No início, moravam todos juntos em uma mesma casa, o casal, outro irmão da mãe que também era casado, um irmão dela solteiro e um irmão de Luis. O objetivo era obter uma posição melhor, assim conseguiram comprar um terreno juntos e construíram casas onde residem atualmente. O casal ficou por sete anos sem filhos e Rita é filha única, pois a mãe não quis mais ter filhos. Nesse momento do relato o pai interrompeu e disse que ele gostaria de ter tido mais filhos, mas ela não quis. Em resposta a mãe contou que o pai bebia muito, que nunca teve problemas no trabalho, mas só gostava de ficar nos bares, para beber e jogar. Ele concordou ressaltando que está há três anos sem beber “uma gota de álcool” por que a filha pediu. Joana falou que foi diagnosticada com depressão há seis anos por um psiquiatra que receitou fluoxetina. Ela relaciona a doença depressiva com os comportamentos de Luis e ele concordou prontamente, mas disse que agora “passou”. A mãe disse que tinha, e às vezes ainda tem, medo de não conseguir cuidar da filha sozinha, que não podia contar com ele. O pai disse que ela “é muito exagerada” e que “fica apavorada com tudo”. Ela discordou dizendo que ele “é muito sossegado”.

Perguntei sobre a queixa inicial, a distração mencionada pela professora, e a mãe contou que em casa ela é “normal”, gosta de brincar, assistir televisão e usar o computador. Questionei do que ela gosta de brincar e o pai falou: “de tudo!”. A mãe completou que ela brinca de elástico, boneca, panelinha, que brinca com uma prima menor no quintal de casa. Sobre a rotina informaram que vai para a escola pela manhã, está no 3º ano do ensino fundamental e quando retorna para casa o pai algumas vezes está em casa, dependendo dos plantões de seu trabalho e almoçam juntos. A mãe reclamou que ele não dá comida direito. Ele retrucou afirmando que faz arroz, feijão,

carne e salada, que ela não está lá para ver, e que eles comem bem. A mãe disse que como trabalha o dia todo não acompanha mais de perto, mas acha que às vezes eles comem muita “besteira”. Retomei perguntando qual a preocupação deles com a filha e a mãe logo respondeu que acha ela muito respondona, que às vezes não obedece e que só quer saber de brincar e ir ao shopping. O pai disse que ela é “normal”, só que às vezes não faz as coisas direito. Quando perguntei sobre atendimentos anteriores da criança a mãe informou que foram sorteados, na maternidade, a participarem do Projeto Chiado, na USP, para prevenção de doenças respiratórias. Afirmou que era muito bom, que foi muita sorte ter conseguido, pois eles orientavam as mães e até faziam visitas a casa para explicar como deveriam ser mantidos os objetos, como fazer a limpeza etc. Nesse momento lembrou também que a filha desde que nasceu tinha a “pele crespa”, e tratou no Hospital Menino Jesus como dermatite. A mãe contou ainda que Rita tinha refluxo e cuidou evitando alguns alimentos, mas foi somente durante um período curto de tempo.

Em relação à escola, a mãe relatou que a filha nunca teve maiores dificuldades, tinha um bom rendimento escolar, mas atualmente as notas estão mais baixas e a professora tem insistido na distração da criança em sala de aula e por isso decidiu procurar o atendimento psicológico.

Foram apresentados os termos de consentimento para pesquisa e os dois concordaram plenamente, autorizando a inclusão dos dados para pesquisa. Os dois leram as cartas e a mãe assinou os papéis.

Após as informações sobre os procedimentos do psicodiagnóstico, a entrevista foi encerrada e marcamos o retorno com Rita para o próximo atendimento.

Impressões

Nessa entrevista chamou minha atenção o tom queixoso da mãe, com a filha, com o marido, com a vida em geral, com grande insatisfação no que fazem para ela, mas nenhuma reflexão do que ela oferece. Provavelmente os traços depressivos acentuam essa percepção que tem tido do mundo à sua volta, mas não justifica tudo.

Outro aspecto a ser destacado foi o conflito explícito do casal, em nenhum momento pareceram próximos ou demonstraram alguma cumplicidade. Logo no início o pai concordou que ele não queria vir e não achava que a filha precisasse de atendimento. Os dois reclamaram um do outro, e sempre no superlativo: “ele é muito sossegado” e “ela é muito exagerada”. Pareciam querer que eu percebesse que era tudo “muito” grave.

A mãe, quando falou de Rita, reclamou de sua postura em casa e na escola e pareceu tranquila com as reclamações da professora, pois vão ao encontro do que ela acha da menina. O encaminhamento feito pela pediatra com hipótese diagnóstica de distúrbio de conduta também confirmou as impressões da mãe e ela falava como se tivesse certeza das dificuldades da filha.

O pai, ao relatar sobre o período em que bebia, pareceu concordar com os transtornos causados, mas a intensidade dele ao falar disso era muito diferente do peso que a esposa dava. Ele pareceu orgulhoso em dizer que parou com a bebida quando a filha pediu. Já a esposa parecia não reconhecer seu esforço e tentativa de aproximação.

Ao final dessa entrevista estava tomada pelo clima emocional da dinâmica familiar que me levava a imaginar como a criança transitava nas relações com eles. Ao mesmo tempo fiquei com muitas dúvidas sobre ela, sabia ainda muito pouco, muitas perguntas ainda precisavam ser feitas.

5.2.2 Primeira Observação Lúdica

Compareceram para a entrevista a mãe e Rita. Quando chamei as duas na sala de espera, a mãe veio na frente e a criança logo atrás, mas escondendo-se um pouco de mim. Convidei-as para subirmos e logo imaginei que seria melhor levar a mãe até a sala para que ficassem mais à vontade, pois ambas pareciam tensas. Ao entrarmos na sala me apresentei à criança e ofereci o material da pasta gráfica que estava em cima da mesa pequena. Ela logo se afastou da mãe e foi para a mesa explorar o material. Perguntei se ela sabia por que estava ali e respondeu que não. A mãe disse “ai, filha responde!”

Rita abriu a pasta e retirou todo o material, olhou para mim e eu disse a ela que poderia usar como quisesse. Enquanto isso a mãe contou que havia ido à escola, não pôde participar da reunião de pais, mas que a professora disse que prepararia um relatório para enviar à clínica. Nesse momento retomei com a mãe e com a criança o motivo da procura por atendimento, falei da preocupação dos pais, de que eles já haviam comparecido em uma entrevista anterior, e que eles acham que ela é desatenta. Acrescentei sobre a queixa no desempenho escolar e a mãe me interrompeu dizendo que a professora falou que ela não presta atenção na aula, fica atenta aos outros alunos e pouco concentrada em suas tarefas. Perguntei o que Rita achava disso e ela respondeu que não sabia. Nesse momento a criança pegou giz de lousa e foi escrever. Ela falou que achava que aqui seria um médico e que tomaria injeção, mas que parecia legal, pois tinha tinta para pintar e giz para escrever na lousa, e repetiu: “é legal aqui!” Fez o cabeçalho como faz na escola, com o nome da escola, a data e a atividade que seria desenvolvida, no caso contas de matemática. Escreveu algumas contas de somar e a mãe disse que ela não sabe ainda a tabuada. A criança respondeu que sabe mais do que ela e que a mãe pede para fazer a sua lição. Como eu não entendi o que Rita havia dito, olhei para a mãe e ela contou sorrindo que freqüenta as aulas na escola para adultos (EJA) à noite e que a filha é que quer fazer a sua lição. Como a mãe não havia trazido essa informação, perguntei em que horário ela fazia, ao que respondeu que no final da tarde.

Rita fazia as contas na lousa, eram fáceis, mas parecia orgulhosa de conseguir. Como a menina parecia bem mais tranquila, perguntei se a mãe poderia nos esperar na sala de espera do andar, a criança concordou e continuou a escrever na lousa. Desenhou uma árvore bem grande, apagou e escreveu algumas frases como se fosse lição de português, com verbos no presente e no passado. Em seguida foi para a mesa e resolveu usar as tintas. Desenhou no centro da folha uma menina em vermelho, fez duas nuvens de azul e o sol de amarelo. Ao lado desenhou o nome da mãe, contornou e disse que entregaria para ela. Falou novamente que aqui era legal e que antes estava com medo, que iria tomar injeção, mas agora estava achando que era legal. Pegou outra folha, repetiu o mesmo desenho, na mesma sequência, e escreveu meu nome com tinta azul e me entregou. Em seguida perguntou a que horas iríamos terminar, levantou e foi em direção à porta. Parecia que para ela o tempo de ficar ali já tinha terminado e também parecia aflita em ver a mãe. Disse para ela que já encerraríamos, mas queria combinar com ela outro encontro, além de explicar que faríamos outras atividades além dos desenhos. Rita concordou e falou que gostaria de voltar e fomos em direção à porta e logo que saiu e encontrou a mãe sentada pareceu tranquilizar-se. Combinei a data de retorno com a mãe e nos despedimos.

Desenho da primeira observação lúdica

Impressões

A impressão que este encontro causou em mim foi de inquietação, certa agitação, tanto em Rita como em sua mãe. A criança parecia insegura, precisou da presença da mãe para iniciar o encontro, mas aos poucos pôde nomear seu medo, passar de uma postura de quem não sabia nada no início a poder dizer que estava gostando. Na medida em que a mãe fazia reclamações de seu comportamento, a criança escrevia na lousa e lembrava coisas que a mãe também não sabia bem.

A mãe reclamava, mas ao mesmo tempo demonstrava certa apreensão, olhava para mim querendo adivinhar o que eu estava pensando, aflita com as dificuldades da menina. A mãe ficou sem graça quando a filha contou que ela também estuda, freqüenta o EJA (escola para jovens adultos), parecia um segredo que ela não contaria. A criança capta a angústia que a mãe também deve ter para “acertar as contas” da lição e contou, talvez querendo ajudá-la. Talvez Rita também perceba certa idealização da mãe em relação ao seu comportamento, como se coubesse a ela realizar o projeto da mãe.

Ao final, Rita fez um desenho para a mãe, parecia precisar oferecer algo a ela, e fez um para mim também, por querer ir embora. De alguma maneira Rita impôs o ritmo dela no encontro, do início ao fim, e entendi que precisava respeitá-la. Como em boa parte da sessão a mãe esteve presente, decidi marcar mais um encontro com a criança.

5.2.3 Segunda Observação Lúdica

Compareceram para o atendimento Rita e sua mãe. Logo que cheguei a sala de espera para buscá-las, Rita perguntou se sua mãe não subiria também e respondi que não, ao que ela consentiu e logo foi apertar os

botões para chamar o elevador. No hall havia mais duas crianças com seus respectivos terapeutas, Rita ficou quieta e bem próxima de mim e tomou a iniciativa de descer no andar de nossa sala, lembrou o número. Quando entramos, ela viu a caixa lúdica que estava em cima de uma cadeira e indagou “o que é isso?” Respondi apresentando a caixa e os brinquedos e convidando-a a brincar, dizendo que poderia utilizar o material como quisesse e que eu estava ali para conhecê-la e perguntei se sabia por que veio. Rita disse que não sabia, mas que a professora havia falado com a mãe dela “reclamando que eu não estou prestando atenção na escola”. Perguntei o que ela achava disso, e ela respondeu que não sabia. Enquanto conversávamos, Rita explorava os objetos da caixa, pegava e devolvia, estava conhecendo, mas chamava minha atenção o comportamento um pouco regredido para sua idade, com frases curtas, fragmentadas e a maneira como pegava e soltava os objetos. Fui prestando mais atenção e notei que a sua roupa e cabelo também favoreciam muito essa percepção, pois tinha o cabelo preso em partes, com pequenos rabos de cavalo, mas como se fosse de uma criança menor e a roupa trazia personagens estampados, coisa pouco usual para meninas de sua idade segundo tenho percebido. Perguntei para ela quem havia arrumado seu cabelo, ela respondeu “foi a minha tia que arrumou, dói, mas tem que aguentar”. Em seguida indaguei o que costuma fazer, e disse que sai com o pai, passeia, e que a mãe compra roupa no shopping. Imediatamente continuou “amanhã não tem aula, eu faço reforço na escola, mas amanhã não preciso ir”. Rita pegou giz e foi para a lousa escrever. Fez o cabeçalho que costuma fazer na escola, disse que precisava ser completo, com o nome da escola, o nome dela própria e a data “os nomes próprios tem que fazer com letra maiúscula.” Em seguida escreveu uma frase e disse que era para colocar no feminino e no plural. Ela mesma copiou embaixo, ocupando toda a lousa. Foi até a caixa e nesse momento pegou a família de bonecos de pano e perguntou “é da sua casa?”. Respondi que era daqui, que poderia usar como quisesse. Retirou o boneco que representava o pai, a mãe e os dois filhos, a menina e o menino. Disse que eles estavam passeando no parque, que o pai sempre levava as crianças. Em seguida colocou todos na mesa e afirmou que “eles vão tomar banho, dormir e no dia seguinte vão para a escola. O pai vai buscar as crianças, chegou e falou para brincar com o irmão.” Falava sem pausa, segurando os bonecos

rapidamente e continuou: “depois eles vão brincar mais na escola, fazer educação física, fazer lição, ir pro recreio e pode brincar com o amigo no recreio.” “Depois vão para casa de novo e ficam emocionados com a notícia de que tem um bercinho lá, pois vai nascer um bebê e eles ajudavam.” Perguntei da mãe, que estava em um canto e ainda não havia sido mencionada e ela disse que “a mãe está no médico para ter o bebê, vai ficar uma semana, o pai e os meninos vão ver a mãe. Aí eles brigaram para ver se ia ser menino ou menina, era menina e o irmão chorou, por que a menina ganhou.” “Depois foram para casa e a menina ajudou a mãe e pediu: posso pegar o bebê? E a mãe deixou e ela ficou muito feliz!” Pegou todos os bonecos e escondeu atrás da caixa e falou “agora estão escondidos, é surpresa para o aniversário do menino, teve a festa e acabou! Rapidamente guardou os bonecos no plástico, não queria mais brincar ou falar da cena e tentei perguntar como terminava e ela disse “aí acabou, eles vão tirar férias, a mãe gostou porque vão ajudá-la, mas o pai vai trabalhar dez dias. Acabou!” Abriu a pasta gráfica e viu um barbante e disse que já sabia para que era e perguntou se eu sabia fazer “aquele negócio assim, que põe na mão”. Arrisquei se era cama de gato, ela concordou e fizemos juntas, ela cortou o barbante, pediu para eu dar o nó e fizemos a brincadeira algumas vezes, mas ela desistia na fase que ficava mais difícil de tirar, dizia que não conseguia.

O tempo estava terminando, avisei para ela e ela quis escrever na lousa com um giz. Fez seu nome, de seu pai e de sua mãe com uma letra bem feita, porém muito pequena. Antes de descermos ofereci o barbante para que pudesse brincar mais em casa e ela prontamente aceitou. Quando encontramos com a mãe na recepção ela veio ao nosso encontro e perguntou como tinha sido e Rita mostrou o barbante para ela e foi mostrar para a tia que as acompanhava, e a mãe insistiu em saber se estava tudo bem, ao que concordamos e nos despedimos marcando o retorno com a criança.

Análise da observação lúdica

A impressão inicial no contato com a criança foi de certo retraimento, perguntou se a mãe estaria conosco, mas ao mesmo tempo uma vontade de experimentar. Quando solicitada a responder algo próprio inicialmente também disse que não sabia para em seguida nomear as dificuldades na escola. A postura um pouco mais infantilizada confirma essa hipótese de alguém que ainda não sabe tudo, mas parece querer descobrir. Adapta-se às situações, como com o cabelo que dói, mas não parece inscrever uma atitude própria em seu cotidiano. Em seguida de contar da reclamação da professora sobre seu comportamento quis mostrar o que sabe, indo para a lousa escrever, para somente depois brincar mais espontaneamente. No momento da brincadeira buscou na família de bonecos a forma de expressão do que parecia uma mistura de uma família ideal e de sua própria família. Ideal quando relata o que eles fazem no cotidiano, muito bem adaptados e juntos. Quando menciona as atitudes da mãe parece aproximar-se da sua própria família, descrevendo-a como mais distante e aos cuidados médicos, porém cuidando de um bebê.

Quanto ao pai, coloca-o trabalhando dez dias, como se fosse um castigo, permitindo que a mãe cuidasse somente das crianças. Essa cena remete à situação vivida por eles, onde a mãe reclama muito das atitudes pouco colaborativas do pai e da sua falta de tempo para ficar com a filha, além de ficar saudosa do período em que cuidou dela enquanto bebê. Rita pareceu muito satisfeita no momento em que cuidou do bebê junto com a mãe, anunciando que pode crescer. Por último, quando pegou o barbante teve uma atitude que revelou maior proximidade e um movimento de parceria, além de querer resgatar uma aprendizagem anterior, o jogo de cama de gato. Durante a atividade revelou que desanima diante dos desafios, quando via que estava mais difícil, e que poderia não conseguir, pedia para recomeçarmos. Pareceu mais tranquila quanto ao tempo em que ficamos juntas na sala, não mencionou a mãe e ficamos até o final previsto.

Impressões

No início do encontro a criança perguntou se ficaria sozinha, sem a mãe, e apostei que sim, o que de fato se confirmou. Pareceu mais tranquila quanto a esse aspecto, mas suas atitudes ainda permaneceram intensas, manipulava os objetos de maneira muito rápida, revelando certa inquietação. Esses comportamentos, reflexo de intensa ansiedade, acabam comprometendo a sua produção, tanto na atividade da lousa quanto de contar a estória na brincadeira, seu discurso fica um pouco fragmentado. Ao final quis brincar, buscou proximidade até fisicamente, e o barbante serviu de contato, foi de fato divertido, apesar de seus recuos aos desafios do jogo. No reencontro com a mãe a tensão foi retomada, ela insistiu em querer saber se estava tudo bem e não pareceu acreditar quando dissemos que sim.

5.2.4 Anamnese com a mãe

Compareceu para o atendimento Joana, mãe de Rita, para que fosse realizada uma entrevista de anamnese. O pai não pôde comparecer, pois estava trabalhando. Logo de início a mãe contou que foi à escola pegar o relatório da professora e que ela pediu que a mãe tirasse a televisão da filha como castigo, pois ela tem muita falta de atenção, é “desatenciosa”, e isso atrapalha seu rendimento. Perguntei o que ela achava disso e a mãe respondeu que a filha só quer brincar, passear, que no final de semana quer ir ao shopping e elas estão participando de um grupo de capoeira aos sábados, vão juntas, e a mãe desabafa: “estou cansada!” E continuou: “eu fico sobrecarregada, o pai ajuda um pouco, mas não vê direito, adora ficar no bar jogando baralho. No final de semana tenho que limpar a casa, fazer tudo, não dá!”. Falou tudo de uma vez, sem tomar fôlego, parecia estar precisando falar disso há tempos. Perguntei sobre a sua família de origem e ela contou que seus pais são do interior da Bahia, de uma família numerosa, mas que não teve infância porque não estudou, trabalhou na roça, atividade que não gostava, e assim que teve uma oportunidade foi embora. Com treze anos já foi para Salvador para trabalhar como babá na casa de um conhecido do pai e ganhava

muito pouco, praticamente nada, e a cada quinze dias tinha folga e ficava na casa de uma tia. Visitava mais raramente os pais, mas preferia morar na cidade a ter que voltar para a casa deles no interior. Perguntei a lembrança que tinha daquela época do relacionamento com eles e respondeu que “eram bons, não brigavam, mas deixavam tudo muito sem regras, iam deixando solto.” Aos quinze anos sua avó veio para São Paulo visitar uma tia e ela aproveitou para passear, ganhava pouco, queria mais, seu irmão já estava aqui assim como a família do pai, algumas tias. Aqui pediu para a tia deixá-la ficar e foi morar com eles, juntamente com seu irmão. Disse que trabalhavam bastante e que conseguiram, todos juntos, comprar um terreno e construíram casas e nessa época seu atual marido já estava aqui e namoravam.

Sobre a família do marido soube informar muito pouco, falou que eram vizinhos na cidade de origem e tinham uma vida parecida com a de sua família. Durante a fase de namoro separaram-se uma vez por causa de uma traição dele, mas depois, por insistência dele, voltaram. Joana contou que ele sempre bebeu, mas era pouco, não atrapalhava o serviço, mas depois que Rita nasceu as coisas pioraram. Disse que depois de sete anos de relacionamento Rita nasceu, foi uma gravidez planejada, mas ela tinha muito medo do parto e não notou que estava grávida logo no início. Durante a gravidez enjoou muito, teve labirintite e uma amiga enfermeira orientou a fazer todo o pré-natal, assim como a mãe da patroa, que a ajudava muito.

Perguntei como o pai reagiu à notícia e ela disse que ele não fez muito, ficou feliz, mas ela gosta de fazer tudo sozinha. No dia do parto ele estava trabalhando e sua mãe a acompanhou quando ela foi para o hospital às 11h da noite. Rita nasceu de cesárea e chorou muito ao nascer, teve icterícia, mas não precisou ficar internada, apenas foi orientada a dar banhos de sol na criança. Nesse momento Joana disse que Luis era ansioso e ela era mais calma com a filha, mas ele pegava no colo, ajudava um pouco assim como sua mãe, que ficou por algum tempo em São Paulo para ajudá-la, mas Joana falou que prefere fazer as coisas sozinha e não teve dificuldade para cuidar da filha e fazia do seu jeito. Disse que ela era um amor, tranqüila e não dava trabalho quando bebê. Mas acredita que isso também ocorreu porque ela logo comprou uma lata de leite para recém nascidos no caminho da maternidade para casa e

pensou que daria o leite se ela não ficasse satisfeita com a mamada no peito. E assim o fez, ela amamentava no peito e complementava com mais 60 ml de leite na mamadeira. A mãe cumpriu toda a sua licença maternidade e mais um mês de férias e ficava somente cuidando da filha e quando precisou voltar para o trabalho uma irmã de 16 anos veio para a sua casa para cuidar de Rita e chegou quinze dias antes de voltar, portanto aprendeu a fazer tudo do seu jeito.

Quanto ao desenvolvimento disse que foi tudo dentro do esperado para a idade. Andou, falou e seu desenvolvimento era sempre apontado como adequado pela pediatra que freqüentava, além do projeto que participavam e que já havia mencionado no primeiro atendimento.

Em relação aos cuidados maternos, Joana contou que era muito exagerada e que prendia muito a criança, não deixava engatinhar no quintal e em casa não tinha espaço, então quando tinha um ano e cinco meses a menina saiu andando pelo corredor do hospital em que estavam aguardando consulta. Riu ao lembrar-se da cena e disse que era muito exagerada. Em relação ao controle esfincteriano falou que com um ano e nove meses não queria mais a fralda, que foi decisão dela, que era esperta. Já com o uso da chupeta deu mais trabalho, usava de dia e à noite, e a mãe escondia dela, mas comprava sempre uma e deixava por ali caso ela pedisse, pois para dormir ela chorava, fato que foi resolvido aos três anos, quando a mãe falou que “não podia e pronto!” Usava também uma fraldinha de pano, mas não era sempre a mesma, gostava de ficar cheirando, mas depois largou.

Quanto ao processo de escolarização, Rita entrou para a creche com dois anos e nove meses, época em que a tia que cuidava dela queria ir embora, e sua adaptação foi difícil, chorava e chamava o pai que ficava com dó e atendia aos seus pedidos. Com seis anos ingressou no primeiro ano na escola que está até hoje e quanto ao desempenho acha que a primeira professora não era muito exigente e não estimulou corretamente a filha; no segundo ano a professora era muito boazinha, já falava que ela precisava melhorar, que era desligada, mas que era assim mesmo. Já atualmente, no terceiro ano, as notas estavam boas até que ocorreu uma troca de professoras, a primeira precisou afastar-se no mês de abril e desde então a professora que

assumiu diz que ela é preguiçosa, que só faz rápido quando é de seu interesse. Quando perguntei como é atualmente em casa a mãe disse que ela não tem cuidado pessoal, que precisam dar banho nela, avisar para escovar os dentes, que ela tem preguiça mesmo.

Estávamos terminando o atendimento quando retomei sobre o diagnóstico de depressão da mãe. Ela informou que foi quando Rita tinha por volta de três anos e que foi porque estava muito preocupada com a situação familiar, com os comportamentos do marido e com a falta de emprego dele, pois tinha muito medo de não conseguir cuidar dela sozinha. Nesse momento falou que foi tudo muito difícil, que se cansou e nem sabe se gosta mais do marido, mas que vai levando. Repetiu que ele é muito sossegado e que a filha às vezes parece com ele. Ele não se preocupa!

Encerrei a sessão e marcamos o próximo atendimento. A mãe agradeceu e perguntou se continuariam em atendimento aqui, se teríamos vaga e respondi que analisariamos depois de terminar o processo, mas que pensaríamos na melhor solução para ela.

Impressões

Ao final dessa entrevista ficou clara a preocupação da mãe com os atendimentos, sempre perguntava ao final o que iria acontecer, mesmo que eu tivesse sempre esclarecido os passos do processo a cada sessão. Ela revelava insegurança, instabilidade, e os aspectos levantados na entrevista confirmaram uma história de muita autonomia, porém pouco apoio do ambiente, daí provavelmente a necessidade de controlar tudo. Seus afetos em relação à família de origem e em sua família atual indicaram certo distanciamento, ela foi se adaptando, mas com certo desgaste e consequentes traços depressivos.

Em relação à Rita, apesar do medo do parto, demonstrou envolvimento nos cuidados iniciais e preocupação, embora nem sempre atendesse às necessidades da criança, como no caso da alimentação. A mãe tem alguma dificuldade em perceber o ritmo próprio da filha, cuida a partir do que acredita que seja necessário. Até hoje se ocupa dos cuidados de higiene, mas depois alega que a menina é que não consegue fazer sozinha e que tem preguiça. Sua volta ao trabalho ocasionou uma diminuição considerável no tempo que passam juntas e ambas parecem sentir os reflexos, a filha cobra a presença da mãe e esta fica sobrecarregada. O pai não parece contribuir, pois se ausenta com certa frequência quando a mãe está em casa. Isso faz com que Rita não tenha muitos momentos com os três juntos.

5.2.5 Desenho de Família com Estória (DF-E)

Compareceram Joana e Rita para o atendimento com a criança. Logo que cheguei à sala de espera, ambas, que estavam bem ao fundo da sala, levantaram-se e andaram rapidamente em minha direção, como se estivessem atrasadas, mas estávamos no horário combinado. A tia de Rita que sempre a acompanha até a clínica sorriu. Quando eu disse para a mãe que ela esperaria na recepção e que eu subiria somente com Rita, teve uma reação de desapontamento. A criança estava segurando uma boneca de tipo bebê e logo foi comigo para o hall dos elevadores. Quis apertar o botão do elevador e confirmou se iríamos subir. Concordei e assim que o elevador chegou entramos, mas Rita com certa “pressa”. Dirigimo-nos à sala de atendimento e logo que entramos expliquei que faríamos alguns desenhos. Rita reagiu positivamente, mas em seguida perguntou se também poderia escrever na lousa com giz. Expliquei que hoje não havia trazido o material e ela procurou no suporte da lousa se não teria algum giz ali. Perguntei sobre a boneca e Rita falou que ganhou do patrão do pai, que costuma enviar brinquedos para ela. Continuou segurando um pouco a boneca como se fosse um bebê e embalava

cantarolando uma música de ninar. Assim que eu retirei as folhas e coloquei os lápis na mesa, Rita colocou a boneca na mesa ao lado e não pareceu contrariada. Dei as instruções para realizar o desenho de família com estória (DF-E) e quando solicitei o desenho de uma família qualquer olhou para mim com ar de muita dúvida. Em seguida pegou o lápis grafite e fez uma pessoa, que parecia ser do sexo feminino, mas com pouca diferenciação e disse “eu já sei quem é! É você! E agora o meu primo” e desenhou ao lado outra figura, de tamanho menor. Depois fez um coração do lado esquerdo e nuvens com o lápis amarelo. A seguir fez um sol no canto esquerdo superior da folha com lápis azul. Tudo muito rápido e pintou as figuras e as nuvens, começou a pintar o coração, mas interrompeu.

Quando terminou pedi que contasse uma estória sobre o desenho e ela repetiu “é você e meu primo. Vocês estão brincando de corda e amarelinha. Vão brincar na educação física. Vocês têm que jogar a pedra e pular. Vou fazer o negócio aqui”. Nesse momento Rita desenhou um quadrado que parecia ser o início de um jogo de amarelinha, mas fez em cima uma flor e pareceu um vaso. Em seguida fez uma borboleta. Continuou a estória “aí foram para o passeio. Viram flores no caminho e borboleta voando na sua direção”. Perguntei qual seria o nome da estória e ela respondeu “a grande família”.

Em seguida solicitei o segundo desenho, de uma família que gostaria de ter. Iniciou imediatamente o desenho com lápis grafite, um traçado forte e disse “um leão!”. Desenhou o corpo e em seguida a juba do leão, bem pontiaguda. Em seguida fez uma figura humana. Logo terminou de desenhar e falou “um leão e a dona dele. Vou contar a estória. Num belo dia ela foi para o passeio e encontrou o leão. Falou para a mãe que queria e a mãe comprou. O leão ficou bem grande, cresceu e ela podia levar ele para qualquer lugar. As pessoas corriam dele, ficavam com medo e ele ficava triste. A dona falou que era criança, que não fazia nada e que só faz carinho no leão e que ele é nosso amigo. O leão é gentil, brinca com qualquer criança, se mexer nele é que te morde! Nesse momento desenhou os dentes do leão. Ele ficou triste, ela saiu correndo atrás dele por que ela maltratava. Ele maltratava. Vou comprar um cachorrinho, filhote bem pequeno, não pode maltratar, dá o que comer, não

pode dar besteira. Perguntei o título da estória e ela respondeu “a menina e o leão”.

Assim que pedi um desenho de uma família em que alguém não está bem Rita falou “minha avó!” Você sabia que eu tenho nove primos? Aqui em São Paulo e na Bahia. Eu tenho meu avô e minha avó. Na missa eu rezo por ela por que ela está com a perna machucada. Enquanto falava foi desenhando a figura da avó e em seguida todos os primos, mas não se incluiu no desenho. Nomeou um por um, fez primeiro quatro meninos e em seguida cinco meninas. “Minha avó vai vir pra cá.” Quando solicitei uma estória disse “eles estão na feira comprando coisas para se alimentar. A avó tem um monte de filhos, minha mãe é a número três. O nome da estória é as grandes irmãs.”

Por último, pedi o desenho da sua família e Rita disse “pode desenhar um animal?” Comecei a responder se eles eram sua família e Rita me interrompeu e desenhou uma figura e disse “minha mãe”. Como faz a blusa do homem? Esqueci! Desenhou rapidamente mais três figuras e falou “meu pai, meu tio e outro primo. Todo dia vou no meu primo brincar na rede...minha tia deixa. Tem minha prima, outra prima,minha tia, outra prima, tenho duas tias.” Falou que o nome era “as dez famílias.” Iniciou uma escrita no desenho mas desistiu. Perguntei qual seria a estória desse desenho e ela respondeu “eles estão passeando na rua, atravessa, a prima de dois anos ficou do outro lado e foi atropelada. O pai, a mãe e o primo sobraram. O resto morreu. Ai...vou fazer um desenho para a minha mãe, pode?” Consentí e ela rapidamente fez um coração e uma borboleta com lápis grafite. Em seguida pegou outra folha para fazer um envelope. Em seguida pediu “posso fazer outra dobragem? Fez mais um desenho com uma borboleta e um coração e dobrou uma folha como envelope. Escondeu com a mão e escreveu rapidamente meu nome. Sorriu e entregou, e logo pegou outra folha e disse que faria outro desenho, agora para a tia que esperava com a mãe.

Quando terminou avisei que nosso tempo estava terminando e que a aguardava na próxima semana e que faríamos uma entrevista com ela, seu pai e sua mãe. Rita sorriu e disse “com os dois? Mas o meu pai vai ficar aqui também? Falei que sim e se teria algum problema, ela respondeu que “não,

mas fico com vergonha com ele, ele e a minha mãe...vamos ver!” Pegou a boneca, os desenhos, ajudou a arrumar a sala e descemos. Quando chegamos à recepção a mãe veio rapidamente em nossa direção e informei sobre o próximo encontro. Ela disse “semana que vem? Quando você vai dar o relatório para a escola? Perguntei se eles estavam solicitando e ela respondeu que não, mas que está curiosa. A tia acompanhou-a e falou “ela que é apressada!”

Na saída Rita saiu na frente saltitante, quase correndo e sua mãe pedindo para que esperasse. No hall dos elevadores não deixou que apertasse os botões, como se filha não soubesse ou se fosse fazer errado. A tia olhou para mim e sorriu com ar de desaprovação. A mãe despediu-se novamente com um beijo forte e entraram no elevador.

DF-E 1º desenho

DF-E 2º desenho

DF-E 3º desenho

DF-E 4º desenho

Q

Desenho que Rita fez e entregou no final

Análise do Procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E)

Rita iniciou a atividade de maneira impulsiva, desenhando rápido, revelando intensa ansiedade. Utilizou algumas cores para destacar elementos do primeiro desenho, mas somente quando estava contando a estória. O tamanho das figuras desenhadas era desproporcional, provavelmente devido à falta de planejamento inicial. A temática trouxe elementos de seu cotidiano, portanto familiares, mas que não revelam aspectos do núcleo familiar.

Na segunda produção a temática revela aspectos defensivos, com a necessidade de um leão com juba pontiaguda para protegê-la, mas ele cresce e ao mesmo tempo pode atacá-la, perdendo o controle. A postura do leão pode revelar aspectos agressivos dela mesma e que misturou com aspectos destrutivos. O ambiente pareceu ameaçador não satisfazendo as suas exigências, o que provocou a raiva.

No terceiro desenho a temática apareceu de maneira mais concreta, expressando a sua preocupação com a avó, que de fato estava doente e viria a São Paulo para tratamento. Ao mesmo tempo ocorreu o predomínio de ansiedade e listou familiares, principalmente os primos, como forma de revelar pertença. Novamente os conflitos estavam distantes de seu núcleo familiar, não mencionou as figuras parentais. A maneira como executou a atividade comprometeu o resultado da produção, os desenhos ficaram incompletos e inacabados.

Finalmente no quarto desenho apareceram as figuras do pai e da mãe, mas Rita omitiu a sua própria figura. O conflito surgiu de forma trágica, ocorreu um acidente e uma criança, no caso uma prima menor, foi colocada em perigo. A estória revelou situação de vulnerabilidade e risco.

Assim, pode-se concluir que toda a produção revelou instabilidade, com predomínio de ansiedade na realização da atividade, o que pode ter comprometido a produção. A ansiedade impediu a atitude de planejamento e antecipação de situações para expressar seus conflitos, o que pode ser

entendido também como uma maneira defensiva de evitar o conflito. Além disso, fica evidente a falta de um modelo de família internalizada e a solidão expressa por um desejo constante de companhia, de contato.

Impressões

Novamente a mãe mostrou-se ansiosa, queria contato, parecia buscar ser atendida também. Rita chegou com uma boneca tipo bebê, segurada com prazer, mas com postura de uma criança menor. Por outro lado, suas atitudes em relação ao elevador e ao giz para escrever na lousa demonstraram autonomia, busca de realização por ela mesma.

Essa atividade deixou Rita cansada, ela saiu exausta, pois foi muito intensa. Os desenhos que fez no final e entregou foram produzidos com muita rapidez e o importante não era o que estava desenhado, mas entregar algo seu. Mais uma vez ficou evidente a atitude da mãe que não dá espaço para a filha, como não a deixar apertar o botão do elevador, ter atitudes.

5.2.6 Entrevista Familiar

Compareceram para a entrevista familiar Rita, sua mãe Joana e seu pai Luis. Chegaram 10 minutos adiantados e pareciam bem dispostos para o atendimento, sorridentes e facilitando muito o contato. Assim que chegamos à sala de atendimento, Rita dirigiu-se à lousa procurando giz para escrever. Após todos se acomodarem fiz a proposta de realizarem um desenho apresentando

o material, uma folha de papel A3, duas caixas de lápis de cor e três lápis grafite. Imediatamente Rita manifestou-se.

Rita: - pai, você vai ser o primeiro, como eu vou desenhar?

Em seguida pegou um lápis grafite e desenhou uma borboleta no quadrante esquerdo da folha, fazendo rapidamente o contorno e usando o lápis amarelo para pintar. Em seguida pegou a cor laranja, a azul e a rosa escuro a fim de pintar cada uma das partes do desenho.

Enquanto isso a mãe observava e perguntou:

Joana: que cor é a borboleta?

Rita não respondeu e continuou pintando seu desenho.

Joana: - devagar filha, só assim, vai quebrar a ponta do lápis, não aperta muito!

O pai permanecia quieto observando.

Rita: - eu tô pintando, por quê?

Joana: - porque não dá assim, nossa! Borboleta é diferente, filha.

A menina insistiu em seu desenho, terminou de pintar e fez um arco-íris do lado esquerdo da borboleta.

Joana: - ficou bonita.

Rita: - adivinha o que é, adivinha?

Joana: - eu já sei o que é. Nossa, saiu torto! Não tem como apagar!

Rita: - não.

Joana: - não precisa apertar tanto! Não tá certo, ajeita, dá uma arrumadinha!

Em seguida Rita desistiu do arco-íris e falou:

Rita: - depois o meu pai vai fazer.

Luis: - vou ver se consigo!

Rita fez outro desenho na parte central da folha e a mãe perguntou:

Joana: - o que é isso?

Rita: - é uma flor! Não dá pra ver?

Depois de responder para a mãe, a menina deitou em cima do papel como se estivesse desistindo. Mas logo em seguida ergueu-se e pegou um lápis de cor para apontar.

A mãe disse:

Joana: - vai no lixinho, por favor!

Rita: - eu não sei apontar lápis!

Joana: - sabe sim!

Rita vai até o lixo, mas recuou:

Rita: - aponta pra mim?

Luis: - você tem que tentar!

A mãe pegou o lápis da mão dela e apontou o lápis.

Rita pegou outro lápis para pintar a flor, ia trocando as cores.

Joana: - deixa eu ver...não precisa apertar tanto o lápis, vai devagar!

Rita continuou pintando, apertava bem o lápis, mas parecia que queria a cor forte. Não deixava sair nada fora do contorno, estava concentrada, mas demonstrava incômodo com os comentários da mãe. Pelo menos eu, enquanto observava a cena, fiquei!

Joana: - você vai pintar o arco-íris? Deixa eu fazer o meu desenho, empresta o seu lápis.

Rita: - eu quero a cor azul.

Joana: - não pode ser perto, não pode repetir a cor perto, você já pintou de azul aqui (e aponta no desenho).

Rita: - mas eu quero esse, então me dá o verde claro.

Joana: - você já pegou o marrom. Eu tenho que fazer o meu.

Rita: - espera!

Joana: - não faz com muita força no lápis.

Rita: - agora eu quero o preto.

Joana: - pra quê?

Rita: - eu adoro preto!

A mãe pareceu contrariada e o pai interrompeu:

Luis: - vai devagar, não precisa apertar tanto!

Rita: - olha, ficou um cata-vento! Um corta-vento. Agora eu quero o...

A mãe oferece alguns lápis para ela:

Joana: - esse não foi, esse também não.

Rita: - o azul já foi, falta o rosa claro, não tem rosa?

Joana: - aqui não tem esse, só lá em casa. Você pega todos os meus lápis e acaba com tudo, você aperta demais!

Rita: - preciso da cor cinza.

Joana: - não tem, tem marrom.

Rita: - preciso do cinza e do marrom, aí na outra caixa tem cores diferentes?

Joana: - posso fazer o meu desenho?

Rita: - não, espera aí!

Rita pintou com o marrom e a ponta do lápis soltou alguns pedacinhos.

Joana: sempre assim, ó! Está sujando o desenho, vai ficar feio.

Rita: - vou pintar de azul, esse não foi.

Joana: - você já usou duas vezes.

Rita: - não ta aparecendo a cor, tá muito claro!

Joana: - tá, sim. Vou desenhar o meu.

Rita: - espera aí, não terminei, espera!

Joana: - não precisa apertar tanto.

Nesse momento Rita dá a folha para o pai para que ele desenhe.

Luis: - quero ser o último, vou fazer uma florzinha.

Rita: - tá errado, falta no meio uma bolinha.

E desenha uma bola azul no meio da flor/cata-vento.

A mãe iniciou o seu desenho no quadrante direito da folha que estava mais perto do pai, então vira o papel para que fique mais próximo dela. Rita e Luis não comentaram nada.

Luis: - deixa eu tentar, ver se eu consigo.

Nesse momento pareceu que o pai se encorajou com as atitudes da filha e com a insistência dela para que desenhasse. Ele pegou o lápis preto e fez o contorno de sua flor, bem de leve, e sorria enquanto fazia, parecia tímido, inseguro, mas gostando de fazer.

Rita: - parece uma bexiga.

Luis: - é? Não me fale uma coisa dessas!

Rita: - agora pinta.

Luis: - tá bom! Agora vou pintar o meu. Assim, ó, de leve, com força não adianta, devagarzinho assim.

Rita: - ta ficando bonito mãe! Pai quer o rosa para pintar?

Luis: - claro!

O pai pintou as pétalas de amarelo, azul e rosa.

Enquanto isso a mãe desenhava uma casa, fez a parte de baixo, o telhado e pintou delicadamente. Em seguida desenhou três grupos de flores ao lado da casa. Fazia muito concentrada e sem falar nada, nem olhava para o que os dois estavam fazendo.

Nesse momento Rita pegou um lápis que o pai usaria e foi até o lixo apontar. Noto que ela apontou muito bem e “esqueceu” que não sabia apontar.

Joana: - não precisa fazer muita ponta, se não estraga os lápis.

Rita voltou para a mesa e disse para a mãe:

Rita: - pinta devagarzinho!

A mãe não respondeu, mas também não pareceu zangada com o comentário irônico da filha. Rita continuou apontando alguns lápis e dirigiu-se ao pai:

Rita: - você vai desenhar um carro, ta? É fácil.

Joana: - trás o lápis rosa. Olha o tamanho que você deixou! Gente...

Luis: - vai destruir tudo!

Joana: - não precisa ponta grande, quebra. Tira o pé da cadeira, lá tem sujeira no chão, perto do lixo.

Rita limpou tudo e voltou para a mesa para pegar mais lápis.

Joana: - chega, filha!

Rita: - pai, por que não pintou assim, ó.

Luis: - tem que fazer de leve.

Rita: - não parece uma flor, parece um pé!

Luis: - não tá bonito?

Rita: - ta! Mais bonito do que o meu.

Nesse momento perguntou para mim por que viemos para essa sala hoje. Explico que mudamos por causa da alteração de horário. Ela foi até a lousa.

Rita: - aqui tem giz!

Abraça o pai por trás, observa o desenho dele. A mãe continuou caprichando em seu desenho, parecia concentrada e não prestava muita atenção no que acontecia redor. Rita perguntou para mim:

Rita: - não tem apagador?

Respondi que poderia usar um papel.

Rita pegou o giz e falou para o pai:

Rita: - vai pintando de verde. Eu sou mais de desenhar na lousa do que no papel.

O pai fez um risco e desenhou o que poderia ser o caule e folhas da flor.

Rita voltou para a mesa e perguntou sobre o desenho da mãe:

Rita: - o que é isso, uma escada?

Joana: - é filha.

Rita: - quer ajuda para pintar?

Joana: - quero, mas não precisa apertar, tá filha?

Rita: - vou pintar. Quebrou a ponta!

Luis: - você faz com muita força.

Nesse momento Rita fez um sol em cima da casa.

Rita: - eu quero pintar, mãe!

Joana: - deixa assim mesmo, tá bonito. Vou fazer uma nuvem.

Rita pintou de amarelo e fez os raios de vermelho. Em seguida falou para o pai:

Rita: - pai, vamos desenhar na lousa?

Luis: - você desenha e eu olho.

Enquanto isso a mãe continuava pintando as flores delicadamente, uma por uma, retocando o que já havia feito. A impressão é de que em alguns momentos ela não estava lá presente, não interagira com eles. Rita, próxima da lousa, pediu novamente ao pai:

Rita: - vem fazer desenho, pai. Eu não tô conseguindo fazer.

Luis: - se acalma que você faz.

Rita: - eu não to conseguindo.

Luis: - concentra que você consegue.

O pai levantou-se e foi para perto da filha na lousa enquanto ela fazia uma paisagem, fez uma árvore, flores e o sol. Em seguida apagou.

A mãe estava terminando e perguntei para ela sobre o seu desenho, já que ainda não havia falado.

Joana: - aqui é o sol, as flores, uma casa e as janelas da casa que saíram muito grandes. Aqui é uma nuvem que não acertei!

Nesse momento peço para que me contem sobre o desenho que fizeram. Rita e o pai aproximaram-se da mesa e ela começou:

Rita: - a borboleta estava voando e encontrou o arco-íris. Agora é você pai. Não, deixa que eu conto. A flor está voando, o cata-vento fez voar. Aqui tem uma casinha, um jardim e não tem ninguém. Eu vejo uma casinha enfeitada de flor, tem dono, mas ele saiu.

Rita parou e nem o pai e nem a mãe fizeram menção de colaborar na estória. Estimulei perguntando o que mais eles achavam que estava acontecendo no desenho, mas somente Rita continuou:

Rita: - o dono saiu, viu flor, sol, arco-íris, borboleta, saiu. Deixou a porta aberta e a pessoa invadiu a casa, quando ele chegou olhou...

Nesse momento Rita desenhou uma menina na parte superior da folha, em cima da flor que o pai havia desenhado. Desenhou o corpo, a cabeça, os cabelos e pintou. Enquanto continuava a estória fez riscos de chuva:

Rita: - o homem foi na polícia e falou: pensou que a casa não tinha dono? O homem falou: quem deixou entrar aqui? Você tá preso! A menininha ficou cheirando as flores dela.

Perguntei como poderia ser o nome da estória e Rita prontamente respondeu: a casinha e as flores. Foi rapidamente para a lousa e falou:

Rita: - vou desenhar você (apontando para mim).

Desenhou e apagou várias vezes. Disse:

Rita: - tá feio! Depois minha mãe ajuda.

A mãe continuava a pintar detalhes do desenho.

Luis: - pode ser assim? Não, tá feio!

Rita: - não tá? Depois é sua vez!

Luis: - me dá o paninho.

O pai começou a desenhar na lousa com Rita, pegou um giz e fez o desenho de uma pessoa. Falou que era ela. Rita fez também uma figura e falou que era ele. Fizeram somente esboços, corpo, cabeça, braços e pernas, sem os detalhes do rosto e também sem detalhes que pudessem diferenciá-los, eram muito parecidos.

Luis: - ta dando tchau!

Rita fez nuvens e falou:

Rita; - ai, tô cansada! Na porta tá escrito não interromper.

Disse para ela que o aviso ajudava para ninguém entrar nessa sala agora.

Luis: - que tal? Está jogando boliche (referindo-se à figura que havia desenhado na lousa).

A mãe olhou para mim e disse:

Joana: - ela nunca jogou boliche, mas quer. Minha irmã foi e contou para ela, agora quer ir. Vamos ver se vamos um dia.

Rita se animou com o desenho do pai, foi até a lousa.

Rita: - vou fazer uma flor.

Apagou a lousa com o papel, molhou um pouco para limpar melhor e a mãe logo repreendeu:

Joana: - não pode passar água que mancha! Faz direito.

A mãe foi até a lousa e fez uma flor e um coração.

Logo Rita disse:

Rita: - agora é a minha vez!

Pintou o desenho da mãe e em seguida contornou a própria mão na lousa.

A mãe olhou para ela com ar de reprovação.

Joana: - você tem que fazer o seu. Desenho tem que ser livre.

Nesse momento interrompi e disse que eles tinham feito um desenho na mesma folha, mas separados. Agora eu gostaria de pedir que fizessem um desenho juntos.

Os três voltaram para a mesa e Rita rapidamente começou a desenhar. Fez uma casa com flores ao lado. A mãe logo disse:

Joana: - você tá roubando a minha idéia!

Rita: - pára! Você não deixa, deixa eu copiar.

Joana: - é pra fazer junto, vamos pensar o que fazer.

Luis: - desene o Cristo Redentor do Rio de Janeiro, é fácil, é igual uma pessoa, assim, de braços abertos.

Rita: - eu não sei.

Luis: - somos uma equipe.

Rita: - eu quero fazer.

Joana: - o que você quer?

Rita: - eu quero fazer uma mesa de pic nic.

Joana: - então faz com uma cadeira.

Rita: - eu não sei.

Enquanto falava Rita já desenhou a mesa e fez alguns objetos em cima. Fez também cinco cadeiras ao redor da mesa.

Rita: - aqui tem bolo, bolacha e refrigerante. A mãe vai comprar uma janta.

Luis: - faz ...

Rita interrompeu o pai para dizer:

Rita: - você vai fazer também, não é só eu!

Mas ela não dava tempo e espaço para ninguém e já foi desenhando e falando mais.

Rita: - aqui vai a Regina, o pai, eu e a mãe.

Joana: - calma filha! Faz devagar para ficar mais bonito.

Rita: - deixa!

Luis: - e a imagem que eu falei?

Rita desenhou pessoas nas cadeiras. A mãe logo que viu disse:

Joana: - assim é uma pessoa no caixão!

Rita: - agora vou fazer um foguete. É minha idéia.

Luis: - eu mandei uma coisa e você faz outra.

Rita: - vai voar na sua direção! O pai vai na nave! Vai para o Rio de Janeiro, ta voando.

Ela pinta o fogo embaixo do foguete. Fez com traços fortes, mas eles não a repreenderam por isso. Pinta de amarelo e completa com vermelho.

Joana: - faz o homem que ele pediu.

Rita: - uma pessoa?

Luis: - é!

Nesse momento Rita abaixou a cabeça na mesa e disse

Rita: - vocês não fizeram nada! Tudo eu que faço e vocês só pedem!

Joana: - é em dupla mas você não deixa a gente fazer.

Rita voltou a desenhar e escondeu o que estava fazendo com a mão, não permitindo que ninguém visse, principalmente o pai.

Rita: - feche os olhos, não pode ver, vai ver depois. Feche os olhos, não pode ver, você está vendo! Sua blusa vai ser rosa Pink. Pode ver.

Depois que retirou a mão que escondia desenhou um contorno na figura humana que havia desenhado de braços abertos.

Joana: - nossa, olha só isso!

Luis: - você ta machucando o pai, não pode.

Rita: - agora eu vou pintar.

Interrompi pedindo uma estória do desenho.

Rita: - vocês dois contam, eu pensei na outra.

Luis: - você tem que pensar também.

Rita: - oche! Eu já pensei um monte de vezes.

Joana: - dá ideia.

Rita pintou algumas partes da nave cantarolando e falou que não sabia de nada.

Luis: - não pode falar que não sabe.

Rita: - eu quero o rosa.

Joana: - e a estória, filha?

Rita: - calma! Não acabei de pintar.

Em seguida começou a contar:

Rita: - era uma vez um astro voando no espaço. Encontrou um amigo, um amigozão, um amigão. Eles se encontraram pescando e convidou ele para um pic nic. Vocês não falam nada!

Luis: - eu to gostando!

Joana: - tem quatro pessoas então?

Rita: - cinco pessoas.

Ficou emburrada pela falta de ajuda dos pais para a estória.

Luis: - tava bom, legal lá?

Rita: - vocês não falam nada!

Joana: - quem levou o bolo? Tinha sobremesa e sorvete de morango.

Rita: - aqui tinha brigadeiro, beijinho, doces.

Joana: - então era uma festa de aniversário, não um pic nic.

Rita: - vocês não falam nada!

Perguntei o nome da estória.

Rita: - a festa da família. Olha, vou fazer bexiga.

E desenhou cinco bexigas com um barbante do lado esquerdo e fez mais do lado direito, mais pontudas, com quatro.

Avisei sobre o término e logo Rita disse que precisava ir ao banheiro. Sua mãe pediu calma, mas o pai a acompanhou até o corredor. A mãe saiu mais lentamente. Quando Rita voltou pediu para levar os desenhos, insistiu, e combinei com ela que faria uma cópia e traria no próximo atendimento.

Interessante destacar que a partir do pedido de Rita e da promessa que eu fiz, não sabia ao certo com quem tinha marcado a devolutiva. Na

verdade, ficou em aberto, não fiz questão de definir, deixei um pouco também para eles resolverem. Assim, vieram todos juntos para a entrevista de devolutiva, o que eu deixei no ar foi captado por eles.

ENTREVISTA FAMILIAR

Primeiro Desenho

ENTREVISTA FAMILIAR

Segundo Desenho

Análise da entrevista familiar

Em primeiro lugar, destaco a postura inicial de Rita, como de alguém que não sabia nada e precisava perguntar tudo. Entendo que as perguntas serviam para pedir aos pais uma confirmação de quem ela é, mas eles não pareciam satisfazer suas necessidades. Ao mesmo tempo em que Rita perguntava, ia impulsivamente rabiscando na folha e sua mãe ficava muito irritada com sua atitude. De fato, ela não planejava o desenho e sua mãe dizia: “ficou torto!” “Não tem como apagar!” Não foi dada nenhuma possibilidade de transformação do desenho em algo possível. A mãe nesse momento parecia desolada, sem esperanças com a filha, o que gerava certa paralisia na menina, dizendo que não sabia apontar o lápis. Sua mãe a contrariou inicialmente, afirmando, sem muita convicção, que ela sabia, mas em seguida fez por ela.

Rita em alguns momentos ameaçou desistir, como quando se deitou na mesa, entregou-se! Contudo em seguida fez a flor, transformou em cata-vento, em uma tentativa de retomar o que havia abandonado, mas com outra forma. Pintou o cata-vento com cores fortes, delimitou bem os contornos. Nesse momento a mãe ficou sem paciência, queria fazer um desenho sozinha e queria o espaço na folha somente para ela.

Na medida em que a mãe fazia as críticas, Rita solicitava a ajuda do pai, fazia contato com ele e foi ignorando os comentários da mãe. Em vários momentos eles ficaram mais próximos e Rita encorajava o pai a fazer desenhos, parecia captar certa inibição nele e ao mesmo tempo se identificava com ele. A mãe ficou mais distante, não interagia com eles, até que Rita foi irônica com ela, primeiro elogiou seu desenho e em seguida repetiu a sua frase “pinta devagarzinho”. A mãe não reagiu de imediato, mas pouco depois fez novas críticas, deu ordens para Rita em um tom bravo.

Já o pai permaneceu com uma postura passiva, foi aos poucos se colocando e quando criticava a filha parecia mimetizar a mãe. Sua produção foi bem menor e ele foi admitindo as próprias dificuldades.

Aos poucos Rita foi crescendo, passou a ser de fato protagonista do que estava fazendo nos desenhos, mesmo que com pouca imaginação contou as histórias, fez o que pôde para inscrever algo próprio. Em certo momento perguntou sobre a mudança de sala, questionou o motivo, ocupou um lugar diferente e pareceu querer estabelecer uma relação com a analista que fosse observada pelos pais.

Em relação aos desenhos, eles revelaram aspectos importantes da dinâmica familiar, com os conteúdos de Rita marcados pela insegurança, ataque e a presença de fantasias persecutórias. As produções foram individuais, repletas de elementos isolados e com pouca interação entre eles para decidir o que seria desenhado, a não ser em relação às cobranças para a que a menina produzisse.

As exigências, tanto em relação aos comportamentos quanto à produção de Rita, pareceram muito absurdas, como os desenhos perfeitos que a mãe pedia ou o Cristo Redentor do pai. Interessante como a menina foi reagindo, mas, logicamente com consequências para o seu desenvolvimento.

Impressões

Ao final desse atendimento eu estava exausta, mas ao mesmo tempo com uma boa sensação de como Rita havia modificado sua postura no decorrer da sessão. Claramente fui me identificando com ela e a irritação da mãe foi me causando incômodo.

Nos momentos de maior desintegração do grupo familiar, quando eles pareciam não se entender, somente surgindo cobranças, meu sentimento de desconforto aumentava e percebia a aflição e desespero de Rita, que várias vezes olhava para mim, talvez tentando observar se eu estava atenta.

Como o processo de aprendizagem passa pela autoria, construída pelo processo de integração, percebemos como para Rita fica difícil crescer a partir do ambiente familiar e como tentou ser protagonista na presença dos pais juntos. Em geral, ela fica submetida à mãe e tem muita dificuldade em inscrever seu gesto pessoal, é como se a mãe “roubasse” seu gesto.

5.2.7 Devolutiva pais e criança

Compareceram para a entrevista, no horário marcado, o pai e a criança. Ambos ficaram de encontrar com a mãe na clínica, porém ela teve um atraso de trinta minutos. Após dez minutos iniciais de espera, o pai ligou para ela e soube que estava em uma farmácia ali perto e que já chegaria. Resolvi subir com a criança e começar a entrevista e combinei de buscá-los em vinte e cinco minutos.

Rita estava ansiosa para subir e queria saber se poderíamos brincar e escrever na lousa. Eu disse que sim, que havia levado a caixa lúdica para a sala e que ela poderia fazer o que quisesse. Assim que entramos, Rita abriu a caixa e manuseou alguns objetos. Mostrei uma cópia dos desenhos da entrevista familiar, ela olhou com atenção e sorriu. Abriu a pasta gráfica para pegar giz, mas quando viu as tintas mudou de ideia e arrumou a mesa para pintar. Organizou os potes de tinta na mesa, pegou uma folha e deu uma para que eu pintasse também.

Rita: - vamos abrindo as tintas aqui. Tome um pincel para você e outro para mim.

Regina: - o que vamos desenhar?

Rita: - você pode fazer o que quiser, é livre.

Rita foi desenhando em sua folha o chão de verde, fez uma árvore e desenhou alguns frutos vermelhos. Resolvi fazer um desenho igual para ver qual seria sua reação. Rita não parecia se importar, e ainda dava dicas de como eu poderia fazer para pintar melhor, notou que o meu pincel era mais grosso do que o dela. Foi algumas vezes na pia para limpar o pincel e não precisava pedir autorização ou aprovação para isso, estava mais à vontade no ambiente.

Enquanto desenhávamos retomei com ela nossos encontros, desde a primeira entrevista, a queixa inicial e as atividades que foram realizadas e falei um pouco das impressões que tive. Quando terminou perguntei sobre o desenho, mas ela somente descreveu que era uma paisagem. Nesse momento lembrei que precisávamos buscar seus pais na recepção e ela me acompanhou, sempre tomando a frente para abrir a porta, chamar o elevador e confiante de que estava fazendo o certo. Quando chegamos à recepção a mãe estava chegando, bastante aflita e desculpando-se muito pelo atraso. Já o pai parecia muito zangado, reclamou que veio de mais longe e chegaram no horário, que compromisso é compromisso e que ela não poderia ter demorado tanto. Quando entramos na sala a mãe continuou a justificar-se dizendo que estava na fila para o remédio popular e que demorou muito.

Assim que eles ficaram um pouco mais tranquilos, dei início à conversa retomando o motivo da procura deles para atendimento. Enquanto isso Rita foi para a lousa e desenhou a mesma paisagem do papel. Falei sobre as queixas da escola quanto ao comportamento desatento de Rita confirmado por eles nas entrevistas. Apresentei minhas impressões iniciando pelos aspectos positivos observados, como os aspectos cognitivos preservados, além da capacidade de observação e atenção. Por outro lado disse que compreendia que em alguns momentos Rita mostrava-se com essas capacidades diminuídas, tendo comportamentos de regressão e não compatíveis com a sua faixa etária, mas procurando esclarecer que esses comportamentos eram reação às suas experiências com o ambiente. Procurei nesse momento ilustrar com alguns fragmentos da entrevista familiar, mostrei os desenhos perguntando primeiro o que achavam que tinha acontecido ali entre eles. O pai falou que desenharam e que foi gostoso para ele. A mãe

sorriu e ficou quieta, parecia não querer arriscar uma resposta errada. Continuei dizendo que eles de fato desenharam, tiveram uma relação que foi se transformando durante o encontro. Lembrei do início, quando eu dei as instruções para o desenho e eles não se movimentaram inicialmente para desenhar, solicitando que Rita fizesse, além de pedirem coisas difíceis, como o Cristo Redentor. O pai sorriu e disse que pensou que era fácil, mas quando também foi desenhar viu como era. Rita concordou sorrindo para ele. A mãe criticou o pai dizendo que ele não tem noção do que pede. Nesse momento pontuei para ela sobre as críticas, que fazia a todo o comportamento de Rita e que eu compreendia como uma preocupação de que ela fizesse tudo certo, mas de como fica muito pesado para a criança. A mãe concordou. Acrescentei que, por outro lado, Rita foi reagindo às exigências deles e se posicionando. Dei como exemplo a situação de apontar o lápis, lembrando que no início ela nem conseguia apontar, pediu à mãe, mas depois conseguiu sozinha, “esquecendo” que não sabia. Nesse sentido, a criança foi se fortalecendo à medida que conseguia colocar-se, desabafar suas insatisfações e reclamar de tanta exigência. O fortalecimento fez com que “crescesse” na sessão, mudando sua postura, suas atitudes e apresentando comportamentos nem um pouco regredidos.

Retomei a queixa inicial lembrando as dificuldades na escola de comportamento e as notas mais baixas indicando um desempenho prejudicado. Disse a eles que o fato de haver tido uma troca de professora no final do primeiro bimestre provavelmente deve ter uma grande influência no comportamento e consequentemente no desempenho de Rita. Ela comporta-se na escola como às vezes em sua casa, ou seja, nos momentos de maior insegurança age de forma mais regredida e necessita de maior apoio, buscando-o nas figuras parentais em casa ou com a professora na escola. Assim, para concluir, apontei que algumas situações do cotidiano deles precisariam ser transformadas para que Rita retomasse seu desenvolvimento plenamente. A mãe concordou e disse que a sua irmã às vezes fala que ela não sabe lidar com a filha, que a trata como um bebê. O pai disse que precisaria prestar mais atenção e ficar mais em casa, pois fica com os amigos no bar, apesar de não beber mais, e acha que a filha tem ficado muito sozinha.

Nesse momento a mãe concordou enfaticamente, mas claramente solicitando atenção do pai para toda a família, incluindo ela própria, e não somente para a filha.

Enquanto conversávamos Rita estava na lousa desenhando uma cena com árvore, sol e uma menina. Eu o tempo todo ia perguntando o que ela achava de cada aspecto conversado, mas ela somente acenava com a cabeça. Porém, quando mencionei as exigências, ela logo concordou, dizendo que era isso mesmo, que eles pediam muito dela. Aproveitei para explicar que a ideia não seria deixar de pedir coisas, mas compreender o tipo de coisa solicitada e se seria para a idade dela. O tempo estava terminando e Rita foi muito ágil para guardar tudo na pasta e na caixa lúdica, estava mesmo com outra postura e o pai ajudou o tempo todo. Nesse momento o celular da mãe tocou e ela ficou aflita, pois não conseguia atender porque não encontrava na bolsa que estava muito cheia e em desordem. O pai logo a criticou, mas ela não parecia se importar com seus comentários. Indiquei a continuidade dos atendimentos em Psicoterapia Breve Infantil na própria clínica, ao que eles concordaram plenamente, principalmente o pai, dizendo que seria muito bom e que ele participaria. A mãe também concordou e Rita disse que queria continuar e que gostava de brincar aqui. Encerramos a sessão e a mãe solicitou uma cópia do relatório para enviar à escola.

Impressões

Nessa entrevista foi muito interessante notar como o pai e a mãe mudaram de posicionamento. O pai ficou menos exposto, pareceu mais organizado do que a mãe, não ficou na berlinda e sentiu-se seguro para criticá-la. Disse que queria continuar o atendimento, demonstrou vínculo. Já a mãe nitidamente resistiu ao atendimento, atrasou muito, demonstrou desorganização e recebeu críticas de Rita e do marido.

Rita expressou-se mais, desenhou, produziu, falou o que pensava e ainda manifestou seu desejo de querer continuar os atendimentos. Sua postura indicava organização e parecia alguém que sabia o que fazer.

A preocupação da mãe ao final, com os aspectos formais, com o relatório para a escola, indicou uma tentativa de organização no final, mas a cena do celular tocando e que não foi encontrado por ela na bolsa revelou muita desordem.

5.2.8 COMPREENSÃO DIAGNÓSTICA DO CASO 2

A análise dos dados aponta para uma criança com bom contato com a realidade, recursos cognitivos preservados, além de capacidade de observação e atenção. Por outro lado, compreende-se que em alguns momentos Rita mostra-se com essas capacidades diminuídas, tendo comportamentos de regressão e não compatíveis com a sua faixa etária, mas esses comportamentos são reação às suas experiências com o ambiente. O resgate do histórico familiar revelou que Rita “brigou” desde pequena para desenvolver-se, como no episódio em que escapou do colo da mãe para andar sozinha.

Rita revelou capacidade de organização em um ambiente que atenda às suas necessidades, aos poucos consegue estabelecer contato e transformar sua postura e produção a partir da relação de confiança.

A dinâmica familiar revela dificuldade de comunicação e muita cobrança entre os pais e deles para a filha. O ambiente é tomado pelas exigências de desempenho de todos e muitas críticas, principalmente da mãe. As críticas que a mãe faz a todos os comportamentos de Rita tornam o ambiente muito pesado para a criança. Os pais não se relacionam como um casal.

A mãe revelou frustração em suas realizações, pouca gratificação nos relacionamentos além de evidentes traços depressivos, o que a impede de ter um olhar mais positivo para o mundo ao seu redor. Seu padrão de funcionamento é de intensa adaptação e tentativa de controle para evitar imprevistos.

O pai demonstrou distanciamento e pouca percepção das reais dificuldades da filha, pois não parece perceber a sua capacidade de exercer a função paterna. Seu posicionamento no cotidiano da família é pautado pela execução de algumas tarefas, mas com rara implicação afetiva.

O atendimento foi solicitado pela escola, mas os pais, principalmente a mãe, concordaram com o pedido em função dos comportamentos da criança em casa. Os pais não identificam a redução de tempo no contato deles com ela como motivo para os comportamentos de Rita.

Em relação à queixa inicial, as dificuldades na escola de comportamento e as notas mais baixas indicam um desempenho prejudicado. O fato de haver tido uma troca de professora no final do primeiro bimestre teve uma grande influência no comportamento e, conseqüentemente, no desempenho de Rita. Ela comporta-se na escola como às vezes em sua casa, ou seja, nos momentos de maior insegurança age de forma mais regredida e necessita de maior apoio, procurando-o com a professora. A mudança pode ter provocado maior insegurança, o que gerou ansiedade e o comportamento dela de aproximar-se da professora, entregar desenhos. Porém, tal movimento não foi percebido assim, ela não foi compreendida, o que tornou a relação tensa e a nova professora tornou-se mais uma figura de autoridade insatisfeita com a menina.

Assim, para concluir, apesar das dificuldades da criança, como processo de psicodiagnóstico realizado, foi possível observar também o potencial para o desenvolvimento existente. Para que esse desenvolvimento possa ocorrer, algumas situações do cotidiano familiar e escolar de Rita precisam ser transformadas.

6. REUNINDO FIOS

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas,
que já tem a forma do nosso corpo,
e esquecer os nossos caminhos,
que nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la,
teremos ficado, para sempre,
à margem de nós mesmos.*

(Fernando Pessoa)

Neste tópico conclusivo, tomo as palavras da psicanalista Sonia Parente (2008), quando diz que “a teoria é útil quando serve para iluminar a clínica” (p. 17), e, portanto, auxilia o pesquisador clínico a dar sentido ao seu trabalho e “suporte a tensão e lide com pensamentos e sentimentos paradoxais” (p.19). A autora propõe ainda o uso das teorias “de forma transicional como pano de fundo, como o invisível que estrutura e organiza um campo” (p.19), e assim “podemos privilegiar a comunicação e a relação humana com o paciente” (p. 19).

Denomina como campo intersubjetivo, o espaço no qual “tudo o que acontece põe em xeque tanto o terapeuta quanto o paciente, já que é fruto da história de uma relação e de uma experiência estabelecida num campo, criado e partilhado por ambos” (p.19). Essa proposta de trabalho altera a dicotomia sujeito-objeto e modifica o modelo de neutralidade do analista. Nas palavras da autora:

Trabalhar a partir do modelo da intersubjetividade, tal como o entendo, implica explicitar o processo de relação do terapeuta com ele mesmo, dele na sua relação com os pacientes, dele com seu processo singular de identificação com as concepções

e fundamentos teóricos adotados e, especialmente, a de um trânsito entre todos esses eixos. Trata-se de um caldeirão de muitos ingredientes que se tornam enriquecedores quando bem aproveitados e digeridos (PARENTE, 2008, p. 20).

Em sintonia com essa perspectiva de trabalho, objetivando dimensionar o uso do desenho conjunto nas entrevistas familiares realizadas no psicodiagnóstico de crianças, retomo o material clínico apresentado. No início deste trabalho descrevi a importância da família no desenvolvimento emocional da criança e como o uso das entrevistas familiares pode incrementar a compreensão da dinâmica emocional presente. Acrescentei o uso do desenho e procurarei justificar minha escolha.

Em um psicodiagnóstico, como é o que a criança comunica? Ela demonstra por meio do brincar, com os objetos ou com os desenhos, aspectos de seu desenvolvimento emocional, suas fantasias, seu padrão de relacionamento no mundo objetivo e como se sente em relação a isso tudo. Se pudermos apreender essas manifestações, estaremos próximos de uma compreensão de suas dificuldades. Quando fazemos o atendimento individual certamente conseguimos ajudá-la, mas a riqueza do contato com a família tem se mostrado insubstituível. Vamos retomar os casos clínicos apresentados e primeiramente assinalar os aspectos observados nos contatos individuais com as crianças.

No primeiro caso clínico apresentado, de Vitor, a criança participou ativamente das atividades propostas nas sessões individuais, revelando aspectos de seu desenvolvimento e principais dificuldades. Na observação lúdica, apesar do retraimento inicial, falou claramente do motivo da procura por atendimento, o dia em que gritou com a mãe, reclamou da irmã e da avó, além de revelar aspectos dos conflitos entre a mãe e o pai. No DF-E Vitor demonstrou suas principais preocupações e dificuldades, como o episódio da internação, a constituição familiar que não atende às suas necessidades e expressa pouco afeto, além da sensação de que ele não está pronto, não é inteligente o suficiente, ainda precisa fazer muito para se desenvolver.

Nesse caso notamos que, para a criança, os contatos individuais foram facilitadores para a expressão dos conflitos. Um dado a ser destacado é que nos dois atendimentos de Vitor o desenho foi facilitador da expressão, isso quando ele pediu para desenhar ou quando eu pedi diretamente para que ele fizesse os desenhos da família. Nas duas situações ficou claro que o desenho fez parte do contexto de atendimento e não poderia ser analisado isoladamente, sem o que foi dito. Especialmente no DF-E, Vitor comunicou sua angústia, saiu do tema do procedimento, do que eu havia solicitado, o que demonstrou a força do desenho, no contexto do atendimento realizado, para expressar conflitos.

No segundo caso, de Rita, a criança também participou ativamente das atividades propostas nas sessões individuais, embora no início tenha recuado ao contato individual sem a mãe presente, mas que foi importante para que eu tivesse cautela e fosse me aproximando aos poucos. Revelou aspectos de seu desenvolvimento e principais dificuldades, embora não tenha nomeado tão claramente suas angústias, pela sua própria dinâmica de funcionamento. No entanto, sua comunicação expressou exatamente seu desenvolvimento precário pela falta de sustentação do ambiente às suas necessidades o que gerava um movimento intenso e impulsivo, mas sempre em busca de contato. Rita desenhou espontaneamente no encontro inicial e nas observações lúdicas, além de no DF-E, confirmando como o desenho auxilia a expressão. Mais uma vez, as histórias, o que foi falado no contato com o analista, formaram um todo que passou a ter significado.

Se no contato com as crianças captamos uma parte da história, foi com os pais que completamos os dados ao conhecer o desenvolvimento da criança e o histórico da família, que nos remeteu aos fatores transgeracionais. Na história de Vitor o pai trouxe dados muito ricos do que projeta no filho em termos de sua própria história, resgatando os fracassos de seu pai, vislumbrando o futuro do filho e querendo salvá-lo atualmente da avó materna. Ele viveu em um matriarcado e luta para que o filho sobreviva. A mãe de Vitor falou muito da própria mãe como quem exerce a função materna em relação aos seus filhos. Demonstrou sua dificuldade para planejar e admitir a gravidez dos filhos e, de fato, constituir sua própria família com certa autonomia.

Os aspectos transgeracionais na família de Rita surgiram na história da mãe que revelou não ter tido apoio, não ter sido cuidada por seus pais e ter precisado se virar sozinha desde muito cedo, depositando essas mesmas expectativas atualmente na filha. Já o pai de Rita não tem história familiar, segundo a esposa ele era “o vizinho” e ele mesmo não teve o que contar de sua família. Ele pouco reconhece e pouco exerce sua função de pai, espera ainda ser cuidado e adora repetir que a filha o ajudou a parar com a bebida.

Nos dois casos, após os contatos com os pais e as crianças, ao oferecer a entrevista familiar, ocorreu uma ampliação significativa da compreensão. Ou seja, tive a oportunidade de observar não só a criança e os pais separadamente, mas os membros da família relacionando-se, incluindo em um dos casos a irmã, formando sistemas em funcionamento. Isso em uma perspectiva em que as relações no ambiente familiar podem ser facilitadoras ou limitadoras para o desenvolvimento do indivíduo. Sabemos o quanto a família também exerce uma função de espelho para a criança e, além disso, eles se olham mutuamente o tempo todo. A observação de como isso ocorre interessa sobremaneira e os pais tornam-se incluídos no processo, não como meros informantes de dados do desenvolvimento da criança, mas participando ativamente do processo.

Ainda em relação aos pais, concordo com a afirmação de Parente (2008), de que trazê-los mais próximos no processo é importante pelo fato de ficarem

incluídos no trabalho e poderem desfrutar de um espaço de confiança, podendo contar, não apenas fatos, mas experiências, resgatando, assim, a atmosfera que organizava o campo de relações na época do nascimento e dos primeiros anos de vida da criança. Isso os ajuda a compreender o que se passou, a acompanhar e dar retaguarda ao processo de desenvolvimento da criança fazendo circular o amor e retirando-os, muitas vezes, de um discurso acusatório/culpabilizante (p.183-184).

Como já mencionado e sustentado por autores da área, como Arzeno (1995) e Souza (1999), as entrevistas familiares são importantes ferramentas a serem utilizadas no psicodiagnóstico com crianças. Concordo também com Soifer (1982), de que a melhor maneira de compreender o sintoma da criança é obtendo uma visão global do conflito, a partir da entrevista com a família. Na minha experiência clínica, quando propunha uma entrevista familiar, notava que em algumas situações o silêncio inicial constrangia muito, principalmente aos pais, e como uma maneira de sair disso, em geral eles passavam a listar as dificuldades do filho. E era exatamente isso que eu não queria que ocorresse. Assim sendo, sentia a necessidade de um recurso na entrevista para que o início do atendimento não fosse direcionado pela temática da procura pelo atendimento da criança ou ficasse tão solto a ponto de dizer somente: podem brincar.

Na primeira entrevista familiar apresentada, com Vitor, sua mãe e irmã, a proposta foi facilmente aceita por eles e desenharam sem objeções. No entanto, no decorrer da entrevista, para que a atividade de desenhar fosse realizada, eles precisaram articular uma comunicação e isso não foi tão fácil, ou melhor, aí surgiu como o grupo familiar funcionava. O conflito de Vitor foi observado a partir de sua inserção no núcleo familiar, o que evidenciou claramente, não somente para mim, mas para eles, a natureza das dificuldades. Como vimos, a mãe olhava para mim mostrando sua dificuldade em se posicionar e pedindo ajuda. Vitor solicitou uma folha para desenhar sozinho, não conseguiu impor-se para a mãe e a irmã e a sua atitude mostrou a incompatibilidade entre eles, a aliança entre a mãe e a irmã e como ele ficava excluído.

Na segunda entrevista familiar, com Vitor, o pai, e a irmã, o conflito também foi evidenciado na realização da atividade de desenhar, mas a comunicação entre eles foi mais fluida, o que permitiu uma transformação ao longo do encontro. Nesse caso, a entrevista familiar com o uso do desenho propiciou que, aos poucos, as relações fossem articuladas de outra forma. Na medida em que “quebraram o gelo” inicial e começaram a atividade, os três foram se aproximando. Por meio da atividade, e aos poucos desenharam juntos. O indicador de que o desenho pode ter auxiliado, funcionando como um

facilitador, fica evidente na sessão, pois a cada etapa da tarefa eles puderam articular outra posição. Ao final, no momento em que brincaram, o pai ficou mais afastado, as crianças não o convidaram para jogar bola com eles, nesse momento ele não fazia mais parte.

No segundo caso apresentado, durante a entrevista familiar eles ficaram o tempo todo envolvidos na realização do desenho, exceto quando Rita foi para a lousa. Os diálogos estabelecidos entre eles revelaram as dificuldades, e aqui também foi possível uma compreensão do conflito da criança no grupo familiar. A mãe adotou uma postura rígida em relação à filha e ao marido, foi crítica e exigente em relação às atitudes deles. O pai teve dificuldade em exercer a função paterna e Rita era quem não sabia nada, mas ansiava por saber, ou melhor, ansiava mostrar que sabia.

Esses dados revelam o que Benghozi (2005) propõe no conceito de malhagem, no qual as dificuldades encontradas pelos membros da família fazem com que se articulem de novas maneiras. A essa capacidade de transformação o autor denomina como resiliência familiar, e, portanto, somente no contato com todo o grupo familiar poderíamos identificar e tentar transformar os conflitos. Os recortes dos atendimentos revelaram como a entrevista familiar foi um recurso importante e ampliou muito a coleta de dados, mas qual foi o diferencial a partir da realização do desenho conjunto? Vamos retomar dados das entrevistas para responder tal questão.

Quando comecei a utilizar os desenhos nas entrevistas familiares, estava tomada pela ideia de um facilitador para a expressão da criança e dos pais. Considerava que a tarefa proposta pudesse ser disparadora de reações e que revelaria a dinâmica de relacionamento da família. E por que utilizar os desenhos e não somente jogos e brinquedos, como os autores da área sugeriam? Estava influenciada pelo trabalho de Eiguer (1998), que propunha entre as várias possibilidades disponíveis, o material gráfico. Mas mobilizada principalmente por Winnicott (1984), que apresentou o caso de Iiro, um menino de nove anos e nove meses, finlandês e que não sabia falar inglês, assim como Winnicott não falava finlandês, estudado no início de minha formação em psicanálise de crianças. Nesse atendimento de Winnicott, o aspecto que mais

me chamou a atenção foi a capacidade de comunicação estabelecida entre eles, sem que conversassem, mas por meio da técnica do rabisco, algo não especificamente vinculado ao uso do desenho como instrumento revelador de aspectos dinâmicos, mas da experiência de estarem juntos.

Essa alternativa propiciou um enquadre menos formal, um procedimento com regras estabelecidas, mas ao mesmo tempo, que fosse útil para captar o clima emocional da sessão. Essa proposta vai ao encontro do que assinala Clare Winnicott (1999), sobre a possibilidade do uso de algo intermediário para facilitar o contato nas entrevistas, a fim de que o atendimento não se torne persecutório.

A minha proposta tem outro fator envolvido, que é solicitar que o grupo familiar faça um desenho em conjunto, o que é diferente de um desenho individual, gerando oportunidade de realizarem uma tarefa juntos e partilharem do espaço oferecido, revelando o padrão de relação estabelecido entre eles. A situação também dilui a responsabilidade da tarefa entre as crianças e o grupo familiar, o que percebo ser importante para elas. Se pensarmos que desenhar pode ser equiparado a brincar, a prática do desenho facilita a diminuição das defesas, o campo de atuação se amplia e, como consequência, a narrativa se expande .

Entretanto, como bem aponta Meyer (1987), o fato de não terem solicitado um atendimento familiar pode suscitar resistências nos pais, o que deve ser manejado pelo analista. Nas entrevistas apresentadas as famílias não evidenciaram fortes resistências, responderam bem à proposta da entrevista familiar e à solicitação do desenho. Com a família de Vitor fiquei sem saber ao certo a motivação, pois eles são muito adaptados, mas no decorrer da entrevista ocorreram movimentos por parte deles que ainda analisaremos. Com a família de Rita a aceitação foi imediata, mas somente a menina conduziu inicialmente a tarefa, os pais ficaram mais como observadores. Nesta entrevista fiz a solicitação de um segundo desenho, mas a postura deles foi a mesma.

Esse último dado nos leva ao ponto central das análises, qual seja, mais do que a força da interpretação dos desenhos, a riqueza está situada na experiência vivida na entrevista. O principal ganho, a partir da análise dos casos atendidos, foi a possibilidade de oferecer à família a oportunidade de brincar, no sentido de compartilhar as experiências, juntos e na presença de um observador atento e que deu sustentação às angústias presentes. Todo esse processo ocorrendo em um campo de intersubjetividade entre o terapeuta e a família.

Nessa perspectiva, o desenho teve a função de um dispositivo clínico, que operou na entrevista facilitando comunicações significativas que geraram transformações na criança, nos pais e nos irmãos. Assim sendo, posso sustentar que, além da coleta de dados, essa modalidade de atendimento, ao oferecer uma possibilidade de escuta da angústia dos pais, adquiriu, também, um caráter interventivo.

Com a família de Vitor a entrevista familiar ampliou muito a compreensão, pois se já dispúnhamos de dados importantes a partir do contato com a criança, no grupo da família evidenciaram-se as situações relatadas, além de outras. Vitor expressou suas dificuldades nas duas entrevistas, embora em níveis diferentes. Na primeira, com a mãe e a irmã, não conseguiu permanecer com elas para fazer a tarefa, revelou seu incômodo na relação e solicitou uma folha. Aí sim, no desenho que fez sozinho, falou de um carro lindo, potente, mas que ia perder a corrida porque estava sem água, elemento essencial para a vida. Na segunda entrevista, com o pai e a irmã, apesar de ainda retraído, pôde desenhar com eles e não precisou se afastar, pelo contrário, na presença do pai impôs suas vontades e limites.

Em síntese, podemos afirmar que na segunda entrevista manifestou uma possibilidade de integração e discriminação entre o eu e não-eu, pois pôde colocar-se sem perder a estabilidade. O campo de experiência permitiu a inscrição do gesto pessoal sem que o afastamento fosse necessário. Em outras palavras, o que autorizou a expressão do desejo foi a experiência do encontro, e Vitor passou da extrema adaptação para uma possibilidade de mobilidade. Em relação aos pais, a mãe ficou paralisada e percebeu claramente sua

dificuldade em exercer a função materna. O pai procurou exercer sua função paterna, perdida ou nunca antes encontrada, e conseguiu alguma aproximação tanto com Vitor quanto com a filha.

No segundo caso, de Rita, os três fizeram o desenho na mesma folha, mas cada um fez um pedaço que não estava exatamente conectado ao outro. Pareciam pedaços soltos. Principalmente a mãe, fez o dela sozinha e ainda reclamava da invasão de Rita ou que ela havia copiado seu desenho. Já o pai se colocou mais próximo da filha, mas não fez um movimento para uma parceria com ela, pelo contrário, a menina é que se identificou com a dificuldade do pai e foi ensinando como ele poderia desenhar. Tanto o pai quanto a mãe ficaram isolados na entrevista, a mesma posição que assumem na relação familiar, o que deixa Rita perdida, sem apoio e sem repercussão de cuidados. Para Rita a entrevista familiar foi fundamental para uma mudança de postura, que somente pôde ocorrer a partir da experiência juntos. Ela saiu do lugar de quem não sabia nada para a de quem poderia aprender se houvesse alguém com disponibilidade emocional para ensinar. Na situação, se a mãe permitisse a cópia de seu desenho ou o pai se colocasse para dialogar.

Assim, observamos que o ponto significativo e comum dos processos clínicos expostos foi a possibilidade de comunicação de angústias, tanto das crianças, que estavam sendo diagnosticadas, quanto de seus pais. Além disso, as comunicações ocorreram não somente para a analista, mas também entre eles.

Nesse sentido, Di Loreto (2004) apresenta uma “imagem plástica” (p.126) interessante para representar o lugar do analista nas entrevistas com os pais. Para ele, o analista seria como um bloco de argila em que os pais, ao relatarem suas histórias, deixam as marcas de suas personalidades e relacionamentos, o que é a “essência da patogenia” (p.126). Isto ocorre se o analista “estiver inteiro para recebê-la, sem pressupostos e preestabelecidos e, se não direcioná-los e, com isso, impedi-los de a reviverem” (p.126). Para o autor, é necessário que o analista, além de compreender os dados objetivos, olhe para si mesmo e sinta o que viveu na entrevista, pois as marcas estarão nele. A meu ver, a proposta do autor vai ao encontro da entrevista familiar com

o uso do desenho, no sentido de buscar um contato com todo o grupo familiar, em uma situação em que o analista se presta à experiência junto com eles. No momento em que desenhavam, deixavam também marcas no papel, e, além disso, relacionam-se e demonstram os afetos presentes nas relações.

As entrevistas buscam, a partir do encontro do grupo familiar com a criança, observar os conflitos e, além disso, resgatar aspectos do desenvolvimento individual que foram prejudicados. Esta possibilidade é dada em um campo de experiência, para Winnicott (1975) o espaço potencial, no qual é possível brincar. Para isso, é necessária a presença de alguém que mantenha a ilusão, que permita a vivência da onipotência para que o objeto seja criado, primeiro um objeto subjetivo, fruto da ilusão. Em seguida um objeto que faça parte da cultura. Tal qual a mãe, o analista precisa atender às necessidades e respeitar o momento evolutivo de cada paciente. No atendimento do grupo familiar essa atenção é oferecida também aos pais, que participam não como indivíduos culpados dos sintomas das crianças, mas sim como elos de uma rede, compreendidos e implicados no processo.

Com a família de Vitor, ocorreram diferentes níveis de experiências com o pai, a mãe e a criança. A mãe foi tocada pelo encontro, emocionou-se e percebeu sua paralisia, além de chorar muito na devolutiva, mas pouco transformou na relação com o filho. O pai, grande vilão inicial, o que havia traído e abandonado a família, emocionou-se e pôde, já nesse momento inicial, transformar algumas atitudes que afetaram tanto Vitor quanto a irmã. Já para Vitor foi evidente a possibilidade de estabelecer uma relação de confiança que permitiu a comunicação.

Com a família de Rita, as entrevistas revelaram um desenvolvimento emocional precário dos pais, o que gera uma organização familiar mais frágil. Essa organização prejudica o desenvolvimento de Rita, mas ela pôde transformar algumas atitudes já no encontro. Ao final do processo os pais pareceram implicados, principalmente o pai, insistindo na continuidade dos atendimentos.

Tal processo de construção de relações humanas vê os fenômenos de maneira similar ao sustentado por Parente (s.d.), qual seja, os atendimentos presentificam-se como possibilidade de busca do desenvolvimento que foi interrompido ou fragmentado. De acordo com a autora:

Na sua complexa viagem, o ser humano necessita constituir a própria subjetividade e, nesse caminhar, criar a externalidade do mundo de realidade compartilhada, para estabelecer pontes e, assim, transitar entre ambas (p.25)

Incluir os pais nos atendimentos da criança é uma prática defendida por diversos autores, seja nas psicoterapias de família, nos atendimentos em psicoterapia breve infantil ou no psicodiagnóstico. Como vimos, os argumentos para a sua realização são sustentados pela concepção de uma evidente influência da família no desenvolvimento individual. Além disso, facilita as escolhas de encaminhamentos. A utilização da entrevista familiar como orientador dos critérios de indicação para psicoterapia também é defendido por Arzeno (1995) e Souza (1999), que defendem claramente a importância desse procedimento no psicodiagnóstico como já expus anteriormente.

Para Soifer (1982), o contato com a família também auxilia nas entrevistas devolutivas, uma vez que o analista avalia o grau de compreensão possível para os pais e a indicação psicoterapêutica mais indicada, seja atendimento individual para a criança, atendimento familiar ou atendimento para os pais ou irmãos da criança.

Como mencionamos, na devolutiva o analista não apenas diz, mas diz da maneira que o paciente pode entender. No caso de Rita a devolutiva também foi realizada com toda a família e a riqueza revelou como para ela a experiência de brincar, na presença do pai e da mãe foi significativa. Para os pais os lugares foram trocados, o pai vinculou-se ao atendimento, queria vir mais, enquanto a mãe afastou-se, se atrapalhou no horário. Com Vitor foi preciso manejar a situação com os pais, pois eles preferiram entrar juntos para a entrevista, mas não puderam permanecer assim até o final. A entrevista foi marcada pela intensa emoção da mãe e foi nítido o incômodo dela na presença do ex-marido. Já com a criança a devolutiva foi mais tranquila, Vitor pareceu

entender o que falei sobre ele, além de termos tido a oportunidade de mais uma comunicação.

A análise das entrevistas familiares com o uso do desenho enriqueceu a coleta de dados além de proporcionar uma vivência importante para a família e que foi confirmada por eles nas entrevistas devolutivas. Os dois casos tinham indicação para psicoterapia breve infantil, que inclui o atendimento de pais. Ficou evidente a vontade de, durante o processo que se iniciará, propor outra entrevista familiar.

Cabe também observar que a análise do material mostrou que o desenho, em si, ficou em segundo plano em relação à dinâmica entre os membros da família, à experiência compartilhada. Tal conclusão não tem o sentido de valorizar um aspecto em detrimento de outro, pois a ênfase vai depender também do olhar de quem observa. A análise dos dados ocorre a partir de tudo o que acontece na sessão, ou seja, é importante destacar a maneira como eles se organizam para realizar a tarefa proposta. Nesse sentido, a leitura não fica centrada nos desenhos, os quais são também importantes, na medida em que sabemos que o traço sempre revela algo do inconsciente, mas como nem sempre conseguimos decifrar cada aspecto desenhado, a análise somente da produção gráfica corre o risco de ficar empobrecida. A entrevista familiar contribuiu muito mais na experiência do que na simples coleta de dados. Nesse sentido é um método de investigação mais amplo e interventivo.

Assim sendo, essa proposta aproxima-se do modelo de consultas terapêuticas proposto por Winnicott (1984), em que o analista oferece o jogo do rabisco para estabelecer contato com a criança. Este contato será facilitado pelo jogo, mas este somente terá sentido a partir da experiência estabelecida na relação. O conteúdo do jogo pode ser utilizado como dado complementar, mas não é o principal. O fator mais importante envolvido é a experiência compartilhada, o contato estabelecido para que o jogo seja jogado junto. Abre-se assim a possibilidade de escuta das angústias, mas ao mesmo tempo a própria experiência compartilhada já permite um desenvolvimento, portanto seu caráter interventivo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Um poema só termina
por acidente de publicação
ou morte do autor
(Mario Quintana)*

Chegou a hora de arrematar a trama alinhavada até aqui, tarefa difícil numa empreitada que abriu possibilidades e não tem caráter conclusivo, mas de ampliação de recursos para o exercício da clínica de crianças. Apresentei recortes teóricos para alicerçar o modelo construído para o trabalho, compreender os casos apresentados e sustentar a tese apresentada. Vejamos o que construí a partir desses elementos.

Em primeiro lugar, reforcei minha ideia, há alguns anos defendida, da importância de incluir os pais nos atendimentos de crianças. Tal visão é sustentada a partir da concepção winnicottiana de que não existe uma criança sem a sua mãe, que leva à compreensão do desenvolvimento individual a partir do contato humano. Este se dá primeiramente na família ou ambiente que tenha essa função, portanto seu estudo enriquece muito o trabalho na clínica com crianças. Se essa era uma concepção importante em meu ofício clínico, a partir desta pesquisa tornou-se fundamental.

A perspectiva de trabalhar com a inclusão efetiva dos pais demanda a busca de recursos para que seja possível uma prática clínica com critério e qualidade. Nesse sentido, encontrei nas entrevistas familiares um recurso importante para observar o conflito da criança no grupo familiar. A partir da sua utilização, senti a necessidade de incluir mais um fator, o uso do desenho, elemento para facilitar o encontro, torná-lo menos persecutório.

A proposta do uso do desenho na entrevista familiar foi um facilitador da expressão e as análises do material clínico apresentado apontaram que ele

pode ser considerado como um importante dispositivo para a comunicação. Além disso, mostrou-se como uma ferramenta que auxilia a comunicação das angústias, tanto para as crianças quanto para os pais.

Durante o percurso, o estudo revelou mais um aspecto, qual seja, a possibilidade efetiva de intervenção já no psicodiagnóstico. Essa modalidade de intervenção surge da concepção de que toda entrevista clínica é interventiva, na medida em que é oferecido um campo de escuta por parte do analista. Tal campo delimita um lugar para a comunicação, na medida em que a confiança é compartilhada e as expressões são recebidas, contidas e sustentadas. Em outras palavras, é oferecido um limite, uma espécie de moldura em um campo de experiência, um lócus a fim de buscar facilitar a comunicação significativa. Assim, esse espaço potencial é o lugar onde ocorre a comunicação significativa e transformadora.

Se fundado nessa orientação, o atendimento clínico pode ser considerado interventivo e rompe-se, assim, a separação entre a fase de psicodiagnóstico e a de tratamento, aproximando-nos de um diagnóstico interventivo.

A meu ver, essa perspectiva de trabalho atende às demandas atuais da clínica psicológica, que clama por uma compreensão aprofundada dos sintomas das crianças. Estes surgem, muitas vezes, como reação da criança às invasões ao seu desenvolvimento. Essas reações, sinais vitais de sofrimento e construção de defesas, de forma não rara, infelizmente, são rotuladas como patológicas e “tratadas” de maneira medicamentosa.

Daí vem a pergunta: como diferenciar um distúrbio reativo de uma patologia mais grave? Para tentar solucionar tal aspecto DiLoreto (2004) sugere “não cortar as mães e não fatiar as crianças. Jamais” (p.63). Ou seja, não podemos classificar comportamentos sem compreender os sentimentos que os moveram, as angústias presentes. A solução só pode ser a compreensão global dos fenômenos, a partir de uma escuta clínica apurada e considerando todos os ambientes de vida da criança, principalmente o familiar.

Por fim, nos dois processos de psicodiagnóstico efetuados, ficou claro que: a entrevista familiar propiciou a observação do conflito da criança no grupo familiar; o uso do desenho facilitou a expressão e a comunicação de conflitos; a experiência compartilhada teve um caráter de diagnóstico interventivo. Além disso, o processo de psicodiagnóstico realizado no primeiro caso, o de Vitor, demonstrou que o uso do desenho conjunto na entrevista familiar constitui um dispositivo clínico que pode ser adaptado às novas configurações familiares, sem perder suas características norteadoras.

8. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 287p.

ABERASTURY, A. *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 88 p.

ALBERTINI, M.R.B.; LEE, L.C. A entrevista conjunta pais-filhos como forma de intervenção no atendimento psicológico infantil. In: *Encontro sobre psicologia clínica – Mackenzie II*, 1999, São Paulo. Anais, 1999. v.1.p.323-324.

ANCONA-LOPEZ, M. Características da clientela de clínicas-escola de psicologia em São Paulo. In: MACEDO, R. M. (org.) *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Cortez, 1984. p.24-46.

ANCONA-LOPEZ, M. Atendimento psicológico em clínicas-escola. In: MACEDO, R. M. (org.) *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Cortez, 1984. p.47-62.

ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1995. 239 p.

ANCONA-LOPEZ, M. Introduzindo o psicodiagnóstico grupal interventivo: uma história de negociações. In: ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 65-114.

ANCONA-LOPEZ, S. Psicodiagnóstico: processo de intervenção? In: ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 26-36.

ARAÚJO, M. F. Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. *Psicologia: Teoria e Prática* – 2007, 9(2): 126-141.

ARZENO, M. E. G. *Psicodiagnóstico clínico*. Porto Alegre: Artmed, 1995. 251p.

BARBIERI, V. Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo como método de investigação científica. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 13, n.3, p. 575-584, jul./set. 2008. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 16/10/2010.

BENGHOZI, P. Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 17, n.2, p.101-109, 2005.

BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta, 1988, 221p.

COX, M. *Desenho da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 270 p.

CUNHA, J. A. Fundamentos do psicodiagnóstico. In: CUNHA, J. A. *Psicodiagnóstico-V*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 23-31.

DI LORETO, O.D. Prefácio. In: TRINCA, W. *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias*. São Paulo: Vetor, 1997. p.5-7

DI LORETO, O. D. Origem e modo de construção das moléstias da mente (psicopatogênese): a psicopatogênese que pode estar contida nas relações familiares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 287 p.

EFRON, A. M., FAINBERG, E. KLEINER, Y., SIGAL, A. M., WOSCOBOINIK, P. A hora de jogo diagnóstica. In: OCAMPO, M. L. S. et al. *O Processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p.169-191.

EIGUER, A. *O parentesco fantasmático*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 249 p.

FELIPE, S. S. R. A contribuição do Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) e do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) na avaliação de crianças envolvidas em disputas judiciais. Dissertação apresentada na Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, para obtenção do grau de mestre. 1997, 327 p.

KAES, R. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, A. et al. *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco, 1998. p. 5-19.

FÉRES-CARNEIRO, T. Entrevista familiar estruturada – EFE: um método de avaliação das relações familiares. *Temas de psicologia* vol.5 n.3 Ribeirão Preto dez. 1997. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 21 de maio de 2011.

GREIG, P. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 247 p.

HAMMER, E.F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. 500 p.

KLEIN, M. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1981. 394 p.

LARRABURE, S.A-L. Grupos de espera em instituição. In: MACEDO, R. M. (org.) *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Cortez, 1984. p.63-85.

LEE, L.C. ; ALBERTINI, M.R.B. Atendimento psicológico à criança em uma clínica-escola e as novas configurações da família. In: *Encontro sobre psicologia clínica – Mackenzie II*, 2001, São Paulo. Anais, 2001v.1.p.368-369.

LIMA, C. B. *A aliança familiar na adaptação escolar ineficaz*. Dissertação apresentada na Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, para obtenção do grau de mestre. 1991, 386 p.

LIMA, C. B. *O atendimento psicanalítico de crianças em família: o sintoma familiar*. Tese apresentada na Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, para obtenção do grau de doutora. 1997, 494 p.

LIMA, C. B. Desenvolvimento e atualização. In: TRINCA, W. *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias*. São Paulo: Vetor, 1997. 292 p.

MACEDO, R. M. (org.) *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Cortez, 1984. 127 p.

MANDELBAUM, B. *Psicanálise da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. 109 p.

MANNONNI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 107 p.

MARCELLI, D. *Infância e Psicopatologia*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 410 p.

MEYER, L. *Família: dinâmica e terapia (uma abordagem psicanalítica)*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 177 p.

MITO, T. I. H. Psicodiagnóstico formal e avaliação informal. In: ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1995. p.37-50.

MITO, T.I.H.; YOSHIDA, E.M.P. Psicoterapia breve infantil: a prática com pais e crianças. In: YOSHIDA, E.M.P. e ENÉAS, M.L.E. (org) *Psicoterapias Psicodinâmicas Breves: propostas atuais*. Campinas: Alínea, 2004. p. 259-292.

OCAMPO, M.L.S.; ARZENO, M.E.G.; O processo psicodiagnóstico. In: OCAMPO, M. L. S. et al. *O Processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p.11-19.

OLIVEIRA, I. T. *Psicoterapia breve infantil: principais propostas de psicoterapia breve com crianças*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 187 p.

PARENTE, S. M. B. A. Pelos caminhos da comunicação significativa: uso transicional das teorias na experiência clínica. São Paulo: Vetor, 2008. 195 p.

PARENTE, S. M. B. A. A criação da externalidade do mundo. Viver Mente & Cérebro, Coleção Memória da Psicanálise, Winnicott: os sentidos da realidade. São Paulo, v.5, p.22-27, s.d.

PRISZKULNIK, L. Clínica(s): diagnóstico e tratamento. *Psicologia USP* v.11 n.1 São Paulo 2000. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 16/03/2009.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 199 p.

SAFRA, G. Procedimentos clínicos utilizados no psicodiagnóstico. In: TRINCA, W. E COL. *Diagnóstico Psicológico*. São Paulo: E.P.U., 1984. 51-66.

SAFRA, G. O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, M.E.L. (coord.), *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993. 119-132.

SAFRA, G. Momentos mutativos em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 213 p.

SAFRA, G. *Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças*. São Paulo: Edições Sobornost, 2005. 98 p.

SILVA, O.V.M. Grupo estruturado de vivência para pais. In: MACEDO, R. M. (org.) *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Cortez, 1984. p.99-127.

SOIFER, R. *Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo*. Petrópolis: Vozes, 1982. 271p.

SOUZA, A. S. L. *Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 122p.

SOUZA, A. S. L. Melanie Klein e o brincar levado à sério: rumo à possibilidade de análise com crianças. In: GUELLER, A.S. e SOUZA, A.S. L. (org) *Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 123-134.

TRINCA, W. Processo diagnóstico de tipo compreensivo. In: *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. TRINCA, W. e colaboradores. São Paulo, EPU, 1984. p.14-24.

TRINCA, W. *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias*. São Paulo: Vetor, 1997. 292p.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 685 p.

VAISBERG, T. M. J. A.; MACHADO, M. C. L. Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. *Psicologia USP* v.11, n.1, São Paulo, 2000. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 16/03/2009.

VAN KOLCK, O. L. *Interpretação psicológica de desenhos*. São Paulo: Pioneira, 1981. 131p.

VAN KOLCK, O. L. *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: E.P.U., 1984. 101p.

VILLELA, E. M. B. As repercussões emocionais em irmãos de deficientes visuais. Dissertação apresentada na Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, para obtenção do grau de mestre. 1999, 191p.

VORCARO, A. M. R. Compreender ou estranhar: incidências no psicodiagnóstico. In: ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1995. p.51-64.

WINNICOTT, C. Introduction to "Communicating with Children". Smith College Studies in Social Work, March 1996, 66 (2). Disponível em <http://www.psychanalyse.lu/articles/CWinnicottCommunicatingChildren.htm>

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 205 p.

WINNICOTT, D. W. *A criança e seu mundo*. Guanabara: Rio de Janeiro, 1982. 270 p.

WINNICOTT, D. W. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984. 427p.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 211 p.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 460p.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. 456p.

YEHIA, G. I. Reformulação do papel do psicólogo no psicodiagnóstico fenomenológico-existencial e sua repercussão sobre os pais. In: ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 115-134.

YIN, R. K. *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005. 2

Imagem da capa: Reprodução digital da pintura Madona Litta, por Leonardo da Vinci. Uso digital e não comercial. WebMuseum.

Fonte: <http://www.dominipublico.gov.br/download/imagem/000003.jpg>.

ANEXO A

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PESQUISA - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

São Paulo, 31 de março de 2011.

À Senhora

Profª. Mestre Maria Regina Brecht Albertini*Centro de Ciências Biológicas e da Saúde*

Informamos que após a análise do projeto de pesquisa "***O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: um estudo de avaliação psicológica***", Processo CEP/UPM nº 1330/03/2011 e CAAE Nº 0025.0.272.000-11, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie **aprovou** os procedimentos éticos do referido projeto.

Solicitamos, por gentileza, que após a conclusão do citado projeto seja encaminhada uma cópia digital, do Relatório Final, para finalizarmos o seu processo neste Comitê.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Elizeu Coutinho de Macedo

*Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa**Projeto analisado na Reunião Mensal de março.*

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO À INSTITUIÇÃO

Termo de consentimento livre e esclarecido - instituição

Gostaríamos de solicitar autorização para a realização do projeto de pesquisa “O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: um estudo de avaliação psicológica” que tem como objetivo geral investigar o uso do desenho conjunto na entrevista familiar, em sua instituição. Para tanto, serão atendidas em psicodiagnóstico crianças em espera de atendimento da área infantil da Clínica-Escola da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Como o objetivo dessa entrevista é incrementar a coleta de dados, ela deverá ser realizada durante o processo de avaliação que será realizado em seis encontros. O método adotado será de pesquisa qualitativa com a proposta de estudo de caso e a análise dos dados a partir do referencial psicanalítico. Em linhas gerais, pode-se dizer que o objetivo dessa forma de entrevista é a de criar uma situação para observar a dinâmica familiar, principalmente em aspectos como: a maneira de estruturação numa situação compartilhada e o tipo de interação e de comunicação estabelecidos. A nosso ver, tal emprego do desenho na entrevista familiar, pelas suas características, reúne elementos para se tornar um valioso procedimento de avaliação psicológica, especialmente na esfera da formação de estudantes de psicologia nas clínicas-escola. Os atendimentos serão realizados pelo Pesquisador Responsável e os procedimentos adotados oferecem riscos mínimos aos participantes.

Em qualquer etapa do estudo os participantes e a Instituição terão acesso ao Pesquisador Responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas (no endereço abaixo), e terão o direito de retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. As informações coletadas serão analisadas em conjunto com a de outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade das questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes (apenas o Pesquisador responsável terá acesso a essa informação), bem como a identificação do local da coleta de dados.

Caso a Instituição tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie** – Rua da Consolação, 896 – Ed. João Calvino – Mezanino.

Assim, considerando-se o exposto, solicitamos o consentimento desta Instituição para o contato com os Sujeitos de Pesquisa.

Desde já agradecemos sua colaboração

Declaro que li e entendi os objetivos deste estudo, e que as dúvidas que tive foram esclarecidas pelo Pesquisador Responsável. Estou ciente que a participação da Instituição e dos Sujeitos de Pesquisa é voluntária, e que, a qualquer momento ambos tem o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar-se da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Nome do Representante Legal da Instituição: _____

Assinatura do Representante Legal da Instituição: _____

Declaro que expliquei ao Responsável pela Instituição os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

São Paulo, ____ de _____ de ____ .

Pesquisador Responsável
Ms. Maria Regina Brecht Albertini
CRP: 06/26.617-3
Tel: (11) 91072183
mrb.albertini@mackenzie.br

Orientador Responsável
Drª Audrey Setton Lopez de Souza
Instituto de Psicologia da Universidade
de São Paulo – IPUSP
Tel: (11) 30914356
asetton@uol.com.br

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO AOS PAIS

Termo de consentimento livre e esclarecido – pais ou responsáveis pelo sujeito de pesquisa

Gostaríamos de convidá-lo a participar do projeto de pesquisa “O uso do desenho conjunto na entrevista familiar: um estudo de avaliação psicológica” que tem como objetivo geral investigar o uso do desenho conjunto na entrevista familiar. Para tanto, serão atendidas em psicodiagnóstico crianças em espera de atendimento da área infantil da Clínica-Escola da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Como o objetivo dessa entrevista é incrementar a coleta de dados, ela deverá ser realizada durante o processo de avaliação que será realizado em seis encontros. Os atendimentos serão realizados pelo Pesquisador Responsável e os procedimentos adotados oferecem riscos mínimos aos participantes.

Em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao Pesquisador Responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas (no endereço abaixo), e terá o direito de retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. As informações coletadas serão analisadas em conjunto com a de outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade das questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes (apenas o Pesquisador responsável terá acesso a essa informação), bem como a identificação do local da coleta de dados.

Caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie** – Rua da Consolação, 896 – Ed. João Calvino – Mezanino.

Desde já agradecemos sua colaboração

Declaro que li e entendi os objetivos deste estudo, e que as dúvidas que tive foram esclarecidas pelo Pesquisador Responsável. Estou ciente que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar a permissão para participar da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Nome do Responsável pelo Sujeito de Pesquisa: _____

Assinatura do Responsável pelo Sujeito de Pesquisa: _____

Declaro que expliquei ao Responsável pelo Sujeito de Pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

Pesquisador Responsável
Ms. Maria Regina Brecht Albertini
CRP: 06/26.617-3
Tel: (11) 91072183
mrb.albertini@mackenzie.br

Orientador Responsável
DrªAudrey Setton Lopez de Souza
Instituto de Psicologia da Universidade
de São Paulo – IPUSP
Tel: (11) 30914356